O STONE KEITH RICHARDS CONTA TUDO!

EDITORA ABRIL
Nº 8
MARÇO 1986
CR$ 23 000

BIZZ

U2
VOCÊ VOTOU
ELES VENCERAM

DURAN DURAN
A HISTÓRIA DA BANDA

EXCLUSIVAS COM KID ABELHA E CAETANO VELOSO

+ SMITHS ■ SUN CITY ■
BRYAN FERRY ● CAZUZA

PHILIPS

COMPACT DISC PLAYER CD 204 PHILIPS.
O SOM DIGITAL A LASER.

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

NENHUM RUÍDO ENTRE A MÚSICA E A SUA EMOÇÃO.

O CD 204 Philips é o único Compact Disc Player com toda a tecnologia de quem inventou o revolucionário sistema de som digital a-laser - Compact Disc Digital Audio.

Neste sistema, a música é gravada em um pequeno disco preteado em forma de sinais digitais, a mesma linguagem dos computadores. Estes sinais são lidos dentro do toca-discos por um raio laser ultrapreciso e convertidos novamente em música. Resultado: ausência total de chiados, ruídos ou distorções. E presença absoluta do mais puro som e da emoção.

Graças ao sistema ótico de leitura a laser, não existe contato físico, atrito, com o disco. E sem atrito não há desgaste: a durabilidade do disco é praticamente eterna.

Bastam simples toques em suas teclas para você programar as músicas desejadas, na sua ordem preferida. No CD 204 Philips essa tecnologia de última geração se traduz em simplicidade e versatilidade de operação.

O Compact Disc Player CD 204 Philips é totalmente compatível com o seu sistema de som. Basta conectá-lo à entrada auxiliar do seu amplificador que tudo está pronto para você viver o mais revolucionário som do mundo.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

Compact Disc Philips.
A origem do som puro e perfeito, para sempre.

Standard

MARÇO 1986

BIZZ

Foto Linn Goldsmith/ Stills

Quarentão, mais sossegado, Keith Richards, dos Rolling Stones, fala com exclusividade na pág. 35

Nada como eleições diretas. No caso da nossa, para **Os Melhores de 85**, os votos dos leitores, feitos sem pressão e computados sem distorção, mostram resultados inquestionáveis. Veja quem chegou na frente, na pág. 22.

Se o U2 esteve no topo da lista do ano que passou, entre os melhores de 86 irão figurar, sem dúvida, os integrantes dos **Smiths**, que têm sua gênese e espírito dissecados por **Thomas Pappon** na pág. 28. Ouça bem o **flexidisc** que vem de brinde com esta edição e entenda por que eles são tão importantes.

Estas bandas são relativamente novas, se comparadas à longa história dos **Rolling Stones**. **Keith Richards**, alma do grupo, conta em entrevista exclusiva seu papel nos Stones, fala de sua vida atribulada e de sua relação com o rock.

Em outra matéria exclusiva, esta é a questão central: afinal, qual será o futuro dos músicos do **Duran Duran**, bilionários ídolos pop mergulhados na indefinição e em projetos próprios?

Ainda nesta edição de BIZZ, Caetano e o novo rock nacional, Kid Abelha reclamando da crítica paulista e Cazuza destacando sua fase solo. E mais: **Pepe Escobar** ouvindo com exclusividade **Steve Van Zandt**, mentor do projeto **Sun City**, contra o abominável racismo do governo sul-africano. Em *Meu Instrumento*, **César Mariano** conta a **Alexandre Dines** como aprendeu a ter controle total dos teclados.

José Eduardo Mendonça
(chefe de redação)

PS A partir de agora temos uma linha direta para atender você. Ligue para 545-8494 e conte com a gente. Para sugerir o que quer ver, reclamar, pedir informações, ficar em contato com a nossa redação.

ESTE MÊS

22 Os Melhores de 85
Os leitores escolhem seus favoritos
26 Caetano Veloso
Um papo exclusivo sobre rock, trio elétrico e MPB > *José Augusto Lemos*
28 The Smiths
Um fanzine da banda que assola as rádios brasileiras > *Thomas Pappon*
30 Duran Duran
A ruína do sucesso
44 Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens
Uma conversa com os campeões de execução > *Jose Emilio Rondeau*
48 Sun City
Músicos unidos contra o Apartheid > *Pepe Escobar*

TODO MÊS

6 Show Bizz
Notas, notícias e boatos
14 Paradas
Cash Box, Melody Maker, Billboard, New Musical Express e Parada do Leitor
16 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno
20 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes
35 Entrevista
Keith Richards: a alma dos Rolling Stones fala sobre sua vida, seus ídolos e seu trabalho na banda
43 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira
50 Ao Vivo
Tom Waits, Jorge Ben e *Gary Burton*
52 Visual Cinema
A Joia do Nilo, o novo filme de *Michael Douglas*
56 Clip
Uma geral na produção brasileira de clips
60 Porão
Bandas novas rumo à superfície
Inox, Black Future, Baraam & The Angels e *Einstürzende Neubauten*
62 Letra
Bryan Ferry, "Slave to Love"
64 Meu Instrumento
Os teclados de *Cesar Camargo Mariano*
66 Cartas e Serviços
68 Bits Bizz
Computadores aprendem a pensar
70 London Calling
As abobrinhas e groselhas mais frescuinhas da Grã-Bretanha
72 Discoteca Básica
As obras-primas: *Amoroso* de *João Gilberto*
74 Opinião
Na tribuna, *Carlos Arruda*

Fotos da Capa Steve Rapport (LFI - Regan (LFI

CAMISETA JOHN PLAYER SPECIAL. POLE POSITION DA TEMPORADA.

John Player Special

Box, largada, curvas, bandeirada.
No podium, a camiseta John Player Special é a emoção.
Champanhe jorra, vibração.

John Player Special

Hering

VISTA ESTE CLIMA.

PERÍODO NEGRO

A passagem de 85 para 86 foi, sem dúvida, um período negro para a música pop. Entre as últimas semanas de dezembro e as primeiras de janeiro, morreram os seguintes nomes:

Ian Stewart, conhecido como o "sexto Stone", teve uma parada cardíaca fatal em Londres, no dia 12 de dezembro. Junto com **Brian Jones**, Ian fundou os **Rolling Stones** em 62, mas teve de sair quando o empresário **Andrew Loog Oldham** o achou "velho e feio demais" para o grupo. Mesmo assim, Ian continuou martelando seu piano inconfundível em shows e gravações dos Stones, chegando a acumular a função de coordenador de excursões. No final da década de 70, juntou feras como **Charlie Watts** e **Jack Bruce** num grupo dedicado ao rhythm'n'blues e ao boogie-woogie tradicionais, chamado **Rocket 88** (o disco saiu aqui e merece uma caçada nos sebos).

No dia 22, em um acidente de carro, morreu **D. Boon**, vocalista e guitarrista de um dos mais fogosos grupos pós-punk da Califórnia, os **Minutemen**.

Na véspera do Ano-Novo, foi a vez de **Ricky Nelson**, vítima de desastre com seu próprio jatinho particular. Um dos ídolos do rock'n'roll americano na final da década de 50, Ricky emplacou hits memoráveis, como "Poor Little Fool" (58) e "Travellin' Man" (61).

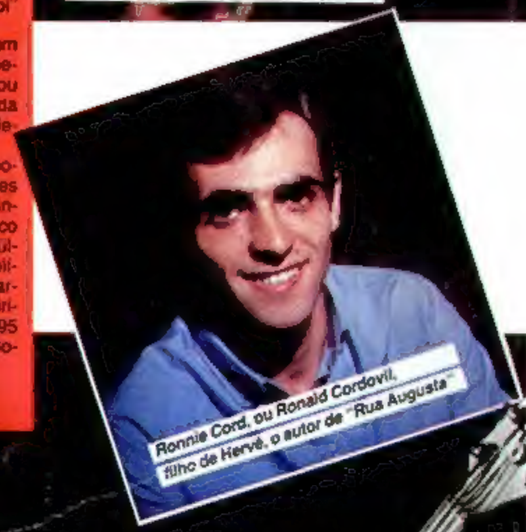
No dia 4 de janeiro, foi a vez do baixista/cantor/compositor **Phil Lynott**, um irlandês mulato, filho de pai brasileiro, que fundou o **Thin Lizzy**. O grupo chegou a ter um fiel séquito de seguidores por seu rock cru e básico, mas só ficou conhecido do grande público com o hit "Whisky in the Jar" (72). A causa da morte não foi divulgada, mas sabe-se que há tempos Phil vinha tendo problemas com drogas pesadas (eek).

Mas o dia mais negro mesmo foi 6 de janeiro, quando morreram dois nomes brasileiros. Aos 43 anos, de câncer no pulmão, foi-se um dos grandes pioneiros do rock brasileiro, precursor da Jovem Guarda, **Ronnie Cord**, o intérprete de "Rua Augusta" e "Biquíni de Bolinha Amarelinha". Outro músico brasileiro — este em fase de ascensão ainda — a morrer no dia 6 foi o multiinstrumentista mineiro **Marco Antônio Araújo**, um dos mais integros e prolíficos do circuito independente. Influenciado pelo rock progressivo inglês, Marco Antônio deixou cinco LPs gravados entre 81 e 85, que podem ser adquiridos nos seguintes endereços: r. Augusta, 2516, conj. 121 — fone 853-4995 (São Paulo); av. Rio Branco, 277, conj. 1801 — fone 220-0494; r. Jardim Botânico, 414 — fone 226-9529 (Rio de Janeiro).

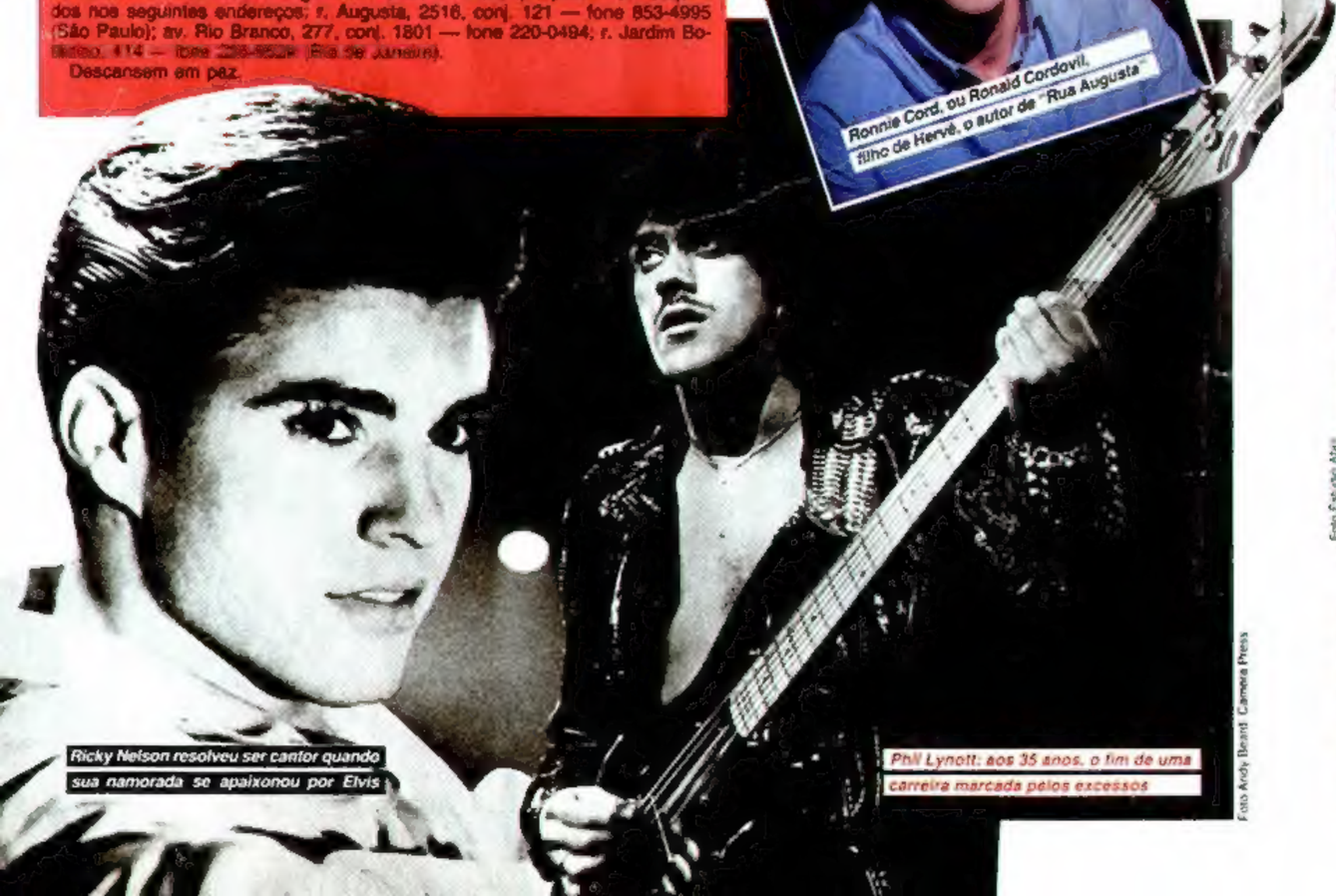
Descansem em paz.

Marco Antônio Araújo: em cinco LPs o amor por Brahms e Jimmy Page

Foto Jorge Rosenberg Abril



Ronnie Cord, ou Ronald Cordovil, filho de Hervé, o autor de "Rua Augusta"



Ricky Nelson resolveu ser cantor quando sua namorada se apaixonou por Elvis

Phil Lynott: aos 35 anos, o fim de uma carreira marcada pelos excessos

Foto Andy Beard/ Camera Press

BOWIE = SINATRA?

Foto LFI

Bowie: jeito de Sinatra?

Em seu recente livro sobre seu pai, **Nancy Sinatra** relata que adoraria ver **David Bowie** estrelando um filme biográfico sobre Frank Sinatra. O ator **Robert De Niro** já se apresentou para o papel, mas Nancy acha que "Bowie parece com meu pai, e sua linguagem de corpo é a mesma. No entanto" ela continua, "não invejo a pessoa escolhida. É uma tarefa quase impossível".

TOP HITS

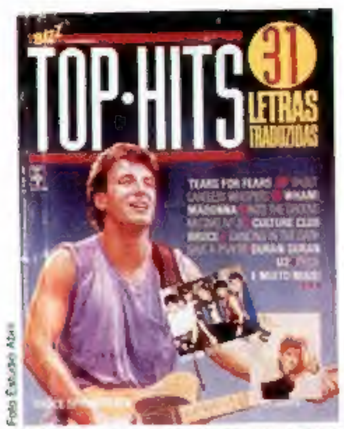


Foto Estúdio Abril

TOP HITS atendendo a pedidos dos leitores

Uma boa parcela dos milhares de cartas que chegam à nossa redação (não parem nunca, please!) é, ou inclui, pedidos específicos para nossa página de *Letras*. Como seria preciso esperar até o ano 2000 para satisfazer todos, BIZZ lançou uma edição especial com as letras traduzidas das músicas mais pedidas por vocês. Se você ainda não viu, corra: *Top Hits* já está nas bancas. E continuem escrevendo!

IAN DURY NO CINEMA

O cantor Ian Dury é mais um astro da música pop que hoje utiliza sua força de expressão trabalhando como ator de cinema. Em *King of the Castle* ele faz o papel de um estilista que trabalha para um gangster paquistanês. Em *Roncinante*, estrelado por John Hurt, Dury interpreta a "consciência" do personagem central. Mas é em *Pirates*, dirigido por Roman Polanski, que ele conseguiu o papel mais adequado: um personagem sombrio chamado *Meathook* (gancho de carne).

OUÇA ESSA

"Tenho certeza que já está dando no saco ouvir Yoko Ono falar mais uma vez sobre paz e amor"

Yoko Ono

Foto A. Boaf/ LFI

Dury: por enquanto, apenas um coadjuvante

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Foto Paulo Ricardo

Celso Blues Boy e Cazuza durante a gravação de "Marginal"

Este mês, os estúdios já começam a voltar a seu movimento normal. Aqui vão alguns lançamentos para abril e maio.

A Polygram vem com **Ney Matogrosso**, **Eduardo Dusek** e **Celso Blues Boy**. *Vertigem* é o LP de Ney e terá uma letra assinada por ele mesmo, além de duas músicas de **Cazuza** e da participação do **RPM**. Celso traz uma participação especial de Cazuza em "Marginal" e uma versão para o português de "I Can't Stand It", gravado por **Eric Clapton**.

A WEA resolveu lançar os novos LPs do **Ira!** e dos **Titãs** e um mini-LP do **Ultraje** gravado ao vivo no Canecão. Já a RCA prepara mais um **Bezerra da Silva** e outro **Fevers**.

A Som Livre vai mesmo soltar o novo LP de **Jorge Ben**. Enquanto isso, a Odeon coloca **Beto Guedes** no estúdio e promete outro LP do **Premeditando o Breque** para breve.

O projeto da Copacabana continua a todo vapor. Seus estúdios estão ocupados para os discos de **Vânia Bastos**, com produção de **Arrigo Barnabé**; **Elton Medeiros**, com participação de **Paulinho da Viola**; e **Época de Ouro**, grupo que tocava com **Jacob do Bandolim** e que, neste LP, contará com a presença de **Paulo Moura** e da orquestra de **Severino Araújo**.

Os independentes também vêm à toda. A Baratos Afins deve lançar, em abril, o disco dos **Ratos do Porão**. Logo em seguida virão **Voluntários da Pátria**, **Smack** e **Akira S. e as Garotas que Erraram**. O selo Ataque Frontal está gravando o segundo LP do **Cólera** e o mini-LP do **Lobotomia**. Estes discos terão a participação de alguns **Dead Kennedys**. **Jello Biafra** já confirmou presença.

O **707**, ex-Inteligência, está de vocalista novo, o ex-Tutti Frutti **Simbas**, e foi mixar e cortar nos EUA. O disco deve sair ainda este mês.

PARALAMAS DE DISCO NOVO

Foto Rui Mendes

Dub e afro no novo disco dos Paralamas

Os Paralamas do Sucesso estão trancados no estúdio Nas Nuvens com o produtor **Liminha**, criando *Selvagem?*, o sucessor de *Passo do Lui*, álbum que deu à banda seu primeiro disco de ouro. O novo disco, com lançamento previsto para o fim do mês, garante muitas surpresas: o som da banda está completamente novo, com muitos arranjos em *dub* (técnica bastante usada em discos jamaicanos, que enfatiza a parte rítmica da canção e utiliza toneladas de eco de repetição), mais a incorporação crescente de elementos brasileiros típicos e sonoridades afro.

PARA VER O COMETA

Foto Goudeneche/ Spes Press

Foto Sadon/ Spes Press

Sting e Mark Knopfler: em abril, juntos num concerto para o cometa

Os australianos vão ter trilha sonora para ver a passagem do Halley. É que na madrugada de 11 de abril, o melhor dia para se ver o cometa na Austrália, Sting e Dire Straits vão fazer o *Rock Around the Rock — A Volta do Cometa*. O concerto será em Ayre's Rock e deverá ter a participação de duas bandas australianas.

Atenção: é bem capaz que o show seja transmitido para as TVs do mundo todo. Tomara que alguma brasileira se manifeste.

OUÇA ESSA II

"O tira dizia 'Oh! minha filha acha você maravilhoso'. Ele tinha acabado de me pegar chupando um cara no parque e me dizia que a filha dele me acha maravilhoso. Eu ia mandar um disco de ouro para ele"

Jimi Sommerville, ex-Bronski Beat

TALVEZ, QUEM SABE...

Foto Ebet Roberts LFI

Se John Cage veio, por que não Laurie Anderson?

Um jornal paulistano noticiou, para agosto, a visita de dois estupendos expoentes da vanguarda minimalista nova-iorquina. Os nomes dos bois são **Laurie Anderson** e **Philip Glass** — pertencente ao núcleo minimalista original, junto com **Terry Riley** e **Steve Reich**, e autor, entre outras obras-primas, das trilhas sonoras de *Mishima* e *Koyaanisqatsi*.

O negócio é ver antes de crer, pois o mesmo jornal já anunciou *duas vezes* a vinda de Laurie Anderson, além das visitas de **Talking Heads**, **James Brown** e **Miles Davis** para a "temporada" do ano passado. Saliva derramada não move moinhos!

NO VENTILADOR

Foto Wellson LFI

Robert Palmer de volta à carreira solo

O cantor **Robert Palmer** já não pertence mais ao **Power Station**. Quando o grupo decidiu excursionar no final do ano passado, ele resolveu sair para reiniciar sua carreira solo. Suas relações pessoais com o resto do grupo, **John Taylor**, **Andy Taylor** (Duran Duran) e **Tony Thompson** (Chic) ainda são boas, apesar das suas recentes declarações sobre o primeiro LP do Power Station: "O disco é um lixo e vendeu três milhões de cópias. Tudo foi uma grande palhaçada".

VENDEM-SE ORQUESTRAS

A linha Toccata de órgãos eletrônicos portáteis, da Giannini, é composta de 4 modelos: Toccata S, R, RB, RA. Eles possuem 49 notas no manual, ou seja, 4 oitavas completas que eliminam a limitação de interpretação de músicas mais elaboradas, uma vez que a maioria dos teclados possui apenas 44 notas. A linha Toccata foi desenvolvida com uma alta tecnologia que permite produzir o acompanhamento peculiar a uma orquestra, cabendo a você apenas o solo, com opção de inúmeros timbres, controles de níveis e tempos independentes, através de um sistema conhecido como O.F.C. (One Finger Chord). Por isso, se você sempre quis tocar em uma orquestra, comece num Toccata. Afinal, ele é portátil tanto no tamanho como no preço.

Giannini®
O SOM MAIOR

EVANDRO TROCA BLITZ POR TINA TURNER

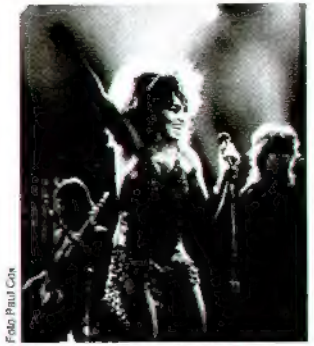


Foto Paul Cox

Tina Turner na TV com Pepsi e Evandro

A campanha publicitária da Pepsi para 86 vai começar a ser veiculada ainda este mês. No filme, a presença do venerável **Evandro**, contracenando com nada mais nada menos que **Tina Turner**.

Esta é a primeira aventura de Evandro sem a **Blitz**. Correm boatos de que ele resolveu seguir os passos de **Cazuza** e deve partir para a carreira solo.

Quanto à vinda de Tina ao Brasil, parece que ela não anda muito entusiasmada.

FRIPP SORRINDO À TOA

Foto Steve Rapport LFI

Foto Ebet Roberts LFI

Toyah e Fripp: um estranho caso de amor

O guitarrista Robert Fripp, uma das figuras mais gélidas do rock, está amando. Fripp, líder do extinto King Crimson, ficou noivo da cantora Toyah Wilcox. A mãe de Robert, Mrs. Edie Fripp, aprovou a futura nora: "Ela é uma garota muito doce e simpática".

OUÇA ESSA !!!

"Toda manhã eu entro no banheiro, me olho no espelho e digo a mim mesmo que sou o pior f-d-p vivo no planeta. Mas eu sempre puxo a descarga antes de sair; por isso, não posso ser tão ruim assim."

George Clinton

ELE MERECE

Foto Der Keerle Gamma

Geldof já!

Atenção, leitor! Se você quiser engrossar o número de jovens do mundo todo que estão escrevendo para apoiar São Bob Geldof para o Nobel da Paz de 86, o endereço do comitê responsável é o seguinte: The Nobel Institute, Drammensveien 19, Oslo 2, Noruega.

TE CUIDA, GODARD!

Ao ser entrevistado para esta edição de BIZZ (pag. 26), **Caetano Veloso** não contou nadinha sobre um projeto ultra-secreto que já acalentava. Mas o lance acabou vazando e ficamos sabendo que ele será diretor e roteirista de uma nova película cinematográfica *made in Brazil*, tendo sua musa **Regina Casé** de braço direito.

Para quem não sabe, Caetano começou na "vida pública" como crítico de cinema de um jornal baiano.

KID CREOLE NO BRASIL

Salvo colisão do Halley com a Terra, desembarca em março no Brasil, para apresentações no Rio e em São Paulo, a superbanda Kid Creole & The Coconuts (dê uma espiada nos jornais para confirmar locais e datas). Também estão na agenda do grupo gravações para o *Fantástico* e *Mixto Quente*.

PARA VER O COMETA PASSAR II

Foto Paula de Tarso

Raul Seixas toca na Sexta-feira Santa

Não vai ser privilégio apenas dos australianos ver o Halley passar com trilha sonora. De 27 a 30 deste mês, na Semana Santa, vai acontecer em Campinas o Cometa Rock 86. Com espaço para acampar e no meio de observações celestes e happenings astronômicos você vai ver e ouvir gente como **Raul Seixas, Itamar Assumpção, Baby, Pepeu, Walter Franco, Made in Brazil, Língua de Trapo, Camisa de Vênus, Tetê Espíndola, Titãs e Kiko Zambianchi.**

ROCK IN RIO II

Quem estava esperando um Rock in Rio (ou *in* qualquer lugar) para antes de janeiro de 87 pode ir tirando os cavalinhos da chuva. Seja como for, **Roberto Medina** já levanta os hipotéticos nomes de **Tina Turner, Lionel Richie** e **Duran Duran** para esquentar ainda mais o próximo verão brasileiro. BIZZ diz: até aí tudo bem, mas que tal um pouco de rock nessa jogada?

Compact Disc Digital Audio Player DX-100 B.

A emoção surpreendente do som.

Prepare-se para uma descoberta surpreendente: o Compact Disc Digital Audio Player DX-100 B, o toca-disco laser da Sharp.

A precisão da tecnologia laser fazendo chegar aos seus ouvidos a emoção de um som absolutamente puro e cristalino.

Em cada um dos recursos do Compact Disc Digital Audio Player Sharp você vai encontrar uma nova concepção de som: Sistema APMS para programação automática de até 15 músicas; Sistema APSS de localização automática e seqüencial de músicas; Sistema APLD para localização e reprodução intercaladas de até 20 músicas; Tecla Memory; Funções Cue/Review (avanço e retrocesso com som).

Essas e muitas outras inovações esperam por você no Compact Disc Digital Audio Player DX-100 B, o toca-disco laser da Sharp, distribuídas na inteligência do seu formato mid-size e valorizadas ainda mais pela atualidade do seu design.

Passe hoje mesmo no revendedor mais próximo e conheça o Compact Disc Digital Audio Player DX-100 B.

É a Sharp revelando para você o lado surpreendente e emocionante do som.

SHARP

O som do laser

Rock Around the Clothes.

Top Plus está fazendo um lançamento que vai colocar você nas paradas de sucesso. Top Plus Connection, para você produzir seu visual com seu jeans Top Plus do jeito que quiser e como bem entender. Tudo com as estampas, as cores e os padrões que combinam com a estação mais quente do ano. Top Plus Connection. A idéia mais arejada do verão.

TOPPLUS CONNECTION

Cai bem no verão. Cai ainda melhor em você.

PARADA BIZZ

Parada do Leitor

1	(1)	*Like a Virgin* - **Madonna** (WEA)
2	(2)	*Like a Virgin* - **Madonna** (WEA)
3	(N)	*Rita e Roberto* - **Rita Lee e Roberto de Carvalho** (Som Livre)
4	(3)	*Revoluções por Minuto* - **RPM** (CBS)
5	(7)	*The Unforgettable Fire* - **U2** (WEA)
6	(10)	*Educação Sentimental* - **Kid Abelha e os Abóboras Selvagens** (Odeon)
7	(N)	*Roque Santeiro Nacional* - **Vários** (Som Livre)
8	(N)	*Make it Big* - **Wham!** (CBS)
9	(N)	*Festival dos Festivais* - **Vários** (Som Livre)
10	(N)	*Boys and Girls* - **Bryan Ferry** (Polygram)
	(N)	*Sessão da Tarde* - **Léo Jaime** (CBS)
	(N)	*Little Creatures* - **Talking Heads** (Odeon)
	(N)	*Forever Young* - **Alphaville** (WEA)
	(N)	*The Head on the Door* - **The Cure** (Polygram)
	(N)	*A View to a Kill* - **Duran Duran** (Odeon)

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Cash Box (EUA) 21.12.85 Compactos

1	(3)	"Say You, Say Me" - **Lionel Richie** (Motown)
2	(1)	"Broken Wings" - **Mr. Mister** (RCA)
3	(7)	"Party All the Time" - **Eddie Murphy** (Columbia)
4	(5)	"Alive & Kicking" - **Simple Minds** (A&M/ Virgin)
5	(2)	"Separate Lives" (Love theme from *White Nights*) - **Phil Collins/ Marilyn Martin** (Atlantic)
6	(4)	"We Built this City" - **Starship** (Grunt/ RCA)
7	(8)	"Election Day" - **Arcadia** (Capitol)
8	(11)	"Small Town" - **John Cougar Mellencamp** (Riva/ Polygram)
9	(9)	"Sleeping Bag" - **ZZ Top** (Warner Bros.)
10	(14)	"That's What Friends Are For" - **Dionne & Friends** (Arista)

Billboard (EUA) 28.12.85 LPs

1	(2)	*Miami Vice* - **Trilha do seriado de TV** (MCA)
2	(1)	*Heart* - **Heart** (Capitol)
3	(3)	*Scarecrow* - **John Cougar Mellencamp** (Riva/ Polygram)
4	(5)	*The Broadway Album* - **Barbra Streisand** (Columbia)
5	(4)	*Afterburner* - **ZZ Top** (Warner Bros.)
6	(6)	*Brothers in Arms* - **Dire Straits** (Warner Bros.)
7	(7)	*In Square Circle* - **Stevie Wonder** (Tamla)
8	(8)	*Born in the USA* - **Bruce Springsteen** (Columbia)
9	(15)	*Knee Deep in the Hoopla* - **Starship** (Grunt/ RCA)
10	(11)	*Songs From the Big Chair* - **Tears for Fears** (Mercury/ Polygram)

Melody Maker (GB) 14.12.85 Indep

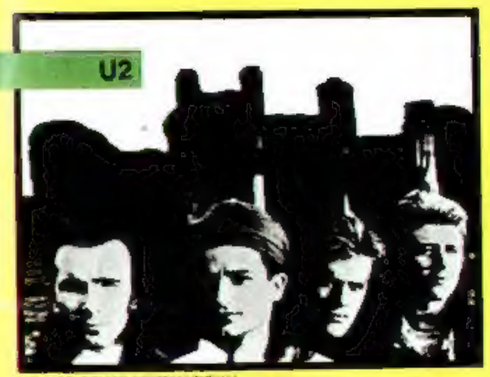
1		*Aide Memoire* - **Georg Katzer** (Recommended)
2		*Cosmo Sun Connection* - **Sun Ra** (Saturn)
3		*Rackabones* - **Biota/ Mnemonists** (Dys)
4		*Re Record's Quarterly Vol. 1* - **Vários** (Re)
5		*Hiroshima* - **Sun Ra** (Saturn)
6		*There's Nothing Quite Like Money* - **Happy End** (Circus)
7		*Children of the Sun* - **Sun Ra** (Saturn)
8		*Splutter* - **Tim Hodgkinson** (Wolf)
9		*Zap the Universe* - **Polkaholics** (Utility Grade)
10		*Les Flots Bleu* - **Racaille/ Portalis** (Recommended)

New Musical Express (GB) 4.01.86 LPs

1	(1)	*Now VI* — **Vários** (EMI/ Virgin)
2	(3)	*Now — The Christmas Album* — **Vários** (EMI/ Virgin)
3	(2)	*Hits III — The Album* — **Vários** (CBS/ WEA)
4	(6)	*Brothers in Arms* — **Dire Straits** (Vertigo)
5	(4)	*Love Songs* — **George Benson** (K-Tel)
6	(7)	*Promise* — **Sade** (Epic)
7	(5)	*The Singles Collection* — **Spandau Ballet** (Chrysalis)
8	(12)	*Like a Virgin* — **Madonna** (Sire)
9	(8)	*The Love Album* — **Vários** (Telstar)
10	(10)	*Ice on Fire* — **Elton John** (Rocket)

Convenções
( ) o número entre parênteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada

CONSAGRADA EM 85
A MÚSICA DOS ANOS 90



MELHOR GRUPO INTERNACIONAL
MELHOR VOCALISTA INTERNACIONAL (BONO VOX)
MELHOR MÚSICA INTERNACIONAL (PRIDE)

MELHOR LP INTERNACIONAL

MELHOR GRUPO NACIONAL
MELHOR LP NACIONAL

MELHOR INSTRUMENTISTA NACIONAL (EDGARD)
2.º MELHOR LP NACIONAL
2.º MELHOR GRUPO NACIONAL

wea

LANÇAMENTOS

DISCOS

O CORSÁRIO DO REI/ MALANDRO — Chico Buarque e artistas convidados (Som Livre/Polygram)

Tá certo. Chico pode, até, como afirmam alguns, ter perdido o viço, apesar da certeira mensagem de "Vai Passar", bom presságio de uma Nova República que não chegou a acontecer. Chico é, ainda, um salário altíssimo na Globo, com a qual esteve brigado por muitos anos. É passageiro freqüente da dúbia ponte Rio/Havana. Estes e outros motivos deixam seu flanco aberto a detratores. Mesmo assim, em seus vinte anos de carreira, o compositor e poeta deixou marcas fundas e indeléveis na chamada MPB, e só isso lhe garante vaga no *podium* da débil cultura nacional. Incursionando no teatro desde a década de 60, Chico nunca deixou de colaborar com esta área. E lança agora *Malandro*, com músicas novas que fez para a adaptação no cinema de *A Ópera do Malandro*, com direção de Ruy Guerra (conservando apenas duas músicas da peça, "Hino à Repressão" e "Tango do Covil"), e as canções da peça *O Corsário do Rei*, com músicas de Edu Lobo. Resultados competentes, porém previsíveis, neste tipo de empreitada. E um bando de convidados, que incluem, em *Corsário*, Fagner (argh!), Blitz, Gal, MPB-4, Nana Caymmi, Tom Jobim, Djavan e a "Mocinha" Lucinha Lins. E, em *Malandro*, Ney Matogrosso, Ney Latorraca (!), Paulinho da Viola e Bebel. *José Eduardo Mendonça*

HERE'S TO FUTURE DAYS — Thompson Twins (Arista/RCA)

Desenterraram *Revolution* dos Beatles e gravaram a única faixa interessante deste LP. Mesmo assim muito melhor mesmo continua sendo o original de Lennon e McCartney, de 68.

Uá uá uá, tum tum tum, ô ô ô ô, au, ô ô, AU! Assim começa o disco, que não precisa nem ser tocado para se ouvir esta primeira faixa. Depois um baladão, onde o melhor mesmo deve ser não entender inglês. Discoteca "Dancing Days", mais au au au com eco e efeitos eletrônicos e nada mais.

Um prato cheio para rolar nas programações das FMs "tanto faz" até estourar algum sucesso (bem que podia ser, pelo menos, a faixa "Revolution").

Crédito seja dado à impecável produção e qualidade de prensagem, o que para os curtidores do gênero é um prato cheio.

O disco termina no seu pior momento, com uma canção que não serve nem para lembrar de alguém que você não goste. Ou que não goste de você. Depois só mesmo esquecendo tudo. *Carlos Arruda*

ERIC SATIE VOL. 6 — Cordélia Canabrava Arruda (Fermata)

Se você pensa que certas ousadias musicais foram inauguradas pelos Beatles ou pelo Pink Floyd, ouça esse irrequieto compositor francês, que já em 1917 colocava máquinas de escrever e sirenes em uma obra aloprada, *Parade*. Este é o último LP de uma série que, louvavelmente, registra pela primeira vez no vinil todas as 41 peças para piano de Satie. Cordélia, uma aficcionada pela obra, a resgatou em sua essência — clareza de harmonia e tessitura e equilíbrio melódico. Bem marcados, ainda, nos discos da série, os tons bizarros e o humor finíssimo, quase beirando o sarcasmo. Satie era tido como preguiçoso no ano em que freqüentou o Conservatório de Paris. Saudável e santa preguiça. *J.E.M.*

POUR ELISE/ VARIAÇÕES EROICA/ SEIS BAGATELAS OP.126 — Alfred Brendel (Polygram)

Conseguir fazer com que uma pecinha simples como "Pour Elise" — conscienciosamente massacrada, ano após ano, por todo estudante de piano que se preze — soe como uma obra-prima não é coisa para qualquer um! Confirme isso, ouvindo a belíssima leitura que dela faz o austríaco Alfred Brendel, um dos maiores intérpretes atuais da obra de Beethoven. Mas a grande atração, neste recital, fica por conta das "variações Op. 35", sobre um tema extraído da Sinfonia n.º 3; e as "Seis Bagatelas Op. 126" — miniaturas perfeitas, nas quais desabrocha o lirismo beethoveniano da plena maturidade. *L.M.C.*

VERDE E AMARELO — Roberto Carlos (CBS)

Donde se conclui que já está mais do que na hora de ser proclamada a república na música brasileira. Não que o Rei esteja nu — pior que isso, meteu a mão no bolso de seu jeans, arregaçou a manga da camiseta e lançou-se candidato ao cargo de Bruce Springsteen tupiniquim. Pois o que é "Verde e Amarelo" — com seu refrão "coro-das-multidões" — se não uma tentativa "Born in the U.S.A." feita de encomenda para o país do futebol às vésperas de mais uma Copa do Mundo? Receita para o machão amante à moda antiga: uma pitada de patriotismo pega bem hoje. No mais, canções de amor e desamor para donas-de-casa na menopausa. E Roberto já foi subversivo... *J.A.L.*

30 ANOS DE ROCK — Raul Seixas (Polygram)

O melhor roqueiro do Brasil segue quase à risca, neste disco, sua afirmação (em BIZZ 6) de que o rock morreu em 59. Num seguro e competente pot-pourri, revive sucessos quase todos anteriores a esta data, como os clássicos "Blue Suede Shoes", "Rock Around The Clock", "Tutti Frutti", "Long Tall Sally", "Bop-a-Lena", "Diana" e "The Great Pretender". Numa coletânea que inclui ainda hits da Jovem Guarda ("Rua Augusta", "O Bom" e "É Proibido Fumar"), Raul fica prejudicado apenas pelo curto espaço dedicado a cada uma delas (são 25 músicas!) e pela transição entre elas, marcada por um clima de "ao vivo". De resto, um rock sem firulas, com arranjos de Chiquinho de Moraes servindo de discreta base ao vigoroso ataque de nosso maior patrimônio roqueiro. *J.E.M.*

Foto: Estúdio Abril

LISTEN LIKE THIEVES — INXS (Polygram)

Este quinto álbum do grupo australiano INXS (pronuncia-se *in excess*) traz faixas para todos os gostos, do refrão pegajoso de "This Time" ao tecno-funk "What You Need", passando pelas guitarras de "Biting Bullets", que lembram o grupo norte-americano Wall of Woodoo.

Embora o INXS não se compare a seus conterrâneos Hoodoo Gurus e Midnight Oil (ainda inéditos no Brasil), sua riqueza musical — sublinhada aqui pela ótima produção de Chris Thomas (Sex Pistols, Pretenders, Pete Townshend, entre outros) — já justifica a audição deste disco, que acabará agradando igualmente a darks e praianos. *Tom Leão*

THAT'S WHY I'M HERE — James Taylor (CBS)

Sem gravar desde 1981, James Taylor escorregava rapidamente para o ocaso depois de uma brilhante carreira que nos anos 70 o colocou como ponta de lança de toda uma revolução estético/poética no rock norte-americano. Atrapalhado por produções que valorizavam o artificialismo dos estúdios em detrimento do sentimento de camaradagem quase cúmplice dos seus primeiros discos, Taylor vinha sucumbindo ao desânimo quando — eureka! — foi convidado para o *Rock in Rio*.

Sem balela — parece ter sido imenso o impacto do festival do ano passado na carreira de James. Este é seu melhor disco em muitos anos e proporciona um prazer renovado a cada audição. E ainda existe uma faixa dedicada ao Brasil da Nova República, "Only a Dream in Rio". *J.E.R.*

MAURICE WHITE (CBS)

Em seu primeiro trabalho solo após a aparentemente temporária dissolução do Earth, Wind & Fire — grupo que fundou como vocalista principal — Maurice White é previsível sob todos os aspectos. Como era de se esperar, um time de músicos renomados (entre eles o brasileiro Paulinho da Costa) dá uma mãozinha; a produção é esmeradíssima, mas, no fim das contas, este álbum soa como qualquer um dos discos do E, W & F: bonitinho e repetitivo. E, enquanto disco solo, é apenas um passatempo de fôlego curto que será rapidamente esquecido.

O destaque é a faixa "Stand by Me", de Leiber, Stoler e Ben E. King (e não B.B. King, como teima o release), imortalizada no passado por Lennon, e "Children of Afrika", que dispensa apresentações. *Tom Leão*

ICE ON FIRE — Elton John (Polygram)

Com todas as suas loucuras e modernices musicais a Inglaterra também tem seu Roberto Carlos. Ele se chama Elton John e é o favorito da Rainha. No toca-discos de uma família inglesa, papai prefere Elton. O Júnior, no entanto, não pára de tocar o novo compacto do Jesus and Mary Chain; e a ele dou apoio irrestrito.

Ice on Fire é mais um álbum superproduzido que leva um título criativo. Tem popzinhos radiofônicos, baladas meladas, tudo composto pelo velho e inseparável amigo de Elton, Bernie Taupin. E na faixa de trabalho, "Nikita", Elton reparte os vocais com o horrendo George Michael, do abominável Wham!. A vodka de mesmo nome (Nikita dá menos dor de cabeça). *T.L.*

UNDER A RAGING MOON — Roger Daltrey (RCA)

Fazia tempo que Daltrey nos devia um trabalho consistente, sem modernismos inúteis e vazios. Mas, com este LP, ele apaga um pouco a má impressão que seus últimos trabalhos deixaram.

Como se não bastasse isso, ele conta com o excelente trabalho de seus músicos — o batera M. Brzezicki e o guitarrista R. McIntosh.

A faixa-título lembra muito o sucesso do Who, "Won't Get Fooled Again", e traz um time de bateras tocando numa homenagem ao falecido amigo e batera Keith Moon e a seu estilo raivoso e inesquecível: Martin Chambers (Pretenders), Roger Taylor (Queen), Cozy Powell (ELP), Stewart Copeland (Police), Carl Palmer, Mark Brzezicki e Zak Starkey (filho do Beatle Ringo Starr e ex-aluno de Moon).

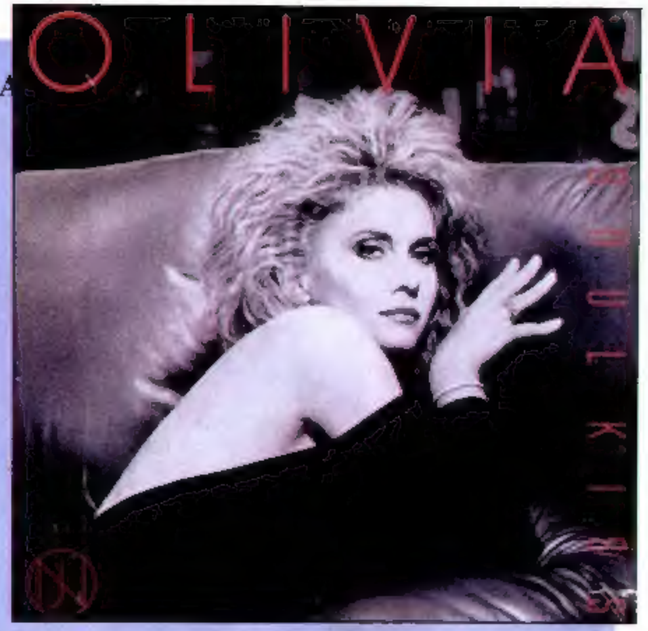
Além de algumas composições próprias, Roger gravou coisas de Pete Townshend, Russ Ballard, Robbie McIntosh e Bryan Adams. *L.R.*

DOG EAT DOG — Joni Mitchell (CBS)

Da mesma forma que David Bowie costuma se reinventar periodicamente, a cantora-compositora canadense Joni Mitchell vem incorporando diferentes personalidades durante quase duas décadas de carreira. Das agridoces baladas folk que marcaram sua estréia à exuberante jazzista, de álbuns como *Mingus*, Joni acumulou experiências musicais vividas com os grandes artistas das áreas pop, rock, folk e jazz, como Pat Metheny, Graham Nash, Bob Dylan e Jaco Pastorius, para citar apenas alguns de seus mentores passados. Desta vez Joni reconciliou-se com o pop que abandonara no final dos anos 70 e acabou fazendo seu disco mais acessível em muito tempo. Bastante do crédito deve ser dado à não pequena ajuda do tecladista e co-produtor Thomas Dolby, que emprestou sua síntese acústico-eletrônica às melodias picotadas e à poesia simples de Mitchell. Graças a ele, por exemplo, Joni obtém um hit instantâneo em "Good Friends", na qual a cantora dueta com o vocalista Michael McDonald (ex-Doobie Brothers): jamais Joni foi tão ultramoderna como aqui, envolvida por músculos de bateria eletrônica e por um dos fraseados de baixo mais hipnóticos de que se tem notícia. Não pense, contudo, que em *Dog Eat Dog* Joni rompeu com seu passado. Pelo contrário, o sobretom político de suas letras continua presente. Em "Tax-Free" seu alvo é a beligerância tacanha da administração Reagan e em "Impossible Dreamer" Joni Mitchell confessa suas saudades do pacifismo utópico de John Lennon. *José Emílio Rondeau*

DISCOS

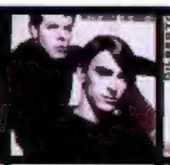
RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RA

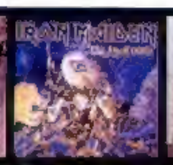


Cacilda. Parece muito mais rasteiro do que rápido. Foi a primeira coisa que pensei quando recebi a lista de discos para esta seção. Munido de boa vontade e de uma estupenda dose de paciência, fui para casa e botei para rodar primeiro **Cristopher Cross** e seu **EVERY TURN OF THE WORLD** (WEA). Cacilda, pensei de novo. Pra quem não se lembra, é o mesmo rapaz que perpetrou "Sailing", aquele baladão lacrimoso do *Coração Alado*. Ele é corredor de Fórmula 3 e tem cabeça idem, embora a voz não seja a do tipo Topo Gigio, que marca nossos homens de F 1. É dose ⊗ Depois disso, veio **Boy Meets Girl** (CBS), dupla americana formada por **George Merril** e **Shannon Rubicam.** FM de sábado à noite, com uma bossa-nova marcada por toques diluídos à la Tangerine Dream (os tecnopops da trilha de *Moto Laser).* Shannon disse que na verdade queria ser médica. Pelo menos com este LP não consegue matar ninguém, a menos que tédio mate mesmo ⊗ Na seqüência, abro o disco de **Olivia Newton John, OLIVIA** (Polygram), e cai dele um encarte com uma loura fornida vestida de vermelho sobre uma cama idem. Até aí, tudo bem. Para quem curte o gênero, um som meramente competente da coleguinha de John Travolta. Na percussão, mais uma vez, Paulinho da Costa ⊗ Já **João Nogueira** é, de longe, o melhor do pacote, com o samba bem-humorado de **DE AMOR É BOM** (RCA). Destaque para a letra de "Ben Hur dos Macacos": "Quem agüenta dois incêndios é japonês de estatal" (aquele Ueki da Vila Socó) ⊗ Tem ainda **Paula,** moça de partido alto descoberta pelo sambista Rildo Hora, e seu **LUZES DO MORRO,** bom para se ouvir à luz de uma cachacinha. A voz da moça tem um vibrato adoidado, mas pode crescer no gênero. Nas letras, achados tipo: "A gente bota essa joça pra ferver/ Abre a panela Estela". Ufa. Eu já estava olhando pela janela do apartamento lá para baixo e pensando em bobagens quando notei que só havia mais um na pilha. Era **JOHN PARR** (Polygram), com o hit "St. Elmo's Fire". Em matéria de Parr, eu fico com o *Old*.

José Eduardo Mendonça

BOLSA DE DISCOS





	THE CURE "The Head on the Door" (Polygram)	STYLE COUNCIL "Our Favourite Shop" (Polygram)	GILBERTO GIL "Dia Dorim Noite Neon" (WEA)	IRON MAIDEN "Live After Death" (EMI - Odeon)	MILTON NASCIMENTO "Encontros e Despedidas" (Polygram)	DEXY'S "Don't Stand me Down" (Polygram)
Carlos Arruda				•		
José Eduardo Mendonça						
José Augusto Lemos						
José Emilio Rondeau						
Luiza de Oliveira				•		•
Alex Antunes				•	•	
Leopoldo Rey		•			•	

Convenções
Sublime
Interessante
Razoável
Lixo

BIQUINI CAVADÃO
REVELAÇÃO NACIONAL

MARK KNOPFLER
MELHOR INSTRUMENTISTA INTERNACIONAL

MONEY FOR NOTHING
MELHOR VÍDEO-CLIP INTERNACIONAL

LLOYD COLE & THE COMMOTIONS
REVELAÇÃO INTERNACIONAL

EM 85 OS LEITORES E A CRÍTICA MUSICAL DA REVISTA BIZZ ELEGERAM

OS MELHORES DO ANO

PolyGram

MUSICAL

MAKING MOVIES (1980)

Foto Paul Mendes

Com Dire Straits

Por esta época, a banda já havia estourado por lá, com a hoje antológica "Sultans of Swing" (1978). Esta fita contém a, digamos assim, dramatização de três músicas do LP do mesmo nome, em clipões produzidíssimos e concentrados. Mark Knopfler, que sempre caprichou nos clips de sua banda (ver o excelente *Money for Nothing*), consegue bons resultados com "Romeo and Juliet", "Tunnel of Love" e "Skateaway". Se você é fã, corra atrás. Para ver mais de uma vez.

TINA TURNER: PRIVATE DANCER LIVE (1985)

Quase uma hora de pura eletricidade, num tape feito em diversos locais durante a excursão do ano passado. As canções incluem "Show Some Respect", "What's Love Got Do to With It" (que existe também em uma bela versão clip), "Private Dancer", "Help" (de arrepiar), "It's Only Love" (em dueto com Bryan Adams) e "Let's Dance" (em dueto com o genial e charmoso mr. Bowie). Se você puder ligar seu vídeo ao equipamento de som, aumente o volume, veja e dance. Vai ser difícil ficar parado. Tina, aliás, poderá ser uma das próximas atrações do Rock Media [].

CARMEN (1984)

Direção: Francesca Rosi. Com Placido Domingo, Julia Migenes-Johnson

Filmado na Andaluzia, onde se passa a ação da ópera de Bizet, um clássico envolvendo paixão e ciúme. Carmen é uma morena intempestiva que seduz o ingênuo soldado dom José. Abandonado depois por ela, José segue uma rota que desemboca na tragédia. Bela reconstituição de época e atuações notáveis de Domingo e Migenes Johnson. O avesso da versão plástica e simples de Saura.

ROCK E ROCK MESMO (The Song Remains the Same, 1976)

Direção: Peter Clifton e Joe Massot. Show do Led Zeppelin em 73, no Madison Square Garden (N.Y.)

Considerado um abacaxi por Jimmy Page — que o deixou três anos na geladeira —, ainda assim o filme tem o mérito de flagrar o velho e bom Led em grande forma. O show é da excursão em que bateram todos os recordes de público dos Beatles, com petardos mesqueríveis como "Dazed and Confused". Pouco depois, a banda começaria a entrar em parafuso. *J.A.L.*

COMÉDIA

MOVING VIOLATIONS (1985)

Direção: Neal Israel. Com John Murray, Jennifer Tilly, James Keach

Comédia superamericana, com automóveis de montão. A polícia dá aulas de trânsito para motoristas que vivem barbarizando. Pode ser que nem pinte por aqui, por isso é bom procurar no videoclube. Boas risadas e muita ação, mas um dos pontos mais fortes é a presença, na trilha sonora, de Nona Hendryx, com um som de enlouquecer. Aliás, ela nunca foi lançada aqui. Vale, ainda, a veterana Sally Kellerman.

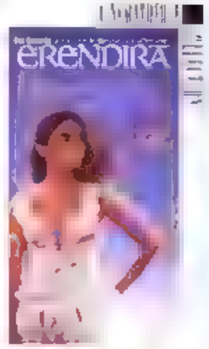
A ROSA PURPURA DO CAIRO (The Purple Rose of Cairo, 1985)

Direção: Woody Allen. Com Mia Farrow, Jeff Daniels

Entediada dona-de-casa envolvida em mesquinha vida conjugal busca conforto nos filmes escapistas da década de 30. Até que um dia o galã de uma fita clássica sai da tela para ir a seu encontro. Uma interação achatapante de dois cinemas: um filme dentro do filme, numa comédia genial do grande mestre do humor moderno.

DRAMA

ERÊNDIRA (1983)



Direção: Ruy Guerra. Com Irene Papas, Claudia Ohana

Baseado em romance do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez. Uma espécie de fábula adulta sobre uma adolescente, a bela Ohana, explorada como escrava sexual por sua avó avarenta. Guerra preserva o clima do livro, pautado pelo chamado realismo mágico, com resultado calvante. Sobra espaço, também, para uma sutil alegoria política, a da dominação num continente subjugado.

SUBURBIA (1983)

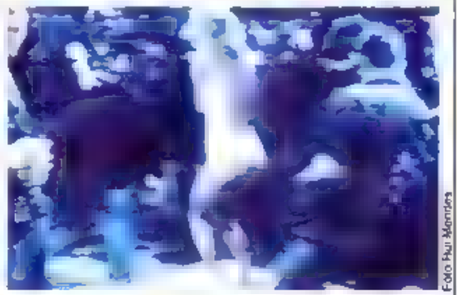


Foto Paul Mendes

Direção: Penelope Spheeris. Com Chris Pederson, Bill Cowne

Filme que se transformou em culto no exterior e está chegando por aqui. *Suburbia*, na verdade, peca em excesso por clichês adolescentes e pontos de vista preconceituosos sobre a vida e as atividades de um grupo de punks de um típico subúrbio americano, último refúgio de uma classe média em busca de um paraíso impossível. Um menino, fruto de um casamento frustrado, foge de casa e junta-se a uma gangue cuja atividade é beber, dançar e brigar no clube *dark* local, ao som de uma trilha sonora que não chega a convencer. Mas, como muita coisa vazia anda na moda, pode até funcionar.

PARIS, TEXAS (1983)

Foto: Estúdio Abril

Direção: Wim Wenders. Com Harry Dean Stanton e Nastassja Kinski

Assim como *O Mundo do Coração*, de Coppola, é uma pedra de genialidade bruta disfarçada de bisteca-de-amor barata. Um homem, uma mulher, uma criança: a partir daí Wenders chega às lágrimas sem pisar no dramalhão.

Contribuem com igual peso o roteiro de Sam Shepard, a acachapante fotografia de Robby Mueller e a trilha sonora de Ry Cooder (uma obra-prima por conta própria). Na lista dos melhores de 85 de todos. *J.A.L.*

Fitas cedidas pelo videoclube Omni (SP). Todas as indicações não assinadas são da autoria de José Eduardo Mendonça

O FUTURO (PRESENTE) DA NAÇÃO
OS MELHORES DE 1985 - REVISTA BIZZ
LEGIÃO URBANA
MELHOR GRUPO DO ANO
MELHOR LP NACIONAL
MELHOR VOCALISTA
A EMI ENVIA UMA LEGIÃO DE PARABÉNS.
Artista exclusivo EMI

OS MELHORES DE 85 VOCÊ VOTOU, VEJA NO QUE DEU:

GRUPO

NAC		INTER	
1 ULTRAJE A RIGOR	32,5%	1 U2	4[illegible],4%
2 RPM	23,[illegible]%	2 Tears for Fears	22,6%
3 Paralamas do Sucesso	[illegible]9%	3 Iron Maiden	6,4%
4 Legião Urbana	[illegible]5%	4 Dire Straits	5[illegible]%
5 Camisa de Vênus	[illegible]%	5 Smiths	5[illegible]%

LP

NAC		INTER	
1 NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA Ultraje	31,[illegible]%	1 LIKE A VIRGIN Madonna	24,[illegible]%
2 Revoluções por Minuto RPM	19,[illegible]%	2 Brothers in Arms Dire Straits	22,[illegible]%
3 Legião Urbana	0,4%	3 The Unforgettable Fire U2	8,[illegible]%
4 Rita e Roberto	8,2%	4 Songs from the Big Chair TFF	16,8%
5 Educação Sentimental Kid Abelha	5,[illegible]%	5 The Dream of the Blue Turtles Sting	4,[illegible]%

MÚSICA

NAC		INTER	
1 "SERÁ" Legião Urbana	[illegible]%	1 "PRIDE (IN THE NAME OF LOVE)" U2	31,5%
2 Louras Geladas RPM	[illegible]6%	2 Money for Nothing Dire Straits	20,[illegible]%
3 Eu Não Matei Camisa de Vênus	[illegible]4%	3 Shout Tears for Fears	[illegible]%
4 Ciúme Ultraje a Rigor	9,[illegible]%	4 "We Are the World" USA for Africa	[illegible]9%
5 Lágrimas e Chuva Kid Abelha	9,[illegible]%	5 "Born in the USA" B. Springsteen	[illegible]0%

VOCALISTA

NAC		INTER	
1 PAULO RICARDO (RPM)	26,9%	1 BONO HEWSON (U2)	32,8%
2 Renato Russo (Legião Urbana)	6,[illegible]%	2 Bruce Springsteen	2[illegible]%
3 Herbert Vianna (Paralamas)	[illegible]0%	3 Tina Turner	14,9%
4 Tim Maia	6,[illegible]%	4 Phil Collins	[illegible]%
5 Marcelo Nova (Camisa de Vênus)	[illegible]5%	5 Sting	[illegible]5%

INSTRUMENTISTA

NAC		INTER	
1 LUIZ SCHIAVON (RPM)	24,9%	1 MARK KNOPFLER (Dire Straits)	29,5%
2 Herbert Vianna (Paralamas)	2[illegible]%	2 The Edge (U2)	2[illegible]%
3 João Barone (Paralamas)	12,[illegible]%	3 Angus Young (AC/DC)	[illegible]%
4 Egberto Gismonti	[illegible]4%	4 Jean-Luc Ponty	7,2%
5 Lulu Santos	[illegible]9%	5 Johnny Marr (Smiths)	5,[illegible]%

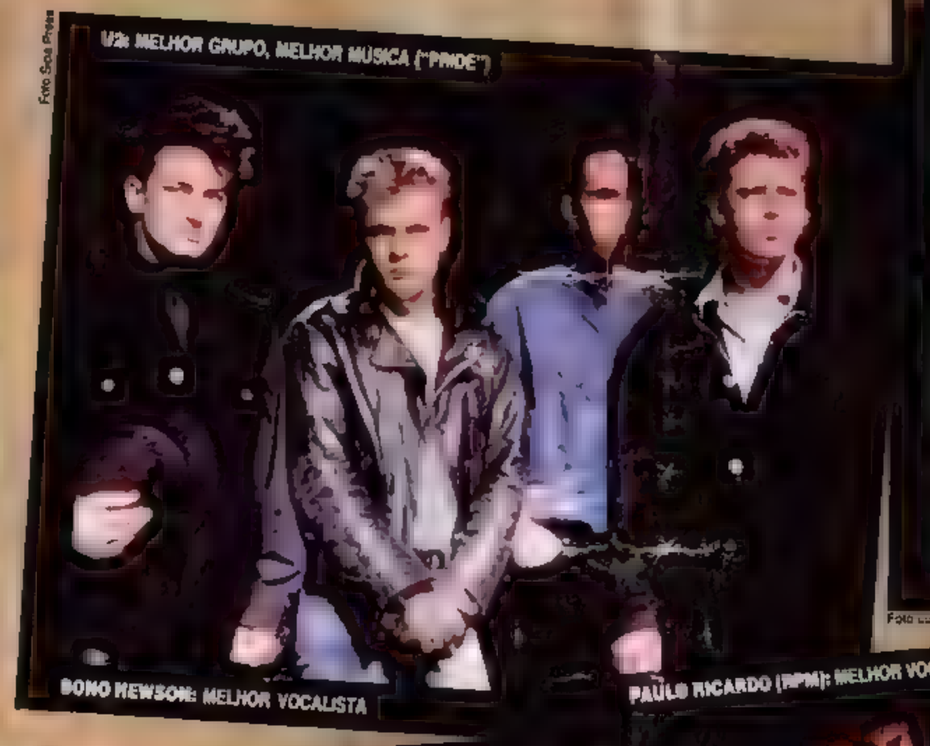
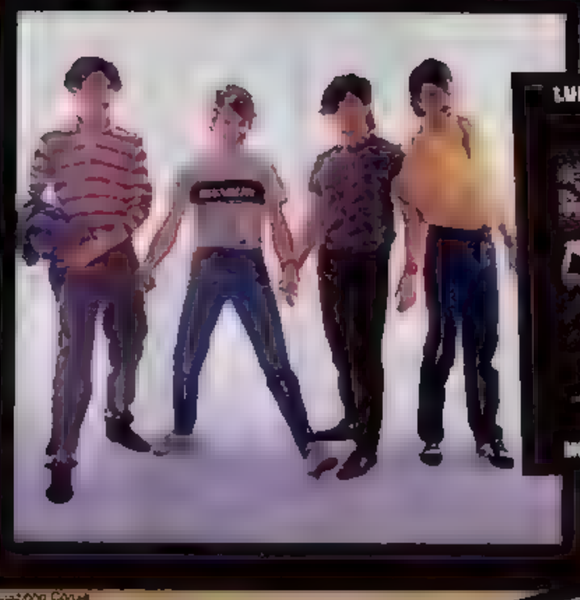


Foto Sica Press

U2: MELHOR GRUPO, MELHOR MÚSICA ("PRIDE")

BONO HEWSON: MELHOR VOCALISTA



ULTRAJE A RIGOR: MELHOR GRUPO E MELHOR LP

Foto Luizinho Coruja

Foto Rui Mendes

LUIZ SCHIAVON (RPM): MELHOR INSTRUMENTISTA

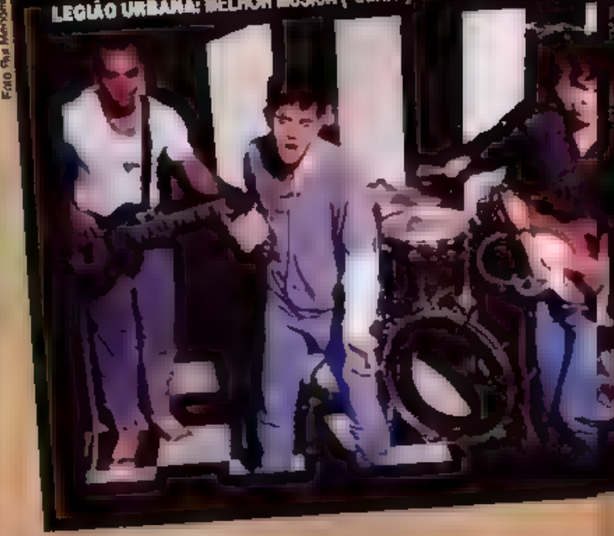


Foto Rui Mendes

LEGIÃO URBANA: MELHOR MÚSICA ("SERÁ")

Foto Rui Mendes

PAULO RICARDO (RPM): MELHOR VOCALISTA E ELEGÂNCIA DO ANO

Foto Sadry Sica Press

MARK KNOPFLER (DIRE STRAITS): MELHOR INSTRUMENTISTA

REVELAÇÃO

NAC			INTER		
1	**BIQUINI CAVADÃO**	[illegible]	1	**KATRINA & THE WAVES**	[illegible]
2	Kiko Zambianchi	[illegible]	2	Sisters of Mercy	[illegible]
3	Garotos Podres	[illegible]	3	Everything but the Girl	[illegible]
4	Tokyo	[illegible]	4	Lloyd Cole & the Commotions	[illegible]
5	Akira S & as Garotas que Erraram	[illegible]	5	Jesus & Mary Chain	[illegible]

ELEGÂNCIA

NAC			INTER		
1	**PAULO RICARDO (RPM)**	[illegible]	1	**MADONNA**	[illegible]
2	Marina	[illegible]	2	Sting	[illegible]
3	Rita Lee	[illegible]	3	John Taylor (Duran Duran)	[illegible]
4	Gilberto Gil	[illegible]	4	David Bowie	[illegible]
5	Supla (Tokyo)	[illegible]	5	Bob Geldof	[illegible]

AUSÊNCIA

NAC			INTER		
1	**RAUL SEIXAS**	[illegible]	1	**JOHN LENNON**	[illegible]
2	Barão Vermelho	[illegible]	2	Ricky Wilson (B-52's)	[illegible]
3	Magazine	[illegible]	3	Janis Joplin	[illegible]
4	Lobão & os Ronaldos	[illegible]	4	Elvis Presley	[illegible]
5	Jorge Ben	[illegible]	5	Bob Marley	[illegible]

CLIP

NAC			INTER		
1	**RADIO PIRATA (RPM)**	[illegible]	1	**MONEY FOR NOTHING (Dire Straits)**	[illegible]
2	*Ciúme (Ultraje a Rigor)*	[illegible]	2	*We Are the World (USA for Africa)*	[illegible]
3	*Eu Queria Ter uma Bomba (B. Vermelho)*	[illegible]	3	*Dancing in the Street (Jagger/Bowie)*	[illegible]
4	*Louras Geladas (RPM)*	[illegible]	4	*Some Like It Hot (Power Station)*	[illegible]
5	*Será (Legião Urbana)*	[illegible]	5	*Easy Lover (P. Collins/P. Bailey)*	[illegible]

FILME

NAC			INTER		
1	**MEMÓRIAS DO CÁRCERE**	[illegible]	1	**DE VOLTA PARA O FUTURO**	[illegible]
2	*Areias Escaldantes*	[illegible]	2	*Mad Max - Além da Cúpula do Trovão*	[illegible]
3	*Cabra Marcado para Morrer*	[illegible]	3	*A Rosa Púrpura do Cairo*	[illegible]
4	*Tropclip*	[illegible]	4	*Procura-se Susan Desesperadamente*	[illegible]
5	*O Rei do Rio*	[illegible]	5	*O Verão Assassino*	[illegible]

SHOW

NAC		
1	**RPM**	[illegible]
2	Queen	[illegible]
3	Paralamas do Sucesso	[illegible]
4	Scorpions	[illegible]
5	Iron Maiden	[illegible]

RPM: MELHOR CLIP ("RADIO PIRATA"), MELHOR SHOW

JOHN LENNON: AUSÊNCIA

MADONNA: MELHOR LP E ELEGÂNCIA DO ANO

RAUL SEIXAS: AUSÊNCIA

KATRINA & THE WAVES: REVELAÇÃO DO ANO

BIQUINI CAVADÃO: REVELAÇÃO DO ANO

DIRE STRAITS: MELHOR CLIP ("MONEY FOR NOTHING")

O ROCK'N'ROLL SEGUNDO CAETANO VELOSO

O que há de novo? O que há de velho e ainda não morreu? O grande Velô responde a essas e outras perguntinhas capciosas de *José Augusto Lemos*

Foto Geraldo Luis Gomes

Não é só o Pepe Escobar que leva chá de cadeira do Robert Smith. A matéria sobre frevo pra-pular e trio elétrico me levou, em dezembro do ano passado, à casa do venerável poeta cantante Caetano Veloso, encalacrada nas encostas rochosas do Jardim Botânico, no Rio.

A espera durou mais ou menos uma hora, tempo suficiente para eu saborear uma visão panorâmica dos discos que Caetano anda ouvindo — uns dentados de frente, outros de lado, na prateleira. Perfeitamente sintonizado com o rock que se ouve hoje no Brasil, deu para pescar com os olhos *Brothers in Arms* e *Alchemy* dos Dire Straits, o solo do Sting e o Ultraje a Rigor. Natural então que passássemos do papo inicial sobre trio elétrico (BIZZ 7) para a entrevista girar sobre o velho e bom tema conhecido como "rock'n'roll, capítulo I, versículo XX do século XXI".

■
■
■

BIZZ — *E como anda Salvador depois desse boom de rock brasileiro? Nos sabemos que ha em Belo Horizonte e Porto Alegre uma efervescência de novas bandas semelhante à que ocorreu no Rio e em São Paulo*

Caetano — É. Salvador tem muita musica agora, muita gente surgindo. O Camisa de Vênus já chegou no eixo Rio—SP, enfim, chegou a ser um fenômeno nacional. Era um fenômeno local muito forte ja há alguns anos e eu era fã do Camisa. Ninguém conhecia aqui, mas eu ficava falando na imprensa, dando um toque de vez em quando. Sou fã até hoje. . mas o Camisa é outra coisa, não é trio eletrico.

BIZZ — *Nada a ver?*

Caetano — .. nem afoxé. Mas há, agora em Salvador, muitos elementos de trio eletrico e grupos afro com ligações com o afoxé. O Lazzo — por exemplo —, que é muito bom mesmo. Tem uma gravação deste que vocês deveriam ouvir. Chama "Coração Rastafari". E hoje em dia já está ficando vantajoso permanecer por lá, dá para tocar e ganhar o seu dinheiro. Isso cria um mercado regional, eu acho ótima essa descentralização. E como vai a revista?

BIZZ — *Tudo bem*

Caetano — É bonita a revista.

BIZZ — *Você está gostando? Sabe que é difícil*

Caetano — O Brasil nesse ponto é engraçado, porque tem uma produção musical, e um publico e um interesse imenso por musica, mas as publicações especializadas dificilmente se mantem. Coisa que nao acontece na Argentina, onde a paixão por musica nao é tão forte. Lá, os órgãos de imprensa dedicados a isso têm longevidade e estabilidade.

BIZZ — *Talvez o pessoal goste de ouvir musica e só, não aprendeu a gostar de ler*

Caetano — É algo assim, ne?

BIZZ — *Também nao existem parâmetros claros para o gosto do publi .. Por que, por exemplo, Madonna na capa, e não Legião Urbana?*

Caetano — Por que Madonna na capa? Essas coisas são tão artificiais, na verdade o público majoritário brasileiro nem está nessa .. Eu lembro quando o Prince esteve aqui. Ele veio com um monte de seguranças, e eu falei para ele: "Escuta, cara, você está cercado de gorilas e isso é uma coisa desagradável e desnecessária". E ele respondeu: "Nao, mas você sabe, eu preciso fazer isso, as pessoas são muito atrevidas e entronas". E eu fiquei: "Será mesmo que são?". Porque ninguém conhece o Prince assim no Brasil, uma figura publica que todo mundo reconhece na rua. Às vezes, também, é uma coisa meio imposta. As gravadoras é que veem grande vantagem nisso. Pois se você vai lançar hoje o LP do Prince ou da Madonna ou do Michael Jackson — não importa se eles são excelentes, nem se a Madonna é uma coisa vazia, apesar de bem-feita e engraçada. Mas o fato é que se você lança hoje e vai sair ao mesmo tempo em Buenos Aires, La Paz, Lima, Salvador, Recife, Bangcoc, Paris, Florença etc., vai sair nas capas das revistas do mundo todo. É só mandar a fita de Los Angeles, entendeu?

BIZZ — *E o que você acha de 85 como o estouro de Bruce Springsteen e Madonna?*

Caetano — Não, o Bruce vem explodindo há anos, capa da *Time* e *Newsweek* há dez anos. Eu perguntava: "Quem é esse homem tao importante?". Diziam que era o novo Bob Dylan, mas a coisa nunca chegava no Brasil.

BIZZ — *Mas de repente tem a Madonna, como uma Broadway para adolescentes, enquanto o Bruce ja vem gravando há muito tempo. Quer dizer, se esses dois são o grande lance em 85, não daria para concluir que o rock está estagnado até o pescoço?*

Caetano — Eu não estou muito interessado em nenhum dos dois, de modo que eu acho que pode ser mesmo que não haja mais nenhum espirito de aventura. Eu vi um trechinho do show da Madonna na TV, é so show biz. Um pouco chato no show do Prince era a impressão de que nao havia nenhum risco ali, ninguem esta correndo nenhum risco. Mas gosto do estilo dele, ele tem soul, é sexy, tem talento e swing. A Madonna é meio neutra, um sorvete, tudo certinho e careta, com aqueles pandeirinhos. Já o Bruce é totalmente diferente, eu não conheço bem, dizem que ele é importante pelas letras. O visual dele é de garoto americano, forte, másculo. Eu gosto do visual dele, mas precisava conhecer as letras. Mas tudo passa tao rápido... Eu acho que o Michael Jackson ainda está aí, daqui a pouco sai um trabalho dele e todo mundo fica ligado e apaixonado ..

BIZZ — *Eu li uma entrevista do Ray Charles outro dia, falando do Michael Jackson. Ele dizia que o garoto tinha chegado a um ponto limite. Que era um cara que tinha crescido e amadurecido em publico e que, de certa forma, o Ray Charles achava que isso tinha matado o Michael Jackson*

Caetano — É, isso é interessante, pode ser que sim, pode ser que não. Mas o Prince, por exemplo, pode fazer milhões de coisas interessantes. E pode aparecer alguém numa velocidade muito grande, que seja o oposto do que você está vendo no Bruce e na Madonna.

BIZZ — *Mas tem, tem Jesus & Mary Chain .. os proprios Smiths são o avesso, o contrário perfeito... são os antidotos?*

Caetano — Mas você está falando de chegar no topo! Dificilmente coisas muito inventivas chegam no topo. Na verdade, essa moda de coisas inventivas chegarem no topo começou com os Beatles. Eles chegaram lá e se mostraram excessivamente inventivos para quem esta no topo. Foi uma coisa que driblou a imaginação de todo mundo. Foi muito bom, mas fazia sentido, eu achava que aquilo ia acontecer. Desde *Rubber Soul*, dava para saber que .. O que eu estou querendo dizer é que, quando aconteceu o *Sgt Pepper's*, eles já tinham feito *Rubber Soul* e *Revolver*. Já eram discos muito sofisticados. Então começou essa onda, ninguém mais sabe o que é kitsch e o que não é, eu gosto disso. Nao existe mais aquela chance da época em que todo mundo achava que as coisas boas mesmo nunca faziam sucesso. Sempre você era obrigado a conhecer algo que ninguém nunca tinha ouvido. E eu acho chato, hoje, que tenha gente tentando reviver esse clima. Gente que escreve na imprensa, e fica dizendo assim: "Tal grupo inglês que ninguém ouviu é muito melhor do que tudo que já foi feito". Acho chato. O Pepe Escobar, que fica falando de um grupo que toca no fundo de um baú de um bairro do subúrbio de Londres, muito melhor do que esses que vocês, brasileiros imbecis, conhecem. Eu não faço o mínimo esforço para conhecer, também não tenho que ser autoridade nos grupos noturnos de Londres. Há tanta coisa aqui, nas ruas, para se olhar, e gente para encontrar. Nao dá! De repente pode até ser que eu veja e aquilo pode me dizer alguma coisa totalmente genial. Mas é chato isso. Naquele tempo dos Beatles era oficialmente assim. Nada que fizesse sucesso podia ser respeitado e nada que fosse de valor podia fazer sucesso.

BIZZ — *Mesmo assim, há um consenso entre a nova geração de que — do ponto de vista das influências — os grupos mais importantes da década de 60 foram os Doors e o Velvet Underground. Os Beatles e os Stones foram apenas os mais populares ..*

Caetano — Isso é interessante porque você funda o passado, você cria e inventa até as influências. O Velvet Underground é uma coisa superlegal. Os Doors chegaram a ser famosos, de grande publico, com fãzocas gritando e tudo. E foi aí que eles decaíram, com aquele mocinho bebendo muito, se acabando. Eu cheguei a ver os Doors, já decadentes, na Inglaterra. E o Velvet era realmente underground! Uma coisa bem Nova York, com aquelas coisas geniais de Lou Reed. Entao, é uma coisa que se opõe ao que tinha acontecido no mercado. Aí uma geração vem e recupera aquilo. Não invanda o que eu disse sobre os Beatles. Não adianta?

BIZZ — *Aquela pergunta que eu fiz sobre o Bruce e a Madonna tinha esse enfoque de geraçao e identidade, dos dois como protótipos para a juventude. Essa história de "yuppies", novos conservadores. Reagan, Jânio*

Caetano — Eu senti isso bem forte nos Estados Unidos e em Sao Paulo, aqui no Rio não. Essa onda dos neocaretas, há muito tempo eu sentia que podia pintar. Mas não adianta, não adianta mesmo. Algumas das viradas das duas últimas décadas são irreversíveis. Então, ha algo de conscientemente hipócrita nisso. É uma caricatura de papai-e-mamãe: não é papai-e-mamãe!

OS SMITHS

Foto Paul Cox LFI

ESTÃO ENTRE NÓS

Nas lojas, seus discos vão sumindo das prateleiras. Nas FMs já correm soltos nas melhores programações, deixando a moçada com água na boca. De onde eles vêm? O que dizem? Será Morrissey algum semideus? *Thomas Pappon* informa

Nos tempos de colégio, Johnny Marr gostava de usar roupas que deixassem as pessoas certas de que pertencia a uma banda de rock, e espalhava pela escola que ainda botaria um disco nas paradas. Hoje ele tem 22 anos, é o guitarrista predileto dos leitores e críticos das publicações inglesas de rock e também um dos responsáveis diretos pela música que deu fama ao grupo inglês mais falado do momento: os Smiths.

O outro responsável pelo sucesso do grupo, o cantor Morrissey (que aboliu o prenome Stephen), abandonou a escola aos 16 anos para manter uma vida reclusa em meio a livros e posters de James Dean, fundou um fã-clube dos New York Dolls e, dizem, passou boa parte do final da adolescência sentado na cama decidindo o que dizer quando ficasse famoso. Hoje ele tem 26 anos e é literalmente adorado pelos fãs do grupo. Marr e Morrissey realizaram um sonho conjunto: são famosos pelo que fazem, pensam e dizem.

Os dois compõem (música e letra, respectivamente) todas as canções dos Smiths, que é completado por Andy Rourke (baixo) e Mike Joyce (bateria). Lançaram seu primeiro LP em 84 pela gravadora independente Rough Trade. Intitulado simplesmente *The Smiths*, o disco entrou direto nos primeiros lugares da parada inglesa e eles foram aclamados como grande revelação do ano e uma das poucas atrações inovadoras e férteis da nova geração britânica. Ainda em 84 surgiu o segundo LP, *Hatful of Hollow*, uma coletânea de compactos e sessões de rádio gravadas ao vivo dos programas de John Peel e Kid Jensen, na BBC. Novamente, primeiro lugar nas paradas, sucesso de crítica etc. No ano seguinte, pintou o terceiro LP, *Meat is Murder*, e, mais uma vez, etc. Em meados do ano passado fizeram a primeira excursão pelos EUA e agora começam a ser conhecidos no Terceiro Mundo.

A WEA está lançando no Brasil quatro LPs dos Smiths, inclusive o último, que acaba de ser gravado. E eles são moralistas, detestam video clip, sintetizadores, roupas extravagantes e ainda estão na Rough Trade. Sao um fenômeno musical e mais do que isso: a prova de que simplicidade e credibilidade são elementos capazes de conquistar os corações de milhares de jovens do mundo inteiro.

A simplicidade é o valor herdado do movimento punk, melodias simples, entrelaçadas por dedilhados e arpejos de guitarras sobrepostas. Assim como o punk deu um basta às sofisticações musicais do rock da década de 70, os Smiths deram um não às dissonâncias, às distorções, e ao pós-punk pesado e cada vez mais repetitivo. Nas guitarras de Johnny Marr, um manifesto de calor e otimismo, o contra-peso perfeito para os tristes apelos de Morrissey. E é aí que entra o coração, o sentimento, é aí que se fortifica a imagem do grupo, é quando aqueles que estão ouvindo se aproximam, porque *creem*.

Morrissey fez o mundo acreditar novamente na sensibilidade masculina. De natureza introvertida, ele se expõe nas letras, fala de sua infância, amor, e dos valores prezados por quem teve uma adolescência marcada pela insegurança, como em "You've Got Everything Now", do primeiro LP: "Eu nunca tive um emprego/ Porque nunca quis ter um/ ...Eu nunca tive um emprego/ Porque sou tímido demais". Morrissey diz o que pensa, e é capaz de comover até quando assume a defesa do vegetarianismo, do qual é adepto há dez anos, em "Meat is Murder": "Esta linda criatura deve morrer/ Uma morte sem razão/ E morte sem razão é assassinato/ ...Você sabe como morrem os animais?/ Aromas de cozinha não são muito agradáveis. Não é aconchegante, animador ou simpático/ É sangue quente e um odor profano/ De assassinato".

Ao contrário da maioria dos astros da música pop que investem na imagem do "homem vulnerável" (Boy George, Marc Almond, Prince), Morrissey promove, segundo Jon Savage, da revista americana *Spin*, "a imagem do homem que revela suas emoções sem demonstrar fraqueza e que pode ser masculino sem ser machão". Lógico, tudo depende também de *como* as coisas são ditas e aí temos mais um ponto que intensifica o brilho da alma franciscana de Morrissey. Sua voz marcante, sempre em primeiro plano, flutua por melodias repetitivas, com divisões que lembram estruturas poéticas tradicionais declamatórias. Quem ouve ele cantar percebe no ato que ele tem uma relação real com o que diz, que ele de fato *sente* o que canta (permito-me aqui estabelecer um paralelo entre Morrissey e Renato Russo, da Legião Urbana).

E os Smiths são enriquecidos por sua cozinha, formada por Andy Rourke e Mike Joyce, dois jovens da geração de Johnny Marr (foi o próprio Marr que declarou à *Melody Maker* que, se Elvis Presley tivesse Andy e Mike o acompanhando, ele teria sido muito mais famoso do que foi). Por último, vem uma certa mistificação em torno da cidade de onde o grupo surgiu, Manchester, o que faz lembrar no ato coisas como fumaça, sujeira, tristeza, solidão e bandas que interpretam tudo isso com, digamos, arte. Estes são o "Os Silvas", talvez a banda de rock mais importante da atualidade.

DURAN DURAN

HISTÓRIAS DE FAMA E FORTUNA

Ha cerca de seis anos, o Duran Duran desceu de Birmingham uma cidade industrial no norte da Inglaterra — como um provinciano grupo new-romantic *tentando a sorte em Londres, capital de seu país e também do mundo da música pop. Suas roupas e penteados chegaram até a ser ridicularizados nas entrevistas do arqui-rival Spandau Ballet, o queridinho do circuito* new-romantic *londrino. Até Antony Price, conhecido como alfaiate de Bryan Ferry e consequentemente de toda sua leva de fas bem-sucedidos, chegou a divulgar uma nota criticando o Duran por arregaçar as mangas de seus impecáveis paletós. Dois anos depois, com compactos de melodias adesivas e vídeos exóticos e luxuosos dirigidos por Russel Mulcahey, os cinco eram milionários e, no final de 84, lotavam o ginásio Madison Square Garden de Nova York — acostumado a receber megacampeões de vendagem como os Rolling Stones e o Led Zeppelin — e saíam nas colunas sociais ao lado de Andy Warhol e cia.*

Estes últimos cinco anos em que tomaram o trono máximo da indústria pop deu a cada um incomparáveis porções de fama e fortuna, mas deixou pouco tempo para que os garotões amadurecessem como pessoas. E agora, quando se olham no espelho, será que gostam do que vêem? Mês que vem, tem a continuação.

Uma reportagem de Dave Rimmer (*The Face*)
traduzida com exclusividade para BIZZ

O clip de "A View to a Kill" foi uma das raras reuniões do Duran em 85

A noite cai sobre o Palace Hotel, em Philadelphia, como um suspiro de alívio. Todos os artistas presentes já encerraram suas preparações de última hora para o show norte-americano do Live Aid, amanhã. O pânico passou — pelo menos até a manhã. Até mesmo as fãs do Duran Duran que estavam lá fora já pararam de cantar e foram para casa. Não há nada agora para o exército de estrelas pop reunido aqui fazer, a não ser ir para a cama ou, como diz um Andy Taylor de olhos como pires, "se arrebentar".

Há pouco, o pessoal do Duran era o único sociável o suficiente para utilizar a "suíte da hospitalidade", mas agora o bar está enchendo. As pessoas começam a se espalhar pelo pátio, em volta da piscina, e o zumbido do falatório musical preenche o ar. Lá no fundo, Steve Stevens — guitarrista de Billy Idol — bate um papo com o baixista do Duran, John Taylor, e o substituto de Robert Palmer no Power Station, Michael des Barres. Perto deles, Nile Rodgers faz gozações com um grupo que inclui Arthur Baker. Em outra mesa, o ex-baterista do Chic e atual Power Station, Tony Thompsom, está contando para todo mundo como se sente nas nuvens por ter sido convidado para tocar com o Led Zeppelin amanhã. "John Bonham", ele afirma, "sempre foi minha maior influência."

É como a MTV encarnada, o vídeo transformado em carne e osso.

Andy Taylor está me dizendo, com todo o orgulho, que está nos números um, sete e quatorze das paradas americanas, esta semana: número um com "A View to a Kill", do Duran; sete com "Get it On", do Power Station; e quatorze com o LP do Power Station. Estamos sentados na ponta de uma mesa que inclui Nick Rhodes, os Thompson Twins Alannah Currie e Tom Bailey e Mick Jagger. Tudo isso, como diz a piada de sua cidade natal que Andy repete para mim a noite toda, "longe para cacete do velho norte da Inglaterra".

Para o Duran Duran, é um encontro um tanto tenso. Exatamente no meio da excursão de John e Andy Taylor com o Power Station, pelos Estados Unidos. Interrompendo as gravações do LP *So Red the Rose*, de Roger Taylor, Nick Rhodes e Simon Le Bon, o Arcadia. A última vez que todos os cinco estiveram juntos foi em março, para filmar o clip de "A View to a Kill", uma ocasião aparentemente pontuada por bate-bocas, crises nervosas e lágrimas. Desde o sucesso paralelo do Power Station — já disco de platina —, problemas tanto dentro do grupo como entre o grupo e seus empresários, Paul e Michael Berrow, apenas se multiplicaram. É parece claro, por uma e outra observação, que o ensaio desta tarde para o Live Aid não foi dos mais tranquilos.

Seja o que for que está acontecendo, agora à noite não é a hora para tentar resolver o problema. John e Nick, a dupla que, ainda em meados de sua adolescência, começou o grupo em 1978, parecem se manter um bem longe do alcance do outro. Simon Le Bon e Michael Berrow nem aparecem. Encontro Roger Taylor no bar, vestindo uma das camisetas feitas para o Drum, o late de corrida de Le Bon e dos irmãos Berrow.

No momento em que o Power Station terminava sua excursão, o Arcadia levantava vôo para um embalo que iria até o Natal

"Eu ganhei uma dessas", digo para ele, "mas não a vesti para não parecer badalação ou puxação."

"Se você estivesse usando uma camiseta do Power Station", ele diz com uma expressão de jogador de pôquer, "aí você estaria puxando."

* * * * * *

Live Aid, 13 de julho de 1985, ou o dia em que Simon Le Bon cantou sem entonação nem emoção, e cerca de um bilhão e meio de pessoas viu, via satélite, Andy Taylor nos bastidores com um baseado na boca, foi a última vez que o Duran Duran inteiro se reuniu. Durante os meses em que fiquei trabalhando nesta reportagem, encontrando com membros da banda em lugares como Londres, Southampton, Paris e Nova York, a possibilidade de eles voltarem a se reunir parecia cada vez mais remota. No verão de 84, John e Andy saíram para trabalhar com membros do Chic, no que acabou virando o Power Station. Como se tornou óbvio que isso tomaria um bom tempo, Nick e Simon começaram a compor para um compacto duplo que logo evoluiu para um projeto próprio cheio de músicos convidados. Com o acréscimo de Roger Taylor, que tinha trabalhado um pouco com o Power Station até ser substituído por Tony Thompsom, eles se tornaram o Arcadia. Todas essas coisas têm seu ritmo próprio. Em meados de agosto, o Power Station começou a desacelerar. Sua excursão pelos Estados Unidos terminara e tinham acabado a gravação do tema para o novo filme de Arnold Schwarzenegger, *Comando para Matar*. A esta altura, porém, o Arcadia estava levantando vôo num embalo que deveria prosseguir até o Natal, pelo menos, devido ao adiamento das datas de lançamento por problemas com a mixagem do LP. So o compacto "Election Day" tomou nove semanas.

Depois disso, apesar das tentativas dos outros membros para fazê-lo desistir, Simon anunciou que ia tripular o seu late Drum para as duas últimas provas da Corrida em Volta do Mundo Whitbread — de Auckland, na Nova Zelândia, até Punta del Este, no Uruguai, e então de volta à Inglaterra. Isto significa que ele estaria no mar durante quatro ou cinco meses, a partir de fevereiro. Parecia que o Duran Duran ia simplesmente sumir aos pouquinhos, uma vítima da entropia como tantos objetos terrestres.

Foi aí que algo extraordinário aconteceu.

No dia 21 de outubro, a imprensa foi convocada até o Palladium, em Nova York, para receber a notícia de um evento chamado Super Concert One. Ou seja, o Duran Duran faria um show no estádio de Anaheim, na Califórnia, no dia 27 de dezembro — junto com o Culture Club! Estranho mas inquestionavelmente verdadeiro, já que todos os membros dos dois grupos — com exceção de Roger Taylor — estavam presentes. O evento seria transmitido via satélite, atingindo um público de 250 milhões de pessoas ao redor do planeta. O Duran Duran tinha até reservado o mês de dezembro para ensaiar.

Hurrah! gritaram seus fãs em todo o mundo. Hurrah! gritaram os da gravadora que já tinham usado todos os recursos e métodos possíveis para voltar a reunir o grupo. Isso significava que eles teriam de chegar a algum tipo de reconciliação para suas diferenças até a hora de Simon embarcar em seu late.

Não deixou de ser extraordinário. No auge do Segunda Era de Ouro do Pop Britânico — pois isso, meus caros céticos, é o que os fãs do Duran Duran, Culture Club, Wham! e Spandau Ballet, histeria adolescente e conquista da América foram definitivamente —, o Duran e o Culture Club eram rivais mortais. Até tornarem-se vítimas de um excesso de autoconfiança e superexposição, o Culture Club conseguia andar na corda bamba entre a credibilidade (uma ou outra matéria em publicações de vanguarda) e a massificação. Já o Duran, que sempre foi amado por suas fãs na exata proporção em que era desprezado pelo resto do universo, odiava e invejava o Culture Club por isso. Boy George, por sua vez, também odiava o Duran — em parte por sua adesão ao society glamuroso que ele então dizia desprezar, mas principalmente porque os fãs do Duran sempre ganhavam dos seus nas votações realizadas entre os leitores das revistas de música.

Não importa como, a briga havia chegado ao fim, com uma aparente vitória do Duran Duran. Afinal eles fecharam o show.

Parecia claro, então, que os Duran eram capazes de resistir a seus problemas internos. Juntos ou em seus dois grupos paralelos, sobreviveram a efêmera primeira metade dos anos 80 e agora descansam sobre um plato de sucesso internacional, do qual não podem ser facilmente deslocados. Cada um deles milionário aos vinte e poucos anos, com uma impressionante coleção de ambições concretizadas já nas costas. E cada um também com seus próprios problemas.

* * * * * *

Alô. Sim, Mike .. sim, tem sido um caos mas continuo firme. OK, tudo bem.

Na suíte presidencial do Hilton Hotel de Londres, Nick Rhodes está dando uma entrevista pelo telefone à *[illegible]40*, uma revista sul-africana.

Não, o Arcadia é radicalmente diferente do Duran Duran e o que eu chamaria de polo oposto do Power Station. É bem mais esotérico do que tudo que já fizemos antes. Bem, para falar a verdade, as restrições comerciais nunca me preocuparam muito..."

É sexta-feira, 16 de agosto, o segundo dos três dias em que Nick, Simon e Roger alimentarão a imprensa mundial, a um ritmo de, mais ou menos, trinta entrevistas por dia *(ver BIZZ n.º 3)*.

"...Na minha opinião, essa história de credibilidade não passa de ficção da imprensa. Quem decide o que é credibilidade?... Bem, sempre houve elementos da imprensa mais cínica para nos criticar. Pode ser até que recebam o Arcadia de uma maneira diferente, mas não me importo com a recepção em si..."

Distraidamente rasgando um envelope enquanto fala, Nick gradualmente vai descendo até o chão. Em outra suíte, Roger está dando uma outra entrevista. Simon acaba de sair para o aeroporto, para pegar o avião de volta a Nova York. Faz apenas cinco dias que a quilha do Drum despencou no segundo dia da corrida de Fastnet, deixando Simon preso sob o casco durante vinte minutos antes de ser resgatado por um homem-rã da Marinha. De volta à terra, vestido apenas com uma camiseta de rugby e cuecas que conseguiu vestir enquanto o barco virava, correu na direção do primeiro grupo de pessoas que viu, gritando: "Alguém aí quer o meu autógrafo?" Passou, então, os cinco dias seguintes sendo entrevistado sobre o incidente e supervisionando a operação de resgate. Normalmente dado a recepções escandalosas, cheias de tapinhas nas costas, esta tarde, quando o vi, ele apenas balbuciou um "alô" e se mandou rapidinho com sua então namorada (atual esposa), a modelo Yasmin Parvaneh.

Normalmente dado a recepções escandalosas, Simon apenas balbuciou um "alô" e se mandou rapidinho com Yasmin

"... Não, nunca pensei em mim mesmo como um músico", continua Nick. "seria muito limitador... Já fiz um monte de outras coisas. Já produzi um disco *(N. da R.: o LP do Kajagoogoo)* e tenho ambições de um dia, dirigir um filme... Mais multifacetado, eu suponho. OK, sim, espero que sim... Muito obrigado... Bye, bye."

Segue-se, então, um encontro com Chrissie Smith e Roger Christian, produtor e diretor do clip para "Election Day", durante o qual são discutidos as locações, os efeitos especiais, o elenco e o figurino. Nick questiona tudo até o fim, sempre referindo-se a filmes, pinturas e livros que viu ou leu, fazendo um pouco de gênero — ao que parece — por causa da minha presença. Roger Taylor quase não abre a boca, ajoelhado no chão de modo que eu possa ver, ainda na sola de seu sapato, uma etiqueta que diz "150 000". Não sei se dólares, libras ou francos. As idéias para o vídeo vão ficando cada vez mais absurdas, um trem cor-de-rosa, um homem de borracha. Nenhuma dessas idéias acaba sendo usada.

Chega, então, o programador visual Malcolm Garrett, com uma seleção de idéias para o logotipo do Arcadia. O máximo de atenção que recebe equivale a dois minutos. Roger os olha lentamente, apontando para um ou outro que lhe agrada. E aí Nick senta-se e passa pelo portfólio como uma criança com um maço de figurinhas: "Gosto disso, gosto disso, odeio isso, odeio isso e esse também... *odeio* esse, é o pior design que você já fez na vida, Malcolm, gosto desse... Veja o que você pode fazer, combinando este com este e este".

Nick passa, então, um bom tempo escrevendo os créditos para a capa do compacto "Election Day". "Alguém sabe de uma palavra bem pretensiosa para 'efeitos'?... Tritec Ltda. Isso soa horrível... Será que podemos escrever 'Limitada' por extenso? O que quer dizer essa sigla 'EMI'? Dá para escrever por extenso? Acho que deveríamos pôr 'Alexander' em vez de 'Alex' Sadkin..." A maioria também não póde ser usada.

No dia seguinte, Roger tem um colapso. "Ansiedade aguda" é o primeiro diagnóstico. Não é surpreendente que ninguém queira conversar comigo sobre isso, mas ele parece mesmo estar à beira de uma crise nervosa. Ao lado da instabilidade temperamental de Simon, da urbanidade autodestrutiva de John, das pretensões artísticas de Nick e da queda de Andy pelos excessos do rock'n'roll, Roger sempre pare-

Andy Taylor, guitarrista, montou com John Taylor — em 85 — o Power Station

Nick Rhodes, tecladista, vai ranjando com livro de fotos e comanda o Arcadia

Roger Taylor, baterista, participou com Simon e Nick do projeto Arcadia

Simon Le Bon durante as gravações do clipe para "A View to a Kill"

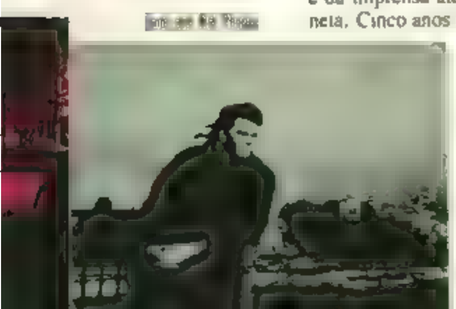
ceu o mais firme e equilibrado membro do grupo John uma vez o descreveu como 'o solo que não pode ser sacudido". Agora parece que ele só estava tentando conter tudo dentro de si

Não vejo mais Roger durante toda a preparação da reportagem. Talvez correndo o risco de passar do tempo-limite que pode ficar na Inglaterra sem declarar imposto de renda, ele tem de permanecer no país para descansar, seja na casa de seus pais em Birmingham ou em Londres, com sua esposa Giovanna Durante o resto do tempo da reportagem, Roger parece uma *ausência sempre presente*, como se seu problema acentuasse ainda mais o foco sobre o dilema do grupo

* * * * * *

"O primeiro álbum do Duran Duran", diz Nick Rhodes, querendo deixar a impressão de que eles eram sérios desde o começo, "foi um dos discos mais honestos de *todos os tempos*, na minha opinião. Eu sei porque sou um quinto do que fez o disco. Nao havia uma só coisa falseada ou imposta Trabalhamos tão duro e desejamos e rezamos e colocamos tudo que tínhamos na gravação... todas as nossas ideias musicais de quando tínhamos 15 ou 16 anos. Eu tinha apenas 17 ou 18 na época em que gravamos E não tínhamos a menor ideia do que viria a acontecer

Foi uma surpresa quando, em uma das primeiras excursões, ouviram os primeiros gritinhos da platéia. "Ficamos olhando um para o outro lembra-se John, "e pensando: ei, espera aí, alguma coisa está acontecendo." Esta "alguma coisa" se transformou em redemoinho de cinco anos no olho do publico: excursões, gravações, videos, entrevistas e sessões fotográficas intermináveis, viagens e perseguiçao por parte das fãs e da imprensa até os confins do planeta. Cinco anos no moedor de carne que é a industria da música pop deram uma fortuna a cada um deles, mas pouco tempo para amadurecerem como pessoas Cinco anos dos quais todos, cada um a sua maneira, estão tentando se recuperar



John Taylor baixista, tocando o Duran Duran

Deve ser creditado, me parece, à eficiência dos clips dirigidos por Russell Mulcahey para o LP *Rio* que, três anos após todos aqueles episódios filmados em Sri Lanka, muita gente vê ainda o Duran Duran como um bando de garotoes badaladores e de cabeça vazia, sem nenhum talento além de parecerem ricos e bonitinhos em exóticas locações. Compreensivelmente, isto perturba o grupo. Durante pelo menos dois anos eles andam tentando "endurecer" sua imagem Videos gravados ao vivo, compactos pesados como "Wild Boys", a associaçao com os produtores Nile Rodgers e Bernard Edwards — tudo tentativas de fazer com que as pessoas começassem a levá-los a *sério* Tudo bem, as garotas podem gritar e gemer quando eles aparecem, mas eles acham que sua música tambem merece ser levada em conta. Quando, no começo de 84, o sensacionalista jornal inglês *The Sun* publicou uma reportagem de duas partes com a manchete "Duran Duran, Loucos por Cocaina" — uma vingança do jornal ao fato do grupo sempre recusar entrevistas para seus repórteres —, o grupo ate achou legal Dava um toque de verniz mais roqueiro e adulto sobre sua imagem pop limpa e bonitinha

Mesmo assim, para esses cinco garotões ambiciosos de Birmingham ainda nao era o suficiente até atingirem os píncaros da idolatria adolescente De modos diferentes, todos saíram em busca de credibilidade e respeito em si mesmos. Com o Power Station, John se estabeleceu como estrela por conta própria, longe do Duran Duran, lado a lado com músicos seduzidos pelo grande público cativo do grupo. Andy, por sua vez, adquiriu alguma reputação como guitarrista de rock nos Estados Unidos: "Posso não ser o mais bonito, mas sou o melhor instrumentista é sua frase favorita para referir-se a si mesmo Ao lançar *Interference*, seu livro de fotos Polaroid, Nick iniciou sua jornada pelo Mundo da Arte. Ele continuará com seu plano para montar uma exposição com obras de outros artistas baseadas nas musicas do LP do Arcadia. Andy Warhol, Kenny Scharf, Keith Haring, Francesco Clemente, Howard Hodgkin e Jean-Michel Basquiat foram todos contatados. Simon, alem de ser a grande celebridade do grupo, aquele com quem todo mundo quer conversar, tambem tem sua Grande Aventura: o tatismo

E o único que nao tem nenhum ângulo ou inclinação pessoal é Roger

* * * * * *

Nova York, duas quentes e úmidas semanas de setembro. Simon acaba de retornar das Bahamas, onde passou uma semana. Ele foi literalmente mandado para lá, para descansar após o choque do acidente finalmente ter tido seu impacto. Nick entra e sai do hospital. Sua cabeça continua inchando devido a algum tipo de reação alérgica e ele está tendo de viver à base da comida que ele e sua mulher Julie Anne podem preparar no proprio quarto de hotel, em um microondas emprestado. Enquanto Alex Sadkin e Ron St Germain continuam mixando o já atrasado LP do Arcadia, Nick e Simon concentram-se principalmente em uma coisa: sessões de fotos

Tendo assistido eles passarem por uma ou duas sessões, só posso dizer que são realmente bons nisso O Duran Duran leva tanto a moda como a fotografia a sério mesmo. Nao é apenas o glacê que vem para cobrir o bolo É algo que eles percebem ser absolutamente essencial em seu trabalho. Esta, podemos arriscar uma opinião, é uma das razões pelas quais os Duranies costumam namorar modelos: têm realmente algo em comum com elas. Atualmente, Simon acaba de casar com Yasmin Parvaneh e John Taylor namora Renée Simonsen, ambas entre as principais modelos da agência Eileen Ford e ambas com frequência na capa de revistas como *Vogue* e *Elle* Ironicamente, ambos os rapazes contataram e perseguiram suas respectivas garotas apos verem e admirarem suas fotos

A certa altura, a *Rolling Stone* quis fazer uma produção de moda com Nick e Simon. No fim, acabou não acontecendo, mas era engraçado observar como as coisas corriam de cada lado, em suas respectivas posições. A *Rolling Stone* pensava que eles estavam cedendo porque ninguém queria saber de ler sobre aqueles inglesinhos "cabides de estilista ". Nick e Simon, por sua vez, achavam que estavam fazendo um favor àquela "velha e chata revista roqueira", dando a ela, pelo menos uma vez na vida, uma materia de moda decente

ENTREVISTA

KEITH RICHARDS

KEITH RICHARDS

Quando, daqui a uns cinquenta anos, algum arquivista do rock quiser definir os Rolling Stones, poderá concentrar o resultado de sua pesquisa em duas palavras: Keith Richards. Mais do que os lábios, os requebros, a obturação com diamante e a voz de pato rouco de Mick Jagger, Keith Richards é a essência dos Rolling Stones: uma espécie de cigano eternamente fora-da-lei cujas únicas normas são os acordes de guitarra que aprendeu ouvindo os discos de Chuck Berry. Um magricela abusado que desafia os anos e suas limitações físicas para transformar-se na própria imagem do rock'n'roll.

Se até hoje os Stones excursionam — fala-se de nova turnê mundial para o começo de junho —, é por causa da insistência de Richards. É ele quem, periodicamente, se dá ao trabalho de visitar cada um dos Stones — o baixista Bill Wyman, o baterista Charlie Watts, o guitarrista Ron Wood e, lógico Jagger — para convencê-los a abandonar periodicamente a boa vida de milionários do rock para juntos percorrerem vários continentes com um dos espetáculos mais marcantes de toda a história do rock: o show dos Stones. Keith é os Rolling Stones.

É, além disso, um sobrevivente. Aos 45 anos Keith já viu passar por sua banda dois guitarristas (Brian Jones, um dos fundadores, e Mick Taylor) e um pianista (Ian Stewart). Já viu passar desta para melhor músicos de sua geração e da geração de artistas que se inspiraram nos Stones, de Alexis Korner a Sid Vicious, de Keith Moon a Phil Lynott.

E hoje, pai de dois filhos adolescentes, Keith é um homem maduro, entrando em seu segundo casamento e preocupado com a criação de seus rebentos.

Às vésperas da conclusão do novo álbum dos Stones, *Dirty Work*, Keith recebeu o repórter Bill German, da revista norte-americana *Spin*, para esta entrevista exclusiva.

Foto Michael Putland LF

O mesmo velho vigor numa tour européia em 82

BIZZ — Mais uma vez, depois de uma longa parada, os Stones voltaram a gravar. Existe algum tipo de inspiração que você consegue ter apenas no estúdio e em mais nenhum outro lugar?

Keith — Os estúdios são iguais, no mundo inteiro. Uma vez que você entra num deles com seus colegas, passa a existir uma "Estudiolândia". Não importa se é na Sibéria na Austrália ou em Hong Kong. Um estúdio é um estúdio e nós fazemos dele um ambiente confortável. Há anos venho vivendo em diferentes países, portanto o estúdio é o meu lar. E é sempre a mesma coisa: madrugada, os telefones não tocam, não há ninguém por perto. Acho que, na minha vida, passei mais tempo no estúdio que na cama, dormindo.

BIZZ — Então será que existe alguma outra coisa — qualquer coisa — que determina o tipo de música que você faz?

Keith — Usando mais uma vez aquele horrível clichê, uma das poucas coisas que os Stones vêm fazendo com consistência é ser um espelho da sociedade. Mas, de uma forma ou de outra, todos os clichês tem uma ponta de verdade. E, em vez de analisar este clichê, tudo o que posso dizer é que, bem, nós somos mais um reflexo, e se alguma coisa acontece os resultados nos afetam também. E afetam qualquer coisa que saia de nós.

BIZZ — Já que você e Mick também são co-produtores de seus discos, Bill Wyman e Charlie Watts sabem, de antemão, que material será realmente incluído no produto final?

"Não sinto necessidade alguma de fazer, como Mick, um trabalho solo"

Keith — Oh, *yeah*, nós sempre os mantemos a par das coisas. Generosamente. Quer dizer, depende deles. Eu não vou telefonar para eles e tocar pelo telefone as últimas mixagens que tivermos feito. Mas, na medida em que eles se mantêm em contato conosco, eles recebem fitas cassete das gravações. Não faz diferença alguma se são feitas mudanças, até que você chega àquele ponto em que você diz: "É isso aí", e pronto; se você chega a um ponto em que você diz: "Já não sei mais", então está na hora de parar. É um fim natural para a gravação de um álbum.

BIZZ — Então, já que Mick fez seu primeiro álbum solo, devo eu fazer a pergunta de praxe.

Keith — *Yeah*, aquela. Isso está na cabeça de todo mundo. Bem, eu poderia fazer uma coleção inteira de álbuns solo. Mas não sinto nenhuma necessidade. Não existe nada gravado só por mim que eu queira lançar. Se você enfiar na cabeça que vai gravar um álbum solo e faz um contrato solo, então você é obrigado a gravar e existe aquela pressão extra da gravadora.

BIZZ — Fico imaginando como Pete Townshend conseguiu fazer isto — lançar vários álbuns solo durante a carreira do Who — com tanta tranquilidade.

Keith — E, mas na verdade Townshend fazia sozinho discos do Who melhor do que o Who conseguia, como um grupo. Ele costumava chegar no estúdio com o disco já pronto, e os outros integrantes do Who davam algumas idéias de playback, mas as demos dele eram 10 vezes melhor do que o disco terminado. Era apenas uma questão de copiar o que Pete já havia delineado. Meio tipo Hitchcock. Uma vez terminado o planejamento, Hitchcock achava um saco fazer os filmes.

Mas, ah, Pete, que cara amável. Da última vez que falei com ele chamei-o de cretino. Me senti péssimo por causa disso. Foi no meio da turnê européia de 1982. Ele me havia [illegible] o roadie Alan Rogan [illegible] um grande [illegible] de guitarra — e na metade da excursão ele tirou o cara. Por isso eu o chamei de cretino. Na Europa eu disse: "Você me prometeu que eu poderia ficar com ele durante toda a turnê". Ele: "Não, eu não [illegible]". Ah, seu cretino! Desliguei o telefone na cara dele. Foi a última vez que falei com Pete. Por isso não sei como ele se sente a respeito de mim agora. Sei lá. Conheço o Pete há anos, mas nunca costumamos ficar juntos. Eu conhecia Jimmy Page muito bem, muito antes do Led Zeppelin, na época em que Jimmy tocava numa banda chamada The Presidents, que era o grande barato lá na cidade natal deles.

Para mim os guitarristas são os caras mais difíceis de conhecer, com toda essa confusão profissional. Quer dizer, existe um milhão de guitarristas por aí, um milhão de guitarristas diferentes e o fato de que nos nos demos tão bem em tão pouco tempo — e esses caras são tão bons quanto eu. Um monte deles era muitíssimo melhor do que eu.

"Por muito tempo, Jeff Beck e eu não suportávamos a visão um do outro"

Quer dizer, por muitos anos Jeff Beck e eu sequer suportávamos a visão um do outro. Só nos últimos anos que esse tipo de coisa ficou para trás. Graças a Deus isso acabou e nos dois conseguimos sentar, tomar um drinque juntos e conversar. Tal um cara que eu admiro à beça. É um grande músico.

BIZZ — Falando de caras que você admira, que tal foi tocar com Jerry Lee Lewis naquele especial de TV em 1983?

Keith — Que cavalheiro, o Jerry Lee. Eu venho ouvindo músicas de lê desde "Crazy Arms". Ele é parte da minha dieta básica. É tão necessário quanto legumes. Já viveu às pampas. Que cavalheiro! Primeiro eu voo para Los Angeles à noite para fazer o especial de TV, e quem eu vejo sentando em sua mala à espera de um carro? Chuck Berry, que eu não via desde a vez em que ele me deixou com um olho roxo no Ritz. Eu *acredito* que ele não tenha me reconhecido quando me socou o olho. Tudo bem, porque depois daquele incidente ele tocou com Ronnie Wood e pensou que ele fosse *eu*, então pediu desculpas ao Ronnie! Aí eu consegui entender como ele estava reagindo ao incidente. Foi tão doce, nos realmente somos parecidos. E o Chuck vem me dizer "Sinto muito, eu não sabia que estava batendo em *você*, meus nervos estavam à flor da pele", e nós ficamos conversando enquanto ele esperava pelo carro e ele me dá o número do telefone dele. Ao mesmo tempo

KEITH RICHARDS

ele acende um cigarro e deixa cair dentro da minha camisa e quase torra o meu estomago! Minha camisa começa a pegar fogo! Toda vez que nos encontramos, seja de propósito ou nao, eu acabo me machucando Mas, bolas, já que alguem faz isso comigo, ainda bem que é ele Ele foi um barato E eu ainda disse 'Chuck, se fosse possível deixar você com um olho preto, eu o faria Mas ninguem ina reparar

Então fui logado nessa sindrome de rock'n'roll antigo Primeiro Chuck Berry, depois Little Richard outro convidado do programa de TV, que eu já não via há muitos anos, e, é claro, Jerry Lee E a coisa mais estranha é que, por alguma razão, eu resolvi me vestir todo colorido naquela noite Pô, na California, com um ensaio marcado para o começo da manhã, às 9 ou 10 horas cedo para mim .. — eu decidi usar uma camiseta turquesa, óculos escuros, jeans preto e sapatos brancos. Tipo "hoje eu vou tocar um rock n'roll". Mas nem imaginava o que estava para acontecer. Eu entro no estudio e lá está Jerry Lee vestido *exatamente* igual a mim camiseta turquesa, jeans preto, sapatos brancos e óculos escuros. E um daqueles casos estranhos que geralmente só acontecem nos filmes

BIZZ — A você parece estranho o fato de agora os seus idolos estarem se espelhando em você, de uma certa maneira para manterem viva a fama deles?

"Jerry Lee Lewis é uma pedra. As tragedias pelas quais ele já passou..."

Keith — Nao, é muito agradavel e muito encorajador que eles ainda estejam tocando, e tocando tao bem Mas eles não precisam de mim mais do que eu preciso deles. Quer dizer eu tirei coisas deles muito mais do que eles tiraram de mim, porque foram eles que me ligaram nessa Nao fui eu quem os ligou em rock. Por isso devo muito a eles. E se aqueles caras me convidarem para tocar com eles será uma honra para mim e estarei lá rápido como um tiro Raramente eu toco com gente assim. Essa é uma das caracteristicas da musica. é uma transa de passar de mao em mao. Sempre foi assim, desde o inicio. Você aprende com o cara que veio antes de você E, se você for bom, o[illegible] aprender com você. Se você se torna bem-sucedido, já é uma questao de sorte e de *business* e é [illegible]to que não tem nada a ver com o que estou falando. Se você acaba deixando sua casa para sua mae ou se você deixa alguma herança material é uma coisa Mas a sua verdadeira herança é a sua musica. Não importa que você tenha vendido um milhão de discos ou nunca tenha gravado um disco — se alguem ouviu você e ficou ligado na sua musica, você já fez o seu serviço. O resto era badalaçao e *business*. Isso é o básico

BIZZ — Imagino que você tenha se divertido tocando com Jerry Lee Você ainda se sente como um garoto, tocando com um cara destes?

Keith — *Yeah*, me sinto assim. Se eles se viram e me dão uma piscadela, me sinto o maximo Isso basta

Jerry Lee é uma pedra. Quer dizer, nenhum de nós é imortal, mas se existe um cara assim, só pode ser ele. As tragedias pelas quais ele ja passou .. quanto sera que um cara consegue suportar? Depois daquele show que fizemos, a mulher dele morreu Foi a quinta a morrer, já dá para contar nos dedos de uma das mãos. Epa, desculpe por essa, Jerry. Que cavalheiro! A mesma coisa o Muddy Waters. Caras realmente geniais. Não importa que imagem eles tenham tido ou o que as pessoas ainda achem deles. A maior parte da imagem deles é pura energia E eu consigo entender esse tipo de coisa, porque as pessoas esperam que eu seja um cara selvagem, Keith Richards, o doidão. E o mesmo tipo de imagem que tem Jerry Lee Ele é o Matador, certo? Mas, como todos os matadores, que cavalheiro! A mesma coisa Muddy A mesma coisa Chuck — contanto que ele o reconheça, que cavalheiro!

BIZZ — Você vê alguma similaridade entre a sobrevivência dos Stones e a sobrevivencia de Jerry Lee?

Keith — *Yeah* nos todos estamos aqui. Esta é a unica similaridade Você dá de cara com uns problemas e escolhe se os enfrenta ou nao A unica similaridade é que ambos enfrentamos nossos problemas. Nao que você consiga resolver todos eles. Quer dizer, você pode se esforçar para ficar saudavel e acabar sendo atropelado por um onibus. Você pode se tornar o cara mais saudavel já atropelado por um onibus

"Você nao aguenta o rojão para sempre. Tem de dar uma moderada"

Um dos pontos principais da sobrevivencia no rock n roll — ou simplesmente na musica — é uma determinada constituição fisica que algumas pessoas tem mas não valorizam muito, um barato sobre o qual você nem pensa. Hank Williams que nasceu era um cara doente, mas ficou tao acostumado com sua doença que nem se tocava de que era doente. Tomava uns remédios. E uma dureza. Jerry tambem teve um problema assim Voce nao aguenta o rojao para sempre, tem que dar uma moderada Na verdade Jerry Lee nunca pareceu bem de saude uns anos atras, e eu até disse ao Little Richard que "eu estava preocupado. E quando a gente entrava no estudio.. ele estava tao bem! Se alguma outra pessoa tivesse passado pelo que ele já passou já teria morrido. Foi o bastante para matar dez caras! Mas ele estava tao bem, engordou um bocado. E estava tocando feito o diabo

BIZZ — Você acha que a personalidade é importante para a sobrevivencia

Keith — Existe [illegible] certo equilibrio entre a sua personalidade, seu ego e sua constituicao fisica Ron Wood e assim. Sempre foi resistente . Mick tambem E todos eles Macrobios danados. Bem, nem tao macros assim, hoje em dia. Eu estou em excelente forma para ser o "velho homem do rock'n'roll.

BIZZ — Por que mudanças pessoais você tem visto passar os Stones?

Keith — Já os vi passar por cada coisa .. E eles dirão a mesma coisa sobre mim. Por dez anos, ou, pelo menos, por uns cinco anos, sem duvida, eu fui o ponto mais fraco da banda. Do meu ponto de vista isso

KEITH RICHARDS

não parecia verdade. Mas, pensando bem, eu não estava em condições de julgar coisa alguma. Esta é a horrível, terrível fascinação da droga. um viciado sempre acha que está "tudo bem". E quanto mais droga você toma, mais você acha que está "tudo bem", e se torna cada vez mais necessário estar "tudo bem". Somente mais tarde é que você consegue ver a burrada que fez. Depois dessa, ou tive muita sorte ou, como gosto de imaginar só de gozação, fui muito esperto, porque não tentei me superar naquele período. Afinal, naquela época, a única parada que eu liderava era a lista dos pés-na-cova. E mantive a posição durante muitos anos. Uma de minhas pequenas alegrias é que não estou mais na lista. Sid Vicious me venceu. E muitos outros, também. Isso serve para mostrar como as paradas são furadas

"Ainda estamos aqui. E nenhum de nós se parece com um executivo"

BIZZ — Agora que você conseguiu viver tanto tempo, o que é que você acha do bochicho que está sendo feito por causa de sua idade? Basta ver as chateações por que Mick passa cada vez que faz aniversário

Keith — É por isso que eu não no dele. Afinal, ele é apenas cinco meses mais velho do que eu. Conheço Mick desde que ele tinha quatro anos de idade. Conheço o cara há um tempão, há 38 anos, desde que brincávamos na mesma caixa de areia, aos quatro anos. E acho que o rock'n'roll tem nos dado uma vida razoavelmente bem saudável, já que ainda estamos todos aqui. E nenhum de nós parece com um executivo quarentão. Estamos todos em boa forma, esbeltos, capazes de fazer duas horas de show e provavelmente com mais energia do que nos anos 70. E quando me perguntam sobre idade... não é uma coisa que eu consiga ver, apenas percebo que os anos realmente começam a passar mais rápido

BIZZ — Existem outros grupos com os quais você gostaria de trabalhar, ou com os quais você gostaria de ter trabalhado no passado?

Keith — Eu me satisfaria em ter sido integrante da banda original do Elvis Presley, os Crickets. Ou então um dos Blue Caps, de Gene Vincent. Me satisfaria em ter sido da banda de Little Richard, nos anos 50, e mais um milhão de outras bandas. Adoraria ter tocado com Muddy Waters no início dos anos 50. Adoraria ter participado da banda de Louis Armstrong nos anos 20. Quer dizer, posso ir ainda mais para o passado, ah, como eu gostaria *(gargalhadas)*

BIZZ — Mas você se sente satisfeito onde está?

Keith — Claro, levando em consideração a época e o lugar. E não há nada que se possa fazer

BIZZ — Você tomou emprestado influências musicais de Chicago, da Jamaica e daí por diante. Você acha justa esta troca cultural? O que é que você, um garoto branco de

... e anos depois desta foto, ele fala em equilíbrio para a sobrevivência no pique

Dartford, Inglaterra, está pondo de volta, está dando de retribuição, neste cadinho cultural, musical ou pessoalmente?

Keith — Será que foi preciso que a gente viesse aqui conversar para que *você* soubesse a resposta? O fato é que na Inglaterra o que realmente era importante era o que se passava por aqui com a música norte-americana, enquanto tudo que a garotada dos Estados Unidos precisava fazer era mexer no dial do rádio. Não foi uma coisa que aconteceu por costume local ou por preconceito. Foi preciso que nós captássemos algumas notas soltas de três mil milhas de distância e as trouxéssemos de volta para cá, para que essas pessoas recomeçassem todo o processo. Quando chegamos aqui já era possível ouvir esse tipo de música cinco vezes melhor, cinco anos antes que os Beatles ou nos viéssemos aos Estados Unidos. Já estava tudo aqui. Portanto foi isso que nós fizemos como garotos brancos de Dartford.

BIZZ — E o que você tem colocado no seu toca-discos, ultimamente?

Keith — Eu não tenho toca-discos. Peraí, isso é mentira. Acabei de comprar um, é uma maquininha sensacional chamada Mr. Disc. Você pode levar na mala, embrulhada nas meias.

BIZZ — Na verdade eu queria perguntar o que você acha de algumas coisas que estão sendo lançadas por aí, especialmente tecnopop

Keith — Errou em me perguntar, porque quando estou fazendo um disco dos Rolling Stones não ouço mais nada. Quando chega o café da manhã, lá pelas 8h da noite, ligo a MTV por uns 10 minutos, enquanto como os corn flakes. A MTV é um bom guia do que está acontecendo e é o limite do que tenho visto recentemente.

BIZZ — E você tem notado diferenças, mudanças, no que tem ouvido?

Keith — A única coisa que percebi é que neste ano, 1985, existem menos sintetizadores do que no ano passado. Tenho ouvido guitarras mais simplificadas. Isso é apenas a *minha* impressão. Eu devo estar ligando a TV no mesmo horário todo dia e vendo as mesmas músicas, sei lá. Mas parece que nestes últimos meses o pouco que eu consigo ouvir tem uma ênfase maior numa formação instrumental mais simples, direta, principalmente guitarras. Num determinado período eu tive a nítida impressão de que havia por aí um montão de caras querendo soar como os Byrds

BIZZ — Como, por exemplo, o R E M?

Keith — Apenas um bocado de guitarras agradáveis, simplificadas, com eco. Ao passo que no ano passado os sintetizadores estavam enlodaçando tudo. Quer dizer, o sintetizador não é um instrumento naturalmente rock'n'roll. Pode ser usado, mas é preciso saber como. Existem certos sons, mas não acho que seja possível construir o som de uma banda em torno de um som de sintetizador. O Blondie usava *synths*, todo mundo. Acho que agora existe um espaço para se respirar, para que surja uma nova geração de sintetizadores capaz de criar um novo tipo de som

BIZZ — Você se sente intimidado por toda essa tecnologia de computadores?

Keith — Não me intimida. Agora estamos num estágio em que todo mundo está tentando entender o quanto eles precisam dos computadores, o quanto eles podem viver com os computadores e o que é possível fazer com eles

BIZZ — Mudando um pouco de assunto, tive o prazer de conhecer seu pai

Keith — Ah, Deus, a lenda *(gargalhadas)*

BIZZ — Que tal tê-lo encontrado em 1982, após duas décadas sem vê-lo?

Keith — Houve tantas tentativas durante vários anos .. umas trocas de cartas no final dos anos 70 .. e nunca esperei que fosse acontecer. Pensava comigo: na hora que tiver que acontecer, vai acontecer. E foi assim que naquele ano estávamos na Europa, mais uma vez eu tinha tempo para meu pai e, de repente, ele respondeu à minha carta e, para variar, eu estava perto dele e não do outro lado do mundo, como costumava acontecer quando ele estava de volta. Então havia uma chance e era meu pai, que eu não via há 20 anos. Eu estava com tanto medo de encontrá-lo que levei Ronnie Wood comigo. Nos encontramos num apartamento da casa onde estávamos hospedados. E este era o pai que eu havia abandonado porque não podíamos mais ficar juntos na mesma casa. Era a hora de eu ir embora do ninho. E logo depois disso minha mãe se separou de meu pai e a tendência, nessas horas, é de você querer tomar conta de sua mãe. E depois eu nunca tive capacidade ou proximidade geográfica para tratar de reencontrar meu pai, daí me acostumei

BIZZ — Ele parece estar feliz, agora que o reencontrou

Keith — *Yeah*, desde então ele se aposentou. Estamos gostando de ficar juntos. Todas as coisas que detestávamos um no outro há vinte anos já são águas passadas. De uma certa forma ele está me ajudando a compreender por que sou como sou. Ele foi a cada uma das nossas gravações e, quando ele foi

Keith e Mick numa festa em NY, em 1981

Foto Leila de Silva Prado

embora, achamos 42 garrafas de cerveja escondidas debaixo da cama dele, uma espécie de suprimento de emergência

BIZZ — Como vai seu filho Marlon?

Keith — Está ótimo. Acabou de entrar para uma escola nova. Era uma escola que ele tinha escolhido, para a qual *ele* queria ir, então fomos, meu pai, Marlon e eu, falar com o diretor da escola. O lugar é ótimo, mas agora ele já percebeu que vai ter que estudar muito lá e ficou chocado com isso. Mas está curtindo. O barato é que eu adoraria ter lidado com a escola como ele. Para mim foi tudo ótimo, até que comecei a mudar de voz. Me expulsaram do coral e pra mim foi o fim. O coral era o grande barato. A gente fazia parte de competições, cantava no Festival da Abadia de Westminster, um bocado de ótimas apresentações. Eu havia me esquecido disso até que reencontrei meu pai e começamos a conversar sobre isso. A outra coisa é que meu pai e Marlon são inseparáveis, uma dupla terrível, que nem Batman e Robin

BIZZ — É difícil disciplinar Marlon com toda essa riqueza em volta dele?

Keith — Não sei, porque ele já é crescido o suficiente para perceber que a riqueza é uma coisa passageira. E ele ainda fica imaginando se o pai não vai acabar parando na cadeia. Não há termo de comparação entre a vida que eu tive na idade dele — a mesma cidade o tempo todo, a mesma casa, a maneira como fomos criados — e a que ele tem, nascido num mundo de show-business

BIZZ — A presença de Marlon atrapalha o seu estilo, digamos, quando você está numa turnê e precisa encarnar a imagem do Rolling Stones mauzão?

"As pessoas pensam que rola a maior loucura. Mas é uma transa doméstica"

Keith — Não. Marlon está na estrada desde que tinha um ano de idade, em 1970. Já está acostumado. Enquanto as pessoas acham que está rolando a maior loucura, na verdade a transa é totalmente doméstica. Normalmente, as duas coisas ocorrem ao mesmo tempo. No meio duma tremenda festa eu costumava ir para o quarto e punha o Marlon para dormir. Com toda uma multidão alucinada pulando do lado de fora, gente da banda de Stevie Wonder, ou então Bobby Keyes — saxofonista que há muito colabora com os Stones — completamente alucinado, a metade dos Stones de sacanagem com umas *groupies*. E Marlon cagando pro lance. Se ele estava com os velhos dele, tudo bem. Isso é que é importante. As crianças não se preocupam com lugares ou circunstâncias. A única coisa importante para uma criança é "cadê mamãe e papai"

BIZZ — Você tem visto sua filha Dandelion?

Keith — Bastante e cada vez mais. Agora ela se chama Angela, deixou

KEITH RICHARDS

KEITH RICHARDS

de lado o Dandelion. É bem mais fácil se misturar com a multidão quando você se chama Angela. Na verdade, [illegible] era um dos nomes dela. [illegible] aos três, quatro nomes e deixe que eles escolham. Ela está sendo criada como eu fui por minha mãe na Inglaterra, então sei que está sendo *bem* criada. Afinal, não acho que a velha tenha feito um mau serviço comigo. Angela adora aquela estabilidade, você sabe, as garotas são diferentes dos garotos. Tenho observado várias diferenças entre Angela e Marlon. E tem a ver com o que torna feliz cada pessoa, inevitavelmente. Uma das poucas coisas que aprendi bem cedo de tanto viajar é que é nossa parte do mundo [illegible] que tendemos a querer prolongar a infância de uma criança. Re[illegible] mais em dar direitos às crianças e em diminuir a carga de responsabilidade que temos como pais. Você vai a diferentes partes do mundo e vê crianças com seis, sete anos absolutamente capazes de cuidar dos [illegible] dos pais, tipo [illegible] toma conta da [illegible]. Pelo simples fato de viajar por aí você descobre que as crianças são bastante capazes de amadurecer por elas mesmas. Você pode dizer: "Mas será que é bom para eles crescerem tão rápido?". Eu criei meus filhos com a seguinte atitude: "Se você já consegue andar, então pode ir andando até a privada para cagar. E eu não vou limpar sua bunda". Dessa maneira dei a eles um bocado de independência.

BIZZ — Como vai Anita (*Pallenberg, mãe de Marlon e Angela*)?

Keith — Muito bem. Deu uma geral nela. E por isso estou [illegible] orgulhoso dela. Ela e Patti se conversam de verdade, se [illegible]. E Anita ainda [illegible] meus [illegible]. Acho que isso acontece porque Anita e eu nunca fomos casados legalmente e assim nunca precisamos nos divorciar. Quando um casal se divorcia, os advogados fazem com que um acabe [illegible] o outro. Qualquer casal que sobreviva a um divórcio e continue se falando é milagroso. Na verdade as pessoas podem se relacionar sem ter que recorrer à lei.

BIZZ — Então por que você casou legalmente com Patti?

Keith — Porque [illegible] eu [illegible] e Patti é outro [illegible] de [illegible]. Nos anos 60, Anita e eu achávamos que o casamento era uma coisa boba e antiquada de se fazer só para se ter um filho. Patti e eu temos um relacionamento diferente. Além disso, eu topo qualquer negócio. E se vou topar essa parada, tem que ser com essa garota. Pra mim foi ótimo porque ainda me dou com a minha ex. E antes de Anita já houve outras e eu também me dou com elas.

BIZZ — Como você conheceu Patti?

Keith — Foi uma armação de outras pessoas. Aconteceu no meu aniversário, em 1979. Estávamos todos em Nova Iorque. Algumas pessoas pareciam estar tendo a mesma idéia há mais ou menos um ano. Noite sim, noite não, vinha uma pessoa me falar: "Ah, você devia conhecer essa Patti Hansen". E eu vivia perguntando: "Por quê?". Mais tarde descobri o porquê. Mas foi uma dessas coisas inevitáveis. E o mesmo tipo de coisa estava acontecendo com ela. Até que alguém viu que, por nossa conta, Patti e eu não faríamos coisa alguma. Então nos empurraram um para cima do outro.

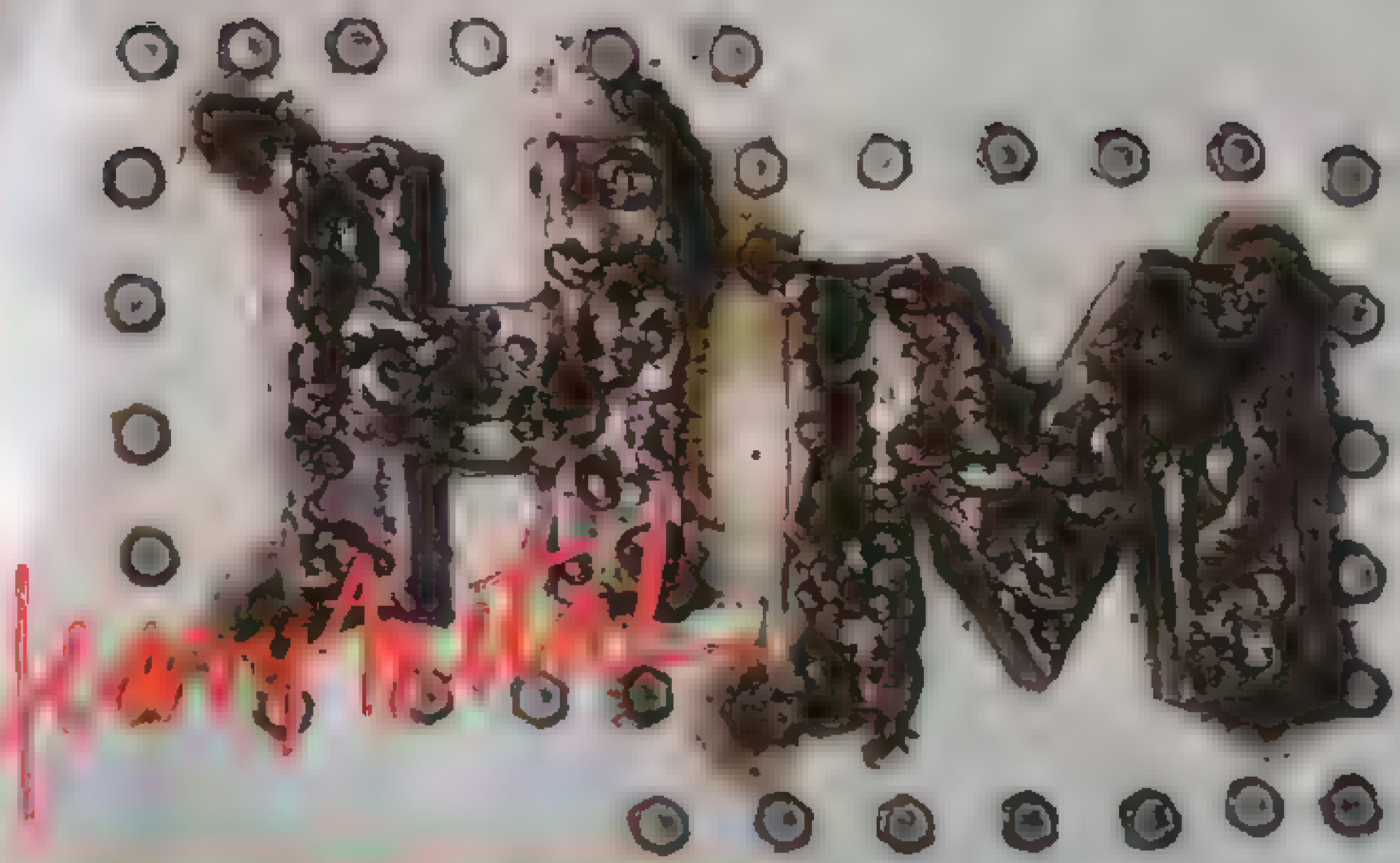
BIZZ — O que a família dela achou de você?

Keith — A primeira vez que encontrei os pais dela eu estava doidão, completamente alucinado. Não dormia há dias, tomei um porre na esperança de me acalmar. Ao invés disso, acabei quebrando várias coisas. Mas eles curtiram. Fiquei torto, mas não os ofendi. Eu podia ter estragado tudo, sabe, tipo "e nunca mais me volte aqui". Era o pior que podia ter sido. Depois de todo esse tempo, eu achava que nunca mais fosse ser outra transação destas de conhecer os pais de uma garota. Por isso era importante para mim. Ia ter que ser supercontrolado, super[illegible], mas acabei estragando tudo. Mas eles me curtiram por causa disso. Foi a primeira indicação que [illegible] de que *aquela* família eu conseguiria aturar e que eles conseguiram me aturar.

BIZZ — A velha história do "você deixaria sua filha se casar com um Rolling Stone?".

Keith — Ainda não consegui acabar com isso depois de todos estes anos. Essas coisas ficam grudadas em você a vida inteira. Acho que vai parecer levemente tolo quando eu tiver uns 60 ou 70 anos.

SPIN. Exclusivo para BIZZ
Por Bill German



Robin Trower: sob a sombra de Jimi

• **Robin Trower**, aquele ex-Procol Harum que dizia tocar tomado pelo espírito de Jimi Hendrix, não tem seus discos lançados aqui desde 77.

Lá fora, porém, ele não pára. Seu novo LP já deve estar nas lojas, trazendo de um lado antigos hits ao vivo, e do outro novos temas gravados em estúdio.

• O **Accept** lançou, em dezembro último, um miniálbum com seis faixas chamado *Kaizoku Ban*. Isso porque o disco foi produzido em cima de um material pirata japonês sobre o grupo germânico. Todo ao vivo: "Metal Heart", "Screaming for a Loving Bite", "Love Child", "Up to the Limit", "Head Over Heels" e "Living for Tonite". Porém um novo petardo, sob a produção de **Michael Wagener**, está sendo também preparado em Colônia e deve sair até o meio do ano.

• Saiba você que o vídeo do álbum *World Wide Live* do Scorpions inclui trechos de sua performance no Rock in Rio, aquele que é chamado jocosamente pelos críticos da revista inglesa *Kerrang!* de "legendário festival".

• E a transferência do **Saxon** da Carrère para a EMI continua dando confusão. Isso porque a Carrère bate pé firme nos seus direitos sobre os sete primeiros LPs do grupo, que a Parlophone (subsidiária da EMI) quer agora assumir. Muita grana e muita confusão. É o rock!

• O **Box Of Frogs** lançando o segundo álbum pela Epic, produzido por seu guitarrista **Paul Samwell-Smith** e contando com a participação do vocalista do Uriah Heep, **John Sloman**.

• O grupo independente inglês **Chariot** lança seu segundo LP *Burning Ambition* através do selo Shades gravado em Cambridge. A Woodstock deve lançá-lo aqui, assim como fez com o de estréia, obtendo boa vantagem.

• **Uli Jon Roth** — exímio guitarrista germânico que, após ser comparado a Hendrix em seus tempos de Scorpions, resolveu seguir carreira solo — se preparando para lançar mais um solo (todos inéditos aqui, viram EMI e RCA?). Seu irmão Zeno (em sangue e instrumento) tenta estrear seu grupo na EMI, fala-se ardentemente, embora os dois neguem, num trabalho conjunto para um futuro breve.

• O retomado **Black Oak Arkansas**, com seu intrépido vocalista **Jim Dandy**, está com novo álbum independente nos EUA, *The Black Attack Is Back*. O maior destaque é a regravação do antigo sucesso de **Dion** (anos 50-60), "The Wanderer" (que deu a versão "Lobo Mau" na Jovem Guarda).

• O baixista **Geezer Butler** forma uma banda com seu nome enquanto nada se comenta sobre o futuro do **Black Sabbath**, que, desde as saídas de Dio e de Gillan (em seguida), não acertou de vocalista. Com Geezer estão **Richie Callison** (vocalista), **John Mee** (bateria) e **Pedro Howse** (guitarra), que já andaram atuando no Marquee Club de Londres e estão em negociações com um selo para lançar em breve seu LP. Eu particularmente (posso estar enganado) acho que o Sabbath, com essa (e outras), já era.

• A **Girlschool** não tem mais como vocalista **Jackie Bohimed**. A guitarrista **Kim McAuliffe** assume também essa posição e toca a banda para frente em recente excursão pelo Reino Unido, tendo o **Blue Oyster Cult** como companhia. É bom lembrar que os últimos trabalhos das meninas não têm sido muito bem aceitos.

Leopoldo Rey

O grupo feminino inglês Girlschool

Foto Luciana Dantas

KID ABELHA & OS ABÓBORAS SELVAGENS

O grupo campeão de execução chora suas mágoas e chuva com *José Emílio Rondeau*

"Posso dar um aparte?" A voz de Paula Toller sobrepuja os acordes de blues que B.B. King está cuspindo pelo rádio do estúdio de fotografia onde o Kid Abelha se reúne numa chuvosa tarde carioca de primavera. Misturando sarcasmo e inocência em doses iguais, Paula quer interferir numa conversa sobre as pessimas relações entre sua banda e a crítica paulista. "Os críticos paulistas são uns nazistas e merecem ter Jânio Quadros como prefeito!"

Paula e os demais integrantes do KA (o baixista e vocalista Leoni, o guitarrista Bruno Fortunato e o saxofonista George Israel) têm motivos de sobra para destilar tanto veneno na direção dos escribas de São Paulo, ainda que sempre o façam sob uma salva de gargalhadas. Desde o surgimento da banda, em 1981, o Kid Abelha tem sido um dos alvos favoritos da ala de críticos paulistas que vê no rock carioca um valor tão grande quanto o de uma moeda de 20 centavos. É o velho antagonismo entre sucesso comercial e relevância artística. E o KA não poderia ficar de fora desta contenda. Em exatos quatro anos de carreira, a banda acumulou vendas de quatrocentas mil cópias de uma discografia popularíssima nas FMs e nos programas de clips. Somente do 1.º álbum, *Seu Espião*, foram retirados *sete* hits de rádio, feito raro para um artista de qualquer quilate, mais ainda para um grupo que estava estreando. No primeiro mês desde seu lançamento, o recente *Educação Sentimental* alcançou a marca de sessenta mil cópias vendidas, apoiado no funk irretocável da faixa "Lágrimas e Chuva".

Se existe uma banda carioca de sucesso, ela se chama Kid Abelha e Os Aboboras Selvagens.

É é aí que começa o problema. Uma casta da crítica paulista prega que sucesso é sinônimo de porcaria e fecha ouvidos e olhos ao saboroso pop de bandas como o KA, Blitz e Paralamas do Sucesso. Mas esta mesma casta esquece que foi por causa do surgimento de bandas como estas num verão carioca que começou a nascer o mercado pluralista de rock que hoje permite a convivência de milhões de subgêneros de rock num universo que abriga pólos tão diversos quanto Akira S & As Garotas Que Erraram, de São Paulo, e o Defalla, do Rio Grande do Sul.

"Os paulistas podem ter mil méritos", diz Paula, num restaurante da Gávea, próximo ao apartamento que divide com seu companheiro e parceiro musical Herbert Vianna. "Mas eles têm o vício de achar que os cariocas ficam o dia inteiro na praia. O pior é que o que você vê é uma baixaria generalizada. Eu fico abismada."

São trapaças da sorte que fazem do sucesso do KA um obstáculo que ofusca a importância na cena rock brasileira de *Educação Sentimental*, um álbum que sumaria a trajetória de uma banda a caminho do pleno amadurecimento após alguns desvios por estradas bem esburacadas. A primeira experiência traumática para a banda foi a saída do baterista Beni, que fundara com Leoni o Chrisma, grupo embrião do Kid Abelha. Depois, foi o longo período em que a banda ficou sem baterista fixo, operando com uma sucessão aparentemente interminável de free-lancers. Quando tudo parecia mais calmo, houve o episódio do *Rock in Rio* — a banda penou sob uma platéia majoritariamente heavy e sob um mau dimensionamento do evento por parte dos músicos brasileiros (Paula: "O festival mostrou às bandas brasileiras que você não pode ter medo de fazer um show ousado, em termos de produção. Não pode entrar nessa de 'ah, nós somos subdesenvolvidos, mesmo'. Não! Aqui nós somos o máximo".). Tudo isso, mais uma demanda grande para shows e clips, atrasou *Educação Sentimental* em pelo menos um ano. Quando a banda, afinal, se trancou no estúdio com o produtor Liminha, já se haviam passado 24 meses sem que o Kid Abelha gravasse material novo.

Para o guitarrista Bruno, essa "ausência" foi arriscada, porque "o público, as rádios e as gravadoras se esquecem do artista em pouco tempo". E, quando ele reaparece, lá vem cobrança. Leoni explica que "os grupos antigos precisam ser grupos novos quando lançam discos novos. Isso é exigido de você". E, como se isso não bastasse, lá vem a bateria de insultos da crítica paulista.

Mas, se depender de George, já existe uma solução para este último problema: "A gente podia fazer uma vaquinha entre os grupos do Rio, comprar umas passagens e mandar esse pessoal todo para Londres. E ainda dava a eles uma assinatura do *Planeta Diário* para eles aprenderem a fazer graça".

Leoni: "O Pepe já foi."

Da esquerda: Bruno (guitarra), Leoni (baixo), Paula Toller (vocal) e George Israel (sax)

Pise na evolução.

Talvez você não saiba, mas pode estar caminhando no presente com os pés no passado.

É que a mais avançada tecnologia em tênis está na novalinha Olympikus.

Uma tecnologia desenvolvida durante muito tempo em testes, pesquisas e seleção rigorosa de materiais.

O solado de cada tênis Olympikus é uma verdadeira obra de engenharia.

A borracha é vulcanizada pelo sistema auto-clave, o que proporciona uma incrível durabilidade e uma resistência

fora do comum.

O solado é todo em látex puro e construído com densidade especialmente distribuída para amortecimento dos impactos.

Palmilha removível Extra soft. Exclusividade Olympikus. Desenvolvida pelo Centro de Pesquisa Olympikus.

Isso tudo quer dizer equilíbrio perfeito, estabilidade total, conforto absoluto.

O design segue as tendências da moda, mas mantém uma personalidade exclusiva do estilo Olympikus. Diferente. Bonito. Moderno.

Os modelos em lona são feitos com a lona mais resistente que se pode encontrar e as cores foram escolhidas depois de muita pesquisa em cima das mil variações da moda. O couro do seu Olympikus é selecionado dentro dos padrões de exame mais rigorosos.

O couro tem que ser perfeito para passar pelo centro e de qualidade.

Por tudo isso, Olympikus é a última palavra em técnica e sofisticação.

E você vai continuar com os pés no passado?

OLYMPIKUS

Tecnologia e emoção

SUN CITY

O ROCK CONTRA O RACISMO

ENTREVISTA

STEVE VAN ZANDT

Enquanto o governo sul-africano baixa o pau nos negros, rockeiros brigam por justiça

Foto Eva Jeury

Steve van Zandt, ou "Miami" Steve para a moçada da indústria pop, é uma *avis rara*. Um americano ligado no sofrimento do Terceiro Mundo. Até agora, para muita gente, era conhecido apenas como o ex-guitarrista de Bruce Springsteen. O que não deixa de ser um bom cartão de crédito. Em 84, Steve saiu com o álbum solo *The Voice of America*. Uma espécie de *Born in the USA* internacionalista. Seco, direto. Mais para um Billy Bragg eletrizado do que para um Paul Weller *synthchic*. O álbum vendeu muito bem. Foi proibido em inúmeras estações de rádio dos EUA. O cacife de Steve na indústria aumentou. "Ôpa!", irromperam os cínicos. Mais um Martin Luther King versão branca?

Não. Mais um Bob Geldof versão USA. Com a fama — e a grana — no bolso e uma idéia na cabeça, Steve partiu para o que considera o primeiro de uma série de projetos altruístas: *Sun City*. Passou meses juntando brancos e negros, *rappers e rockers*, bebados e sóbrios, para produzir um disco contra o apartheid na África do Sul. Sun City é o símbolo dessa discriminação: um cassino multimilionário cujos organizadores convidam estrelas do show biz a preços astronômicos, enquanto a dois passos o *ghetto* negro ferve na fome e na revolta. Claro, em Sun City só entra branco. E rico.

O disco você já conhece — LP, compacto e mix de 12". A produção é do notório mestre remixador Arthur Baker — embora Steve insista em uma co-produção. A música-tema, "Sun City", é dele. Steve No vídeo — passando dez vezes por dia na MTV americana e em todas as TVs mundiais —, está um "quem é quem" não visto desde o lacrimoso "We Are the World". Temos de Afrika Bambaataa a Joey Ramone, dos rapistas Run D.M.C a Bob Dylan, do infernizado Miles Davis a Bruce Springsteen, de Peter Gabriel à indefectível Tina Turner. Será que os *overdubs* milionários e os trique-triques eletrotécnicos de Arthur Baker vão conseguir chacoalhar a horrorosa política sul-africana? Antes que alguém já diga o que vai acontecer no próximo e emocionante capítulo — e antes que os cínicos digam que tudo não passa de mais uma palhaçada auto-promotora —, Steve aterrissou em Londres e fomos ouvir o que o campeão da liberdade tem a dizer.

BIZZ — *A maioria dos pop stars não quer saber de misturar música e política. Como você atacou esse projeto?*

Zandt — Tenho observado a situação da África do Sul por muitos anos. E também de outras partes do mundo. A motivação para fazer este disco foi a mesma de *The Voice of America*, onde eu olhava criticamente para a política do governo americano em relação à América Latina. Na África do Sul existe opressão, falta de liberdade, sofrimento. E mais uma vez meu país é parte disso tudo.

BIZZ — *Por que a África do Sul, e não a América Latina, por exemplo?*

Zandt — Porque é o melhor símbolo do racismo que existe no mundo. E eu queria denunciar basicamente o racismo. É um problema que temos em todos os países. Talvez olhando para a África do Sul, que é o exemplo mais exagerado, possamos observar o racismo dentro de nós mesmos.

BIZZ — *Você já falou de racismo nos EUA?*

Zandt — Esse disco também é relativo aos EUA. Nós botamos Martin Luther King no vídeo, Gil Scott-Heron fala sobre o que acontece na África do Sul comparando com os EUA... É uma maneira forte de falar sobre o problema. Nos EUA as pessoas não percebem que o racismo é um problema.

BIZZ — *Você acha que essa mensagem atinge um típico adolescente branco, nos EUA?*

Zandt — Dessa vez, acho que vai atingir. O rádio toca, sai na TV.

BIZZ — *Você já esteve em Sun City?*

Zandt — Já. É um conglomerado — hotel, cassino, arena. E a apenas uma milha está o *ghetto* — com duas entre cinco crianças morrendo antes de atingir os cinco anos de idade, as pessoas tendo que caminhar dezenas ou centenas de milhas para arranjar trabalho.

BIZZ — *Você conhece músicos que já tocaram em Sun City?*

Zandt — Sim, muitos.

BIZZ — *Contatou alguns deles para participarem do disco?*

Zandt — Eu achei que não era necessário. Jimmy Cliff já toca na África do Sul. Mas ele era um caso diferente — foi convidado pela comunidade negra. Depois, ele sentiu que nunca deveria voltar. Achamos que Jimmy representava o grupo de pessoas que lá foram, por alguma razão, e decidiram nunca mais voltar, até que o país seja livre.

BIZZ — *Quanto tempo você precisou para juntar todas as estrelas?*

Zandt — O projeto inteiro foi concluído em quatro meses.

BIZZ — *O tema principal é seu, mas a produção é de Arthur Baker, com aquelas intermináveis versões?*

Zandt — Não, eu trouxe Arthur para co-produzir. À medida que chegavam os artistas, eu ia pedindo que fossem exprimindo os seus sentimentos em relação ao tema. Logo vimos que havia surgido um material excelente, formando canções separadas por si só. Os *rappers*, por exemplo, compunham um rap sobre Sun City e depois o tocavam. Miles Davis tocou por sete minutos — infelizmente só pude usar alguns segundos em "Sun City", a música-tema. O álbum surgiu naturalmente.

BIZZ — *Musicalmente, desde o início, você tinha intenção de fazer essa espécie de funk swingado, com um refrão forte?*

Zandt — Tinha. Queria uma música forte. As pessoas acham que nesses temas o ideal é uma balada lenta, triste, mas não é verdade. O ideal é fazer o que a gente sempre faz e mudar algumas palavras. Já que as minhas letras são muito diretas, a música e o ritmo em volta têm que ser bem fortes. Acho que essa letra dá para ser absorvida pelas pessoas lentamente, no seu ritmo.

BIZZ — *Com todo esse lixo tecnopop atual, você acha que a saída é revigorar-se cada vez mais na música negra?*

"Dá para ver bandas como U2, Midnight Oil, Bruce Springsteen, ainda com força e paixão... É preciso procurar bastante"

Zandt — Não exatamente. O que existe por aí é uma pop music muito misturada. Mas dá para ver bandas como U2, Midnight Oil, Bruce Springsteen, ainda com força, paixão. É preciso procurar bastante para achá-las, hoje em dia... Mas existem!

BIZZ — *Como um dos envolvidos, e também como um privilegiado observador, como você encara a manipulação de Bruce Springsteen pela mídia mundial?*

Zandt — O foco principal para Bruce sempre foi a música. Houve um curto período na sua carreira em que ele teve problemas com empresários e gravadoras. Estes o promoviam de uma maneira sobre a qual ele não tinha controle. Mesmo assim, a sua música não foi afetada. Sempre foi honesta. Sem compro-

Foto Ann Fineberg/ Keystone

BIZZ — *Sem compromissos em termos, porque passou a vender esse tema do patriotismo americano, do renascimento da Grande América.*

Zandt — Você diz, no último LP?

BIZZ — *Sim.*

Zandt — Acho que esse disco me vendeu o que *The Voice of America* vende: uma voz alternativa. O ponto que Bruce e eu frisamos é esse: não julguem a América — ou qualquer outro país — pelo seu governo. Não é a única voz. Sou americano, Bruce é americano. Tanto quanto Reagan é americano. Às vezes as pessoas esquecem isso. Os governos nunca representam o povo. As pessoas — de país a país — não têm problemas [illegible] as outras. Nós somos exatamente iguais. Os governos têm problemas entre si. Enquanto deixarmos os governos falarem por nós, haverá pobreza, guerra, exploração. Quando usamos música, a comunicação é direta. E nos entendemos melhor.

BIZZ — *Foi fácil para você usar essa estrutura hipócrita e multibilionária da indústria para exprimir um ponto de vista político?*

Zandt — Foi e ainda é difícil. Não há nada neste negócio que motive as pessoas a falar da realidade. Talvez as coisas estejam começando a mudar, é o que esperamos. Tive dificuldades com *The Voice of America*. Seis ou sete gravadoras recusaram *Sun City* — não queriam se comprometer a lançá-lo no mercado.

BIZZ — *E a longo prazo? O casamento pop e política vai continuar mexendo com a cabeça e o coração da garotada?*

Zandt — Claro, claro! As pessoas pensam que política é só eleição de presidente. Mas a política começa na rua. É liberdade, é vida. Mas a liberdade tem um preço. Você precisa conquistá-la. Isso é política. As pessoas têm que falar. E em uma sociedade democrática, o governo tem que seguir o que as pessoas dizem. Achamos que política é só ser ativista, marchar nas ruas. Mas ficar em casa e fingir que não existem problemas, isso também é um ato político. A inatividade é um ato político. Isso é o que temos que mudar!

Pepe Escobar

Acompanhado por uma banda de [illegible] Tom Waits [illegible] no Folies Bergère [illegible]

Foto Silvano Michelino

TOM WAITS

Gênio rouco-etílico

Folies Bergère (Paris) 18/11/85

Tom Waits é desses raros personagens que — mesmo sem ser uma estrela do quilate de Springsteen — quando passa por uma cidade sempre ganha páginas boquiabertas da imprensa. Seu pequeno e fiel público nunca cabe no teatro onde toca. Em 74, Tom Waits excursionava pela América marcando seu estilo piano-bar e chamando a atenção — quem era aquela figura de chapéu amassado, paletó apertado e voz rouca-etílica? (No Brasil, ficou conhecido pela trilha de *Do Fundo do Coração*, de Coppola.)

Sua queda pelo teatro e cinema sempre foi latente: terminada a turnê européia neste final de 85, Tom partiu para New Orleans para fazer o papel central do próximo filme de Jim Jarmusch. Esteve em Paris para lançar seu último LP, *Rain Dogs* — eleito melhor do ano pelo *New Musical Express*. Ambiente cabaré-esfumaçado, abajur no piano, o show começa com a declaração: "O piano andou bebendo e não é minha responsabilidade." Sua raiz blues se estende a um ecletismo que lembra Kurt Weill, e sua apresentação é a mais teatral possível. Vai do tango à polca, sempre mostrando que suas antenas captam o dia a dia do americano na rua, cenas que vistas por olhos desatentos passam despercebidas, mas que cantadas por Tom ganham uma dimensão de humor cinematográfico, quase mítico. Os arranjos mirados aos quatro cantos conseguem, na verdade, marcar do começo ao fim um som pessoal e novo, um timbre original de uma banda entrosadíssima. Um dos principais fatores é sem dúvida o desempenho do baterista Stephen A. T. Hodges. Sem chimbau no *set*, suas conduções de mão direita são quase sempre num dos tom-tons; isso somado aos timbres redondos da percussão de Michael Blair resulta num constante e delicioso "blumblumbrum" com o contrabaixo de Larry Taylor. Tom se auto-ilumina eventualmente puxando as cordinhas da luminária sobre sua cabeça; corpo dobrado, desajeitado, solos num antigo harmônio pedalado — tudo coerente com sua performance amarrotada e envolvente. Suas canções nos levam a New Orleans, clima funeral de negro.

Entre seus admiradores estão figuras conhecidas nossas, como Keith Richards, que participou de *Rain Dogs*, e Sting, que assistiu ao show babando na sua camisa inglesa. Ao final não resistiu e foi aos camarins dar seu recado: "Caro Tom, precisamos fazer algo juntos".

Silvano Michelino

JORGE BEN

Folião cool

150 Night Club (SP) 9/11/86

À primeira impressão, nada mais fora de lugar do que o mestre do eletrobatuque Jorge Ben, e o ambiente quase privê, uísque-com-amendoim e namoro-nem-sempre-ao-pé-do-ouvido da boate do Maksoud Plaza.

Mas o grande Jorge não se fez de rogado e preparou um show especialmente para a toca. Em primeiro lugar, reduziu sua normalmente bombástica Banda do Zé Pretinho para cinco integrantes: uma cozinha de três (bateria e dois percussionistas) mais os dois irmãos da Cor do Som, Dadi (que já acompanhou muito o Big Ben em priscas eras) no baixo e Mu nos teclados. Cool conforme as pretensões do local: teclados aqui quer dizer piano. Mu deixou a eletrônica em casa e ficou com apenas dois pianos, um acústico e outro elétrico.

Resultado: pudemos testemunhar o samba-maracatu funkificado de Jorge Ben em uma textura instrumental inédita. Uma surpresa das mais suculentas. Exceto um ou outro floreio "florido", Mu primou por um fraseado enxuto e inesperado, terminando o show como um dos principais responsáveis pelo sucesso em um ambiente inadequado. Dadi também é um grande baixista, dos melhores do país e, tocando na Cor do Som tanto tempo, os dois até nos fizeram esquecer seu quilate de instrumentistas.

Big Ben, como sempre, é a absoluta simpatia a serviço do molejo e dos quadris. E, no ponto alto, uma linda versão bluesificada do hit "Que Maravilha", culminando em duelo choroso entre a guitarra e a cuíca. Inesquecível.

J. A. L.

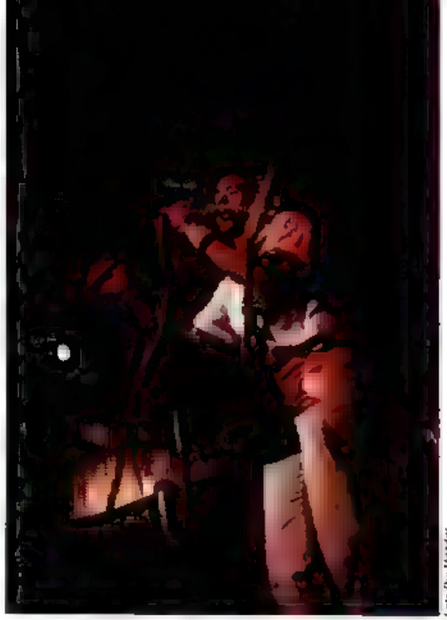


Foto Rui Mendes

A rotina de Big Ben: mais um grande show

GARY BURTON

Mágico das baquetas

Palace (SP) 11/01/86

Talvez tenha sido por falta de informação, mas pouca gente deu atenção à passagem de Gary Burton, um dos melhores vibrafonistas do mundo.

Poucas vezes o Palace esteve tão vazio. Bem, quem perdeu a oportunidade de ver este show, marcou.

Autodidata e dono de uma técnica própria de baquetas, depois adotada por muitos vibrafonistas (alguns deles brasileiros), Gary Burton já tocou com muita gente famosa, como Chick Corea, Keith Jarrett, Stan Getz, Larry Coryell e Stéphane Grapelli. Pat Metheny, que recentemente passou pelo Brasil, surgiu acompanhando Burton, antes mesmo de pensar em atacar com seus solos de guitarra.

Para suas apresentações no Brasil, Burton veio com o pianista japonês Makoto Ozone, o saxofonista escocês Thomas Smith, o baterista americano Martin Richards e a fera Steve Swallow (que já tocou baixo acústico com Chick Corea nos anos 60, no baixo elétrico).

O show começou com uma boa introdução para as baquetas mágicas de Burton: "Eider Down", de Swallow. Na seqüência, músicas calmas, recheadas pelos ótimos improvisos de Burton. Mas, apesar de calmas, algumas permitiam alguns bombardeios de Martin Richards, que parecia não gostar muito de estar ali. Talvez preferisse uma banda mais roqueira. Enquanto isto, Thomas Smith fazia solos competentes, mas um tanto quanto frios.

Se o sax e a bateria não corresponderam totalmente às expectativas, o piano e o baixo não deixaram nada a desejar. Muito pelo contrário, fizeram a platéia vibrar. Principalmente nas interpretações de "Como em Vietna", também de Swallow, e na música de Makoto Ozono, apresentada apenas com piano e vibrafone.

Infelizmente o show teve que acabar. Mas Burton escolheu a hora certa. Para bisar, nada melhor que "Bud Powell", música de Chick Corea em homenagem ao grande pianista do bebop.

L. O.

Foto Rui Mendes

Gary Burton: [illegible] extraordinário

A JÓIA DO NILO

EM CARTAZ

Foto Tri Star Pictures

FORÇA SINISTRA

Uma missão espacial anglo-americana parte para explorar a massa do cometa de Halley na esperança de achar em sua complexa e ancestral estrutura molecular alguns indícios dos inícios dos tempos. Quando chega à "cabeleira" do cometa, no entanto, a tripulação de cientistas depara com uma nave alienígena onde estão três formas humanóides preservadas em sarcófagos de cristal. Atraídos em especial pela beleza de um desses humanóides — logo por eles batizada de Garota do Espaço — os cientistas acabam descobrindo algo tão ou mais fascinante do que a criação do Universo. E bem mais perigoso: vampiros espaciais.

Esta *Força Sinistra* é o mais recente trabalho do mesmo Tobe Hooper que dirigiu *Poltergeist* e incluí, na equipe de efeitos especiais John Dykstra, famoso pelo visual que criou para *Guerra nas Estrelas* e *Duna*. *O Mundo do Futuro*. J E R

ROCKY IV

Foto Michael Neveux United Artists Corporation

O veterano lutador de box Rocky Balboa continua bom de briga. E continua sedento de desafios impossíveis. Não surpreende, portanto, quando, no quarto filme da série *Rocky*, o protagonista leva emprestado um tantão de patriotismo jingoista de Rambo e parte para a empreitada mais perigosa e mais árdua de toda a sua carreira: derrotar um oponente soviético na própria União Soviética, mais precisamente no Estádio Lênin.

Esta trama vem revestida de camadas e mais camadas de clichês políticos acumulados durante anos de antagonismo entre Estados Unidos e União Soviética. Só que, aqui, estes clichês ganham contornos de história em quadrinhos, quando se reduz a briga de duas superpotências ao roçar de luvas e ao resfolegar de dois brutamontes que se detestam. *J.E.R.*

Foto Cortesia Columbia Pictures

A HORA DO ESPANTO

Imagine o que poderia acontecer se você descobrisse que seu novo vizinho é um vampiro: seus amigos acham que você enlouqueceu, a polícia tem certeza de estar diante de um lunático e promete encarcerá-lo caso insista nessas histórias de gente que chupa sangue e vira morcego. E, pior ainda, o vizinho vampiro já sabe que foi descoberto e promete que a próxima vítima dele será você!

Estas e mais outras complicações atormentam Charley Brewster no decorrer de *A Hora do Espanto*, um dos melhores filmes de terror dos anos 80, por força de seu bom-humor e da radical atualização que faz dos elementos que celebrizaram no passado o terror cinematográfico. O vampiro, por exemplo (Chris Sarandon), é um homem nada soturno. Ao contrário, é atraente, sofisticado, gozador. Por outro lado, o seu antagonista, o hilário e decadente ator de TV Peter Vincent (uma mistura de Peter Cushing e Vincent Price, dois celebres veteranos do gênero), aqui brilhantemente interpretado por Roddy McDowell, é um caça-vampiros desajeitado, medroso e incapaz de caçar eficazmente sequer um rato.

Os efeitos especiais de *A Hora do Espanto* são um capítulo à parte. Executados pelo mesmo Richard Edlum que recebeu o Oscar por seu trabalho em *Um Lobisomem Americano em Londres*, as trucagens visuais são verossímeis e, ao mesmo tempo, intrigantes — as cenas de transformação (gente/vampiro, lobisomem/gente) são absolutamente perfeitas.

Tudo isso é costurado pelo diretor estreante Tom Holland num ritmo vertiginoso, que não deixa espaço para bocejos. Até os mais fissuradinhos fãs de filmes de terror darão pulos na cadeira. De alegria e de medo. *Tom Leão*

SURVIVORS

COBRA - Indústria e Comércio de Calçados e Artigos Esportivos Ltda.
Av. Dr. Timóteo Penteado, 937
Guarulhos - SP - Tels: (011) 209-8018 e 209-3366

O CLIP BRASILEIRO NÃO PRESTA. POR QUÊ?

Na eleição entre os críticos convidados de BIZZ, para os melhores de 85, apenas um samaritano *não* votou em branco. O que acontece? *Carmen Pereira* levou a pergunta a entendidos e/ou envolvidos

Dedicar alguns minutinhos do dia a sessões de programas de clips tem sido muito semelhante a passar a tarde cavalgando uma montanha russa: para cada sequência de bom gosto, criatividade e diversão (os altos) existe uma contrapartida de monotonia, falta de imaginação e pobreza visual (os baixos). O que é apenas normal, já que esperar brilhantismo ininterrupto nesta mídia cada vez mais povoada é tão utópico quanto exigir que um recém-nascido declame a fórmula da relatividade elaborada por Einstein. Só perturba o fato de 90% destes baixos — ouvi alguém dizer abismos? — serem compostos por clips brasileiros.

Não é preciso ser gênio para perceber a dificuldade que é pescar um bom clip nacional na seleção das emissoras — genial, então, nem pensar. Pode-se levantar uma série de hipóteses para explicar a inferioridade do produto brasileiro diante dos clips importados — falta de tempo, falta de grana, falta de planejamento, falta de investimentos e muitas outras faltas mais. No entanto, na hora de descobrir o verdadeiro vilão da história, a pista se dissolve numa neblina espessa. E, nessa, sofrem clips e artistas.

"É difícil chegarmos ao que se faz lá fora", explica José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, que criou e dirige até hoje o programa *Clip Clip*, da Rede Globo. "A (própria) utilização (dos clips) é diferente. A Globo não está interessada em mudar e as gravadoras não têm grana (para investir)." O panorama pessimista traçado por Boninho pode ser explicado em poucas linhas e ajuda a entender bem o mercado brasileiro. Invariavelmente, o clip feito no Brasil sai da Globo ou das gravadoras. No primeiro caso, toma-se um produto exclusivo da Rede. No segundo, é destinado, prioritariamente, às TVs regionais não filiadas à Globo. Assim, os clips da Globo muito raramente saem de lá para fazer carreira nas emissoras concorrentes (nos poucos casos em que isso ocorre, a gravadora compra o clip da Globo). E os feitos pelas gravadoras quase nunca atendem ao padrão de qualidade da Globo e, por isso, costumam ficar restritos às redes menores. Em nenhum dos casos os clips são comercializados.

O que não é suficiente para explicar a baixa qualidade dos nossos clips. Afinal, a Globo possui o melhor equipamento de vídeo com que se possa sonhar. Isso já não garantiria uma boa produção de clips?

"O mercado é selvagem", garante Ana Maria Bahiana, crítica de música que há poucos meses inaugurou uma coluna de clips na revista *Vídeo News*. "Ainda prevalece o mito da idéia na cabeça e câmara na mão. Abandonam a técnica e é raríssimo o clip que passa por todas as fases necessárias de uma produção (roteiro, *story board*, decupagem, planilha de gravação, planilha de edição), pois cada uma exige um profissional qualificado e isso custa dinheiro."

Ah, então o problema não é só a restrição de mercado, mas também a falta de dinheiro?

"O que falta é tempo", argumenta Herbert Richers Jr., veterano diretor de mais de setenta clips para o *Fantástico*, ainda hoje o grande gerador de talentos no gênero e a melhor vitrine para qualquer artista. "Talento e equipamento nós temos", Herbert assegura.

Isso! O problema é o pouco tempo de que dispõem os diretores!

"O tempo é suficiente", rebate Nelson Motta, um dos principais arquitetos das profundas mudanças por que vem passando o *Fantástico* desde o primeiro programa do ano. "Acabou o lance de pegar o artista e levar para algum lugar sem nada definido", diz Nelson. "No ritmo industrial tem que ser prático: um roteiro no papel e três câmaras no tripé."

A coisa está ficando complicada... dependendo do seu ponto de vista, 1) os clipeiros do Brasil tem *tudo* para realizar um bom trabalho ou 2) os clipeiros do Brasil não tem *coisa alguma!* E mais: por que se fala tanto no *Fantástico* nessa discussão de clips?

É simples. Foi o *Fantástico* que exibiu, em 1975 (portanto uns bons seis anos antes da inauguração da MTV) o primeiro quadro musical gravado fora dos estúdios da Globo. Ney Matogrosso cantando "América do Sul", num matagal solarizado por efeitos especiais. Sem saber, o diretor daquele quadro, Newton Travesso, estava fazendo o primeiro clip brasileiro. "Ainda hoje", afirma Ana Maria Bahiana, "aquele musical tem padrões para figurar numa lista dos melhores clips já feitos no Brasil."

De lá para cá, o *Fantástico* estabeleceu o ritmo do crescimento dos clips no Brasil, criou um patamar es-

Temperatura da Cidade:

Ferva e aconteça no calor da Cidade
Muito mais graus para derreter a monotonia
Saia do morno e sintonize na Cidade
A música põe fogo no seu rádio
Cidade. Para você fugir do tédio

MUITO MAIS GRAUS

RÁDIO CIDADE FM

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • CAMPINAS • PORTO ALEGRE • BELÉM
BELO HORIZONTE • GOIÂNIA • SALVADOR • RECIFE • MANAUS

tético e qualitativo a partir do qual todos os demais clips passaram a ser avaliados e, além disso, deu ao país uma prodigiosa formada de diretores. Ainda hoje, mais de dez anos depois de seu lançamento, o *Fantástico* é prioridade nº 1 dos departamentos de divulgação de qualquer gravadora.

Esta força do programa acabou sendo uma faca de dois gumes na evolução dos clips. Se, por um lado, as gravadoras conseguiam nele um espaço valioso para seus artistas, por outro não precisavam investir em seus próprios clips, já que no *Fantástico* sempre houve uma produção própria. A situação só se modificaria cinco anos atrás, com a vinda de Thomaz Mañoz para a presidência da CBS Discos. Ele criou, assim que chegou ao Brasil, uma Gerência de TV e entregou sua direção a Edson Coelho, hoje Diretor de Promoção e Publicidade da RCA.

No início o clip era para os grandes nomes", recorda Edson, "enquanto hoje é uma peça integrante do marketing da maioria dos artistas. Mas, desde o início, sempre foi feito para ser veiculado nas emissoras regionais." Outras gravadoras seguiram o mesmo caminho da CBS, criando departamentos exclusivamente dedicados a vídeo, mas a pioneira ainda é a maior no ramo. De acordo com o atual gerente nacional do Departamento de TV da CBS, Ricardo Silveira, no ano passado a gravadora realizou cerca de vinte clips com uma verba média de 20 milhões de cruzeiros destinada a cada um. O que, é bom dizer, não é nenhuma fortuna — corresponde, se tanto, ao preço de um comercial de 15 segundos dos mais simples. Um clip americano bem furreca sai por uns 10 mil dólares, por baixo (em cruzeiros [illegible] de 120 milhões). Como a CBS faz referência ao "melhor roteiro [illegible] menor custo" e como ela é a gravadora que mais investe em vídeo, o quadro nas demais é semelhante, quando não pior.

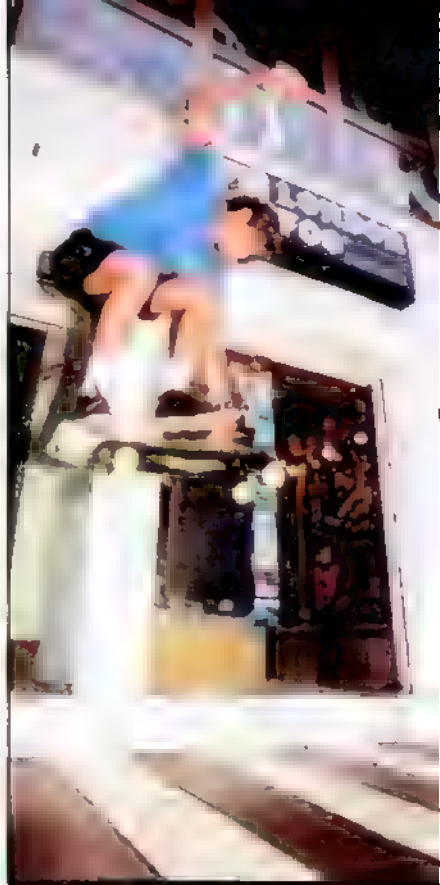
As gravadoras independentes que [illegible] no mercado de clips enfrentam uma guerra dura e, muitas vezes, desleal. Aqui, vale tudo. Até mesmo trabalhar de graça. Algumas produtoras fazem pacotes do tipo "dois pelo preço de um". Outras garantem exibição dos clips que fizerem em algumas emissoras. E não são poucas as produtoras que fazem clips de graça na esperança de conquistar um cliente.

O que significa tudo isso? Em primeiro lugar, que a indústria de clips no Brasil não vai bem. O mercado é restrito e disputado de maneira tão violenta que isso acaba afetando a qualidade dos clips. Para piorar. Em segundo lugar, as perspectivas de mudanças nessa já conturbada situação são bem magras, apesar de interferências incisivas de pessoas como Nelson Motta. Por último, para se melhorar a qualidade dos clips brasileiros, é preciso investimento de grana e cabeças.

"Estamos saindo da primeira fase", explica Luiz Antonio Mello, colunista de clips do *Jornal do Brasil*. Hoje o nível é bom, mas é preciso continuar criticando para que os nossos clips venham a ser tão sensacionais quanto os estrangeiros."

Mas para cada defensor dos clips brasileiros — como Jamari França, especialista em Rock Brasil do *JB* para quem comparar clips daqui com os de fora é "pura covardia" — existe uma opinião contrária. Como a de Bonnho, que sequer vê possibilidades de mudanças. "Não dá para ser otimista", diz ele. "Lá fora gastam 200 mil dólares num clip e aqui nem 10% disso. Sei que vou continuar usando as sobras do *Fantástico* e, quando não tiver saída, alguns clips independentes. Mas só faço isso em último caso, porque estes depõem contra a qualidade do programa. Quando faço, procuro usar o menos ruim."

E existem propostas para estimular a competição no mercado e, dessa forma, seu desenvolvimento. Ana Maria Bahiana, por exemplo, sugere a realização de mostras freqüentes e a criação de prêmios sérios para os clips. "Assim", diz ela, "pode se tentar suprir a falta de escolas adequadas. O clip começa a ter uma linguagem própria e poucos dominam as técnicas da mídia. Aqui, quem consegue um mínimo – ou seja, domina iluminação, fotografia e edição — eu já considero bom. Mas a maioria nem isso consegue. Apenas um, em cada dez."



DAVE DUNCAN

2º Lugar em OVERALL DA CASL*
PATROCINADO PELA ALVA SKATES - U.S.A.

* CALIFORNIA AMATEUR SKATEBOARDING LEAGUE.

LONDON FOG FOOTWEAR
AV. BRIGADEIRO FARIA LIMA, 1541
CAL CENTER LOJA 103 TEL.: 813-0642
PRAIAS
MONUMBI SHOPP LJ. 24 - PISO LAZER
TEL.: 61-4650
RUA PADRE JOÃO MANOEL, 712 - JARDINS
TEL.: 881-8659
IBIRAPUERA AVENIDA MOACI, 137
TEL.: 531-9474

De uma saga bíblica, nascem três cabeludos entre punks e hippies

Por *José Emílio Rondeau*

Foto Tom Sheehan/LFI

Quem já leu *O Velho Testamento* — famosa publicação, também conhecida como *A Bíblia*, primeira parte — deve se lembrar do profeta Balaam. Montado num burro, ele estava prestes a combater um grupo de israelitas por razões das mais escusas, quando sua "locomoção" empacou. Balaam não pensou duas vezes e fez cantar o chicote no lombo do burro. Foi aí que apareceu um anjo e deu ao burro o dom da fala. O burro, então, derrubou Balaam de seu lombo e deu-lhe uma bela espinafração. Desde então, Balaam prometeu ser um homem mais justo.

Esta saga bíblica soou bem aos ouvidos dos três irmãos Morris (Des, Mark e Jim), que viviam sendo admoestados por seus conterrâneos no distrito operário de Cannock, na Escócia, por causa de suas roupas e seus cabelos. Investiram-se da postura de rebeldes justiceiros, abandonaram os empregos diurnos, atracaram-se com instrumentos musicais (Des pegou a bateria, Mark, o baixo e a voz, Jim, a guitarra) e fundaram o trio Balaam and the Angel.

O grupo costura com a urgência dos anos 80 a série de influências que cada um de seus integrantes recebeu, de Hendrix a Siouxsie and the Banshees, passando por Led Zeppelin, R.E.M. e (pasmem!) Black Sabbath. O que não significa que o trio seja um pastiche saudosista que reedita roupas e sonoridades da década de 60 sob a bandeira de um pretenso neopsicodelismo. Debaixo daquela cabelada toda, sob múmeras camadas de seda, veludo e túnicas, o Balaam and the Angel é bem menos neo-hippie do que o Cult, por exemplo. E mais pop, fácil de ser digerido até mesmo pelo público das rádios AM.

Só não chame o BATA de gótico. Jim Morris fará uma cara bem feia e dirá que "gótico é uma coisa fria, sem sentimento, horrível. Nós nem nos vestimos de preto!"

EINSTÜRZENDE NEUBAUTEN

Um bombardeio alemão que transforma sucata em percussão. *Pepe Escobar* narra o massacre

Uma deliciosa criação dos reis do psicogótico, ou do punk positivo, Alien Sex Fiend, diz o seguinte: "Acho que preciso de LSD/ Ou de uma viagem para a Lua". Junte as duas coisas, acrescente uma infernal e sistemática destruição de sons metalizados, e você terá Einstürzende Neubauten (quer dizer "Prédio Novos Desabando"). Ou Berlim em estado de guerra.

O lema/tema básico do Neubauten é: "Escutar com dor. Ouvir com dor. Os ouvidos são feridas". Trata-se de uma verdadeira *agressão* sonora, vagamente qualificável como "espontaneidade orquestrada". Em disco, e especialmente nos shows, fazem um barulho descomunal. Destrutivo. Não o lamento monocórdico do heavy metal. Não as chamadas no saco do melhor eletrofunk. É o que mais se aproxima — de todo o rolo compressor vomitado a cada segundo pela indústria da música — de uma verdadeira trilha sonora do Apocalipse.

Neubauten é Alex Hacke, Mufu, Unruh, Marc Chung — todos psicóticos normais — e Blixa Bargeld, a personalidade central, em torno da qual gira toda a estrondosa cacofonia do conceito Neubauten. Blixa pertence a uma nova geração de poetas punk, com um nicho só para eles, distanciados, inteligentes, sarcásticos, donos de uma profunda ironia, cínicos em relação ao mundo e especialmente em relação a si próprios.

Um show do Neubauten é absolutamente imprevisível. Pode acabar com um gongo, uma martelação em bigorna ou com banda aturando pontas de cigarro na platéia.

Os discos do Neubauten são distribuídos na Inglaterra pela Some Bizarre, e nos EUA pela Jem Records, de New Jersey. O último é *Halber Mensch*, onde existe até mesmo uma certa clareza estrutural, que poderia ser confundida com o termo "canção". Agora, você já sabe: para provocar, enraivecer, massacrar ou causar infinita perplexidade, nada como carregar um Neubauten no seu walkman.

BLACK FUTURE

Rio de Janeiro, Brasil. Computador rítmico e ondas curtas. *Tom Leão* conta o resto

Em todos os sentidos, o futuro é negro. A situação mundial está cada vez pior e a música pop nunca foi tão África quanto agora. O resultado desta conjunção — tempos difíceis e música negra — já deu frutos até no Brasil: a banda carioca Black Future.

O mentor do projeto BF foi o mesmo Lui cujo passo inspirou o último álbum dos Paralamas do Sucesso. Durante algumas tardes sacais ele costumava se reunir com seus amigos mais um variado arsenal que incluía instrumentos de percussão, alguns pedais de efeito e um computador rítmico; além disso, usavam um enorme rádiogravador, do tipo ghetto *blaster*, sintonizado em ondas curtas. Nessa época (83) a banda se chamava Divisão Anti-Panzer (mais tarde virania Anti-Globo) e os experimentos musicais corriam paralelamente aos trabalhos de artes plásticas desenvolvidos por Lui. Destes o mais famoso é a série de pinturas dos "sirí-batatas", estranhos seres mutantes que habitariam o mundo após o holocausto nuclear.

Lui, no entanto, entrou em reclusão no início do ano passado e mudou-se para Brasília. O projeto BF foi sendo levado adiante pelo vocalista e programador de computador rítmico Márcio Bandeira, o Satanésio, mais o violinista e baterista eletrônico Tantão, o guitarrista Edinho e o baixista Olmar.

Do samba eletroapoteótico "Eu Sou o Rio" (de Lui) ao super-funk-rap "No Nights", o som do BF é particularíssimo. Na inquietante "Pobres Idiotas", Satanésio muda as letras de acordo com o show e não raramente chega às lágrimas por causa da injustiça combatida na letra.

Quem quiser conhecer o BF vai precisar esperar por alguma apresentação da banda — até agora sequer foram feitos planos para discos e as poucas fitas cassete existentes com as músicas do Black Future são disputadas a tapa. Talvez por isso o BF seja um grupo mais comentado do que conhecido. E aqueles poucos que o conhecem têm de escolher entre dois pólos: ou odeiam ou amam. Com o Black Future não há meio-termo.

INOX

BRYAN FERRY

SLAVE TO LOVE

Tell her I'll be waiting
In the usual place
With the tired and weary
And there's no escape

To need a woman
You've got to know
How the strong get weak
And the rich get poor

You're running with me
Don't touch the ground
We're the restless hearted
Not the chained and bound

The sky is burning
A sea of flame
Though your world is changing
I will be the same

The storm is breaking
Or so it seems
We're too young to reason
Too grown up to dream

Now spring is turning
Your face to mine
I can hear your laughter
I can see you smile

No - I can't escape
I'm a slave to love

ESCRAVO DO AMOR

Diga a ela que estarei esperando
No lugar de sempre
Com os cansados e esgotados
E não ha como escapar

Para sentir a falta de uma mulher
É preciso antes conhecer
Como os fortes se tornam fracos
E os ricos se tornam pobres

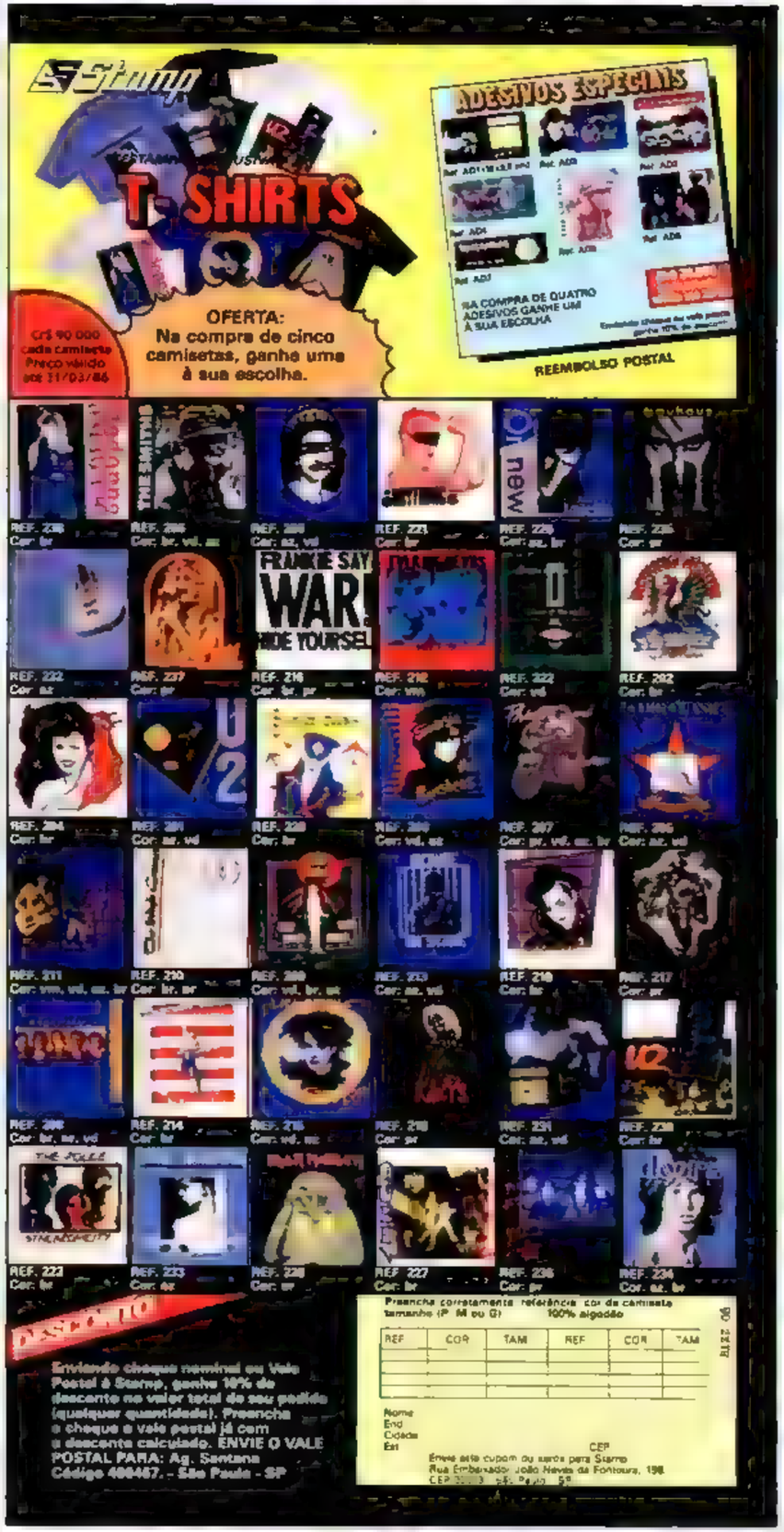
Você esta correndo ao meu lado
Mas não toque o solo
Nos somos os de coração inquieto
Não os acorrentados e amarrados

O céu pega fogo
Um mar de chamas
Embora seu mundo esteja mudando
Eu permanecerei o mesmo

A tempestade irrompe
E o que parece
Somos jovens demais para racionalizar
E adultos demais para sonhar

Agora a primavera vira
Seu rosto na direção do meu
Posso ouvir sua risada
Posso ver você sorrir

Não — não posso escapar
Sou um escravo do amor



CÉSAR CAMARGO MARIANO

Foto Rui Mendes

César em seu estúdio particular onde os teclados são controlados por computador

Arranjador e perito em teclados eletrônicos, o homem por trás das estrelas

Passar a maior parte de 25 anos de carreira debruçado sobre as teclas de um piano não é algo que acontece a qualquer músico. É preciso, antes de tudo, a motivação genuína da paixão pelo instrumento.

O caso de César Camargo Mariano com as teclas que ele tanto ama começou quando um meninote de 13 anos, que nunca tinha estudado música na vida, encontrou em casa um piano, recém-comprado pelo pai. Desde esse dia, ele raramente abandonava a rotina diária de auto-ensino, compondo, pesquisando e criando estudos para a técnica. Em dois anos, tornava-se profissional e aos 17 realizava a primeira gravação ao lado de seu Sambalanço Trio. Sempre tocando em boates e bailes, o jovem César foi adquirindo uma quilometragem invejável.

Sua grande habilidade, desde o começo, era fazer arranjos. "Como sou totalmente autodidata, aprendi pela pesquisa. Quase não tirava músicas, mas ia fazendo minhas próprias composições, meus arranjos". Assim, como profissional, foi fazendo arranjos que ele começou a trabalhar para nomes de peso. E, de lá para cá, não parou mais, sempre gravando e arranjando para algumas das maiores estrelas da MPB. Todo o virtuosismo que desenvolveu (apesar de se considerar antes arranjador que pianista) veio com a prática. Mesmo nos períodos em que não tinha piano em casa, César nunca largou as teclas. Principalmente porque o seu verdadeiro lar é o estúdio. "É lá onde o músico recebe opiniões de outros músicos. Existe sempre a troca de informações e a pesquisa pelo melhor som. É fundamental esse tipo de vivência para o amadurecimento musical", explica.

Ao longo dos anos, o sintetizador foi deixando de ser apenas o complemento utilizado nos arranjos. César foi tomando contato com a tecnologia, experimentando e conhecendo. Até que em 84 surgiu a idéia de fazer o espetáculo *Prisma*, todo baseado na nova técnica que permite a ligação entre os sintetizadores e computadores, o MIDI. Com ele é possível interligar todos esses aparelhos. Para César Camargo Mariano, a concepção de trechos de *Prisma* ficou muito mais fácil graças ao computador que usa para reproduzir sequências que são impossíveis de serem tocadas ao vivo.

Para o futuro, César prepara uma nova edição de *Prisma*. A julgar pelo amor com que aperta as teclas, imperdível como o primeiro. A.D.

FICHA TÉCNICA

UM SISTEMA ESPECIAL

O tecladista Dino Vicente é o grande responsável pelo sistema montado para Prisma. *Foi ele quem bolou e orientou César sobre todas as possibilidades dos teclados: o primeiro bloco MIDI é formado por um DX7, um JX-3P, um Jupiter 6, mexida (com três bancos a mais), e um Juno 106, além do módulo TX7. O segundo traz aparelhos como o Emulator II (que faz* sampling *de sons em disquete), o expander (da Oberheim), além de um outro DX7 e um JX-8P. Todos são ligados ao microcomputador e ao sequênciador MSQ-700 (com memória decuplicada, outra adaptação de Dino), através do interface MIDI. Existe ainda um computador rítmico Roland TR-909 e dois racks de* delay, *um Roland e outro Yamaha.* A.D.

Lançamentos simultâneos com todas estas emissoras.
Produção e mixagens exclusivas. Esquema de comerciais bem colocados e limitados por faixas horárias.
Programação musical selecionada com o que há de melhor lá e aqui.
Antena Um, onde o comum é fora do comum.

ANTENA 1

SÃO PAULO • RIO • BELO HORIZONTE • CURITIBA • GOIÂNIA • FLORIANÓPOLIS

CARTAS E SERVIÇOS

CARTAS E SERVIÇOS

PEPE ESCOBAR

Como leitor e apreciador dos artigos e críticas do jornalista Pepe Escobar, fiquei surpreso com a estranha semelhança entre seu artigo "O Som da Punkadaria", na revista BIZZ (n.º 5 - dez. 85 - págs. 52.54), e uma matéria publicada em 1978, no n.º 25 da revista *Musica* (págs 14 e 15), sob o título "A Comercialização do Punk".
A leitura de ambas deixa claro que o Pepe reproduziu a matéria da *Musica*, sem dar nenhum crédito, e acrescentou mais informações que ele possui. Por exemplo, a *Música* diz: "O rock sempre jogou com a violência como uma metáfora. Rotten destruiu a matéria para convertê-la em realidade". O Pepe escreve que "o rock sempre flertou com a violência como metáfora. Rotten destruiu a pose e a substituiu pela realidade".
Mais adiante, as qualificações que Pepe dá aos grupos do início do punk são idênticas às dadas pela *Musica*. A revista diz que "The Pistols era a luz guiadora, os marginais sociais, os anarquistas imorais e depravados, (. .) The Clash, os guerreiros e os poetas políticos dos meios de comunicação (...)". Enquanto o Pepe qualifica "os Pistols como depravados mendigos anarquistas (..). O Clash como guerrilheiros urbanos e poetas políticos infiltrados na mídia". Há mais grupos (The Jam, Stranglers, Damned. .) e pelo menos mais oito trechos (alguns grandes) que não transcrevo aqui para não tornar a carta muito extensa, mas podem ser comprovados pelas cópias que envio em anexo. Noto ainda que a matéria da *Musica* não é assinada. Porém, não constando o nome do Pepe no expediente da revista, acho pouco provável que a mesma seja de sua autoria
Espero que a postura acrítica e superficial da BIZZ não impeça a publicação desta, pelo menos em respeito ao leitor, que não compra a revista para ler a cópia de um texto escrito há sete anos
João Carlos Moreira
(São Paulo - SP)

Você se sentiu surpreso com a semelhança entre estas duas matérias
Nós ficamos muito mais surpresos ainda ao ler sua carta publicada na Folha de S. Paulo *no dia 4 de janeiro.*
BIZZ não é acrítica e superficial e não deixaria de publicar sua carta
Prova disto é que ela está aí
Pedimos que você aguarde a resposta de Pepe Escobar, o responsável pela matéria

TROCO

Gostaria de trocar letras de música de conjuntos atuais e cantores como o U2, Madonna, Sting, Tina Turner e conjuntos brasileiros. **Édison José Corrêa, av. 1.º de Maio, 313, CEP 88350, Brusque - SC.**

Alô, alô, leitores da revista BIZZ. Curto bastante o grupo Duran Duran. Se algum de vocês quiser se corresponder comigo em busca de informações (trocas) sobre o grupo, é só escrever. **Eliana Alves de Assis, QE 24, conj. B, casa 20, Guará II, CEP 71000, Brasília - DF.**

Tenho material sobre Nina Hagen, Wham!, Depeche Mode, Rick Springfield, Prince, Modern Talking, Rod Stewart, Kajagoogoo, Billy Idol, The Cars e Queen. Troco por material referente ao grupo Duran Duran **Kátia, r. Mons. V. J. Pavésio, 36, CEP 05325, Sao Paulo - SP.**

LETRAS

Gostaria que um fã de Bruce me enviasse as letras do LP *Born in the USA*. **Viviane Lopes Brasil, Vila Suiça, casa 4, CEP 27100, Barra do Piraí - RJ.**

DISCOS

Compro os LPs de Janis Joplin *Pearl, Cheap Thrills* e *In Concert*. Comunique pelo telefone (091) 321-1568. **Biramir de Jesus Oliveira, trav. João Parsondas de Carvalho, 541, CEP 68500, Marabá - PA.**

GANGUES

Somos quatro jovens, Cid Power, Frank the Killer, Smith Terry e eu, Batista Heavy. Juntos formamos os Brothers Metal Heavy, cujo principal objetivo é dedicar a vida ao heavy metal pesado e cruel. Gostaríamos de trocar correspondência com outras gangues metálicas do Brasil inteiro ou do exterior. **João Batista Heavy, r. João Domingues do Val, 339, CEP 18800, Piraju - SP.**

FÃ-CLUBES

Bruce Springsteen *Fã-Clube de Bruce Springsteen no Brasil* R Curitiba, 868, CEP 85600, Francisco Beltrão - PR

Culture Club *Multicultural Club Brazilian Fans*. A/C Ana George e Tereza O'Dowd R. Moçambique, 62, CEP 50000, Recife - PE

Nina Hagen *Fã Clube da Nina Hagen* R Chile, 40, CEP 16100, Araçatuba - SP

Rock Progressivo *Question Fã-Club* Cx. Postal 5305, CEP 01051, São Paulo - SP

Heavy Metal *Metal e Rock Fã-Clube* R. Antônio José de Castro, 127, CEP 38800, Sao Gotardo - MG

Blitz *Radioatividade "Blitz"*. R Pe. Estevão Pernet, 784, CEP 03315, São Paulo - SP

RPM *Fã Clube RPM* A/C Cristina de Oliveira Fernandes. R Jacirendi 148, CEP 03080, Sao Paulo - SP

B-52's *The B-52's and Fans*. A/C Regina Maria Nakano. Av. Cuiabá, 1241, CEP 78500, Rondonópolis - MT

Ratt *Ratt Fã-Clube*. Av Pe Antonio José dos Santos, 1144, apto 114 CEP 04563 Sao Paulo - SP

U2 *U2 Pacifist Group* R Dália 315, apto. 202, CEP 50000, Recife - PE

Whitesnake *Fã Clube Whitesnake*. R Potiguaçu, 213, CEP 11740, Itanhaém - SP

MORDOMIA JÁ!
AGORA VOCÊ JÁ PODE RECEBER EM SUA CASA, A MARAVILHOSA MODA PRAIA

REF. 1 - MOCHILA ALOWA 3.9 (AZ VERM VD)	180.000
REF. 2 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 3 - SHORTS (AZ VERM AMAR.)	160 000
REF. 4 - REGATA (EM CORES)*	112.000
REF. 5 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 6 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 7 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 8 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 9 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 10 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 12/11 - CAMISETA (EM CORES)*	180.000
REF. 13 - CHINELO DOUBLE FACE	30 000
REF. 14 - CAMISETA (HOT ESTAMPA)**	90.000
REF. 15 - CAMISETA (HOT ESTAMPA)**	90.000
REF. 16 - CAMISETA (HOT ESTAMPA)**	90 000
REF. 17 - CAMISETA (HOT ESTAMPA)**	90.000
REF. 18 - CAMISETA (HOT ESTAMPA)**	90 000
REF. 19 - CANETA (PED MIN 2 UNID.)	30.000
REF. 21 - ADESIVO (PED MIN. 2 UNID.)	25 000
REF. 22 - CHAVEIRO FLUTUANTE (PED MIN. 2 UNID.)	30 000
REF. 23 - CHINELO (AZUL VERMELHO)	135.000

* CAMISETAS (LAS AMAR BRAN AZ ROIA, VERDE PINK E VERM
** CAMISETAS HOT ESTAMPA CORES VERM, VERDE, PRETO, BRANCO E AZUL

GARANTIMOS ENTREGA RÁPIDA DOS PRODUTOS

MANDAMOS UM ADESIVO GRÁTIS EM CADA PEDIDO
NÃO FIQUE BOIANDO
PEÇA JÁ!
MANDE SEU PEDIDO P/ J.A.L. COELHO COML. LTDA.
AV. JABAQUARA, 1199 - SÃO PAULO CAPITAL CEP 04045
OU ORD.PAGTO.P/ BRADESCO C/C 58.141-0 - AG. 0120
OFERTAS VÁLIDAS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO

QUANT	REF	COR	TAM

DAREMOS PRIORIDADE DE ENTREGA PARA PEDIDOS C/ CHEQUE

A Revolução dos Samplers

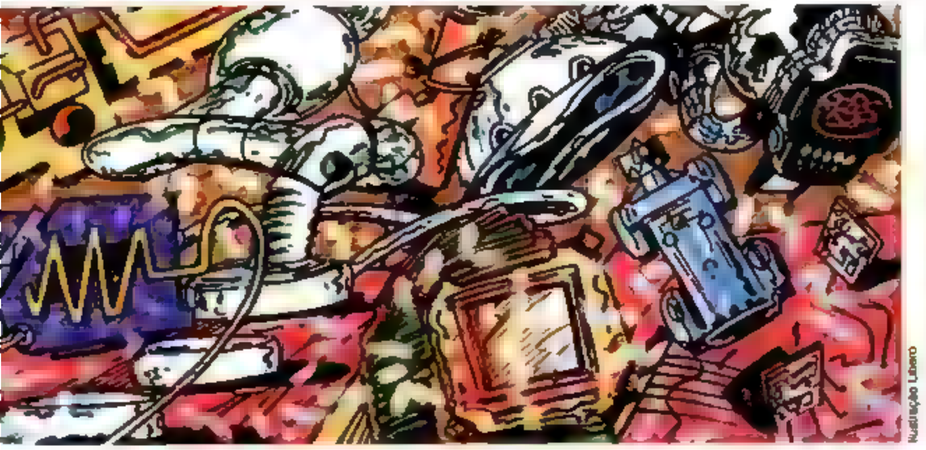


Ilustração Lisero

A mais recente revolução na indústria fonográfica não está sendo acionada por um gênero musical, por um artista, por uma estratégia de marketing ou sequer por um instrumento, e sim por um gravador Quer dizer, uma espécie de gravador. Trata-se do *sampler*, um aparelho de funções tão simples quanto radicalmente inovadoras, que invadiu estúdios de gravação e palcos como um maremoto e está modificando praticamente todos os aspectos da atividade musical, da criação ao controle dos direitos autorais

Mas o que será que faz este negócio de tão sensacional assim? É fácil: ele grava todo e qualquer som. Esse som é traduzido para informações digitais e pode ser armazenado num *chip* de computador ou num *floppy disk*. Só isso? Bom, mas acontece que este "só isso" significa que *qualquer* pessoa pode gravar *qualquer* som, programar um sintetizador ou uma bateria eletrônica com este som e, dessa forma, "tocar" uma serra elétrica, uma freada de carro, um choro de criança ou, ainda, uma tempestade. Significa que sons clássicos da história do rock — o do baixo de Paul McCartney, por exemplo — podem ser reproduzidos fielmente e inseridos no contexto atual do pop. Significa, enfim, que caíram todas as barreiras possíveis e imagináveis à sintetização de sons

Mas não apenas isso. Você gosta dos fraseados de Hendrix? Pois um *sampler* é capaz de "estudar" o seu estilo e reproduzi-lo fielmente através dos seus próprios dedos Impossível? Então ponha-se no lugar do produtor Nile Rodgers (Madonna, David Bowie). Quando ele preparava uma das faixas de seu novo disco solo, *B Movie Matinee*, Nile resolveu usar a voz do ator Harrison Ford interpretando seu mais famoso personagem, Indiana Jones. Isso representaria um custo adicional imenso. Portanto, Nile pediu ajuda a um colega, cuja voz pouco ou nada tinha a ver com a de Ford. Ele, então, fez um estudo comparativo de dois *samplers* — um, com a voz do amigo; outro, com a voz de Ford Com muita paciência, Nile modificou eletrônicamente a voz do amigo até que ficasse idêntica à de Ford E o resultado está lá no disco para quem quiser conferir: um Indiana Jones que não é o legítimo, mas é como se fosse

A economia de custos feita por Rodgers também é um dos efeitos revolucionários da tecnologia de *sampling*. Por um lado, o artista consegue trazer sua música mais perto da perfeição com um mínimo de gastos — fitas caseiras de demonstração não precisam mais ser toscas e são muitas as vezes em que a própria *demo* vira um disco. Em contrapartida, a demanda de músicos de verdade decai em relação à popularização da tecnologia digital — para as tais *demos* o artista não precisa contratar mais ninguém, pois consegue fazer tudo sozinho

Tomemos como exemplo um som de bateria — se antes um produtor perdia horas a fio afinando a bateria e a mesa de som a seu gosto, hoje em dia ele só precisa comprar um *chip* de 30 dólares, introduzi-lo em sua bateria eletrônica e sair tocando com o mesmo som de John Bonham, do Led Zeppelin, por exemplo; ou melhor, ele "toca" Bonham, já que o som do baterista do Zep é um dos best sellers da "biblioteca" de sons da fábrica Linn, de baterias eletrônicas. Trevor Horn, produtor do Frankie Goes To Hollywood, usou o mesmo tipo de artifício na gravação de "Owner of a Lonely Heart", do Yes. Ele queria usar um naipe de sopros com o mesmo ataque, a mesma sonoridade e o mesmo sumgue dos músicos da banda de James Brown. Mas, como o velho JB é muito ciumento, Trevor teve de optar pela segunda alternativa; no caso, um *disco* de James Brown. Ele fez um *sample* de um trecho de sopro e o modelou para o *crescendo* de "Owner of a Lonely Heart". Imagine só quantos milhares de dólares foram economizados nessa prosódia!

No entanto, esta economia é questionável, pois, na medida em que um disco (ou um trecho) é gravado num *sampler* e reproduzido, o artista da gravaçao original deveria estar sabendo disso e recebendo direitos autorais, certo? Ou não?

Enquanto se discute o aspecto jurídico/autoral da questao, um exemplo de *sampling* fácil de ser achado em nossas FMs é o remix de "Lágrimas e Chuva", do Kid Abelha. O produtor Liminha bolou um fraseado de baixo humanamente impossível de ser executado Pediu ao baixista Leoni que tocasse uma única nota, uma única vez e gravou aquele som num *sampler* Depois, engatilhou o *sampler* num teclado e tocou o baixo através das teclas. Tudo que o baixista de verdade precisou para que este milagre acontecesse foi fazer "plonk". E mais nada. *J E R*

RECEBA JÁ EM SUA CASA.
Camisetas com estampas Hot Adesivas. Importadas, super coloridas.
NOVIDADE Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher.
CAMISETAS
Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela - Branca e Preta.
TAMANHOS P.M.G

CAMISETAS E ADESIVOS
Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.
O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)
Promoção Especial: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.
PEÇA HOJE MESMO!!!

PREÇOS PARA PEDIDOS COM CHEQUE OU VALE POSTAL
CAMISETAS
Brancas Cr$ 85.000
Coloridas [illegible]
Super adesivos das estampas. Cr$ 45.000
Medidas 25x25 cm, em média.

Para pagar ao retirar no correio (reembolso postal) 20% a mais no total do pedido. Preços válidos até a próxima edição.

SUPER ADESIVOS
(no mesmo tamanho das estampas)
Enviamos separadamente para serem aplicados em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

Envie pedido e cheque nominal para Av Santo Amaro nº 4439 s/12 CEP 04555 SP Capital. ou ordem de pagamento para a conta nº 58141-0 Ag 0120 - Bradesco - SP

Escolha a estampa, (ref.) na frente ou nas costas da camiseta, com cor, tam. e quantidade. Mande seu pedido em folha separada, bem legível com nome e endereço completos
BIZZ 68

REF	COR	TAM.	frente	costas

Foto Ivan Sheehan (F)

Mais um atestado de óbito na cirandinha pop: Bronski Beat. Sem Jimmi Sommerville, trata-se apenas de um trio de frutinhas tocando tecnodisco para funcionários de banco, como pode-se comprovar ouvindo "Hit That Perfect Beat" (ah, se o entortador de cangotes Afrika Bambaataa escuta essa...). Quanto a Sommerville e outra notória louca, Marc Almond, ambos incorreram na ira da machona Donna Summer, por sua salerosíssima regravação de "I Feel Love". Donna, como se sabe, odeia frutas e adora mesmo é entubar uma brachola.

Nem todas as bandas de Manchester fazem o look depê total ou discorrem sobre a iminente desintegração deste universo fétido. A exceção é o Quando Quango, ultradançante e mais "up" do que verão na Califórnia. Destilaram seu supra-sumo no primeiro álbum, Pigs and Battleships, um dos melhores da safra de fim de 85. Em uma enquete entre a moçada black, o Quando deu direto como a banda branca favorita. Te cuida, New Order.

Fecho a melhor radio pirata de Londres, a **Dread Broadcasting.** Pau interno. A Dread, rasta até a medula, tocava reggae 24 horas por dia, desde a turma das paradas até cassetes de fundo de quintal de Kingston Jamaica.

Um infecto porão no meio do Soho decorado com teias de aranha, castiçais caindo aos pedaços e servindo cerveja em um moco perto do banheiro continua sendo a melhor coisa da noite londrina. Apesar da infindade de opções em todos os gêneros todos os dias. Trata-se do **Jean Pierre** — a versão local do Carbono 14. Na sexta e a noite dos independentes. Toda a parada dos independentes das 23 h ate as 6 h da manhã. Campeões de pista: **Cult** e **Cramps**. No sabado e a noite psicodelica, com os mais *trashy* garage bands do planeta. Satisfação garantida e um ônibus de volta na Trafalgar Square entupida de bêbados. Fama presença de insinuantes lunistas espanholas e suecas.

Celebridades a-go-go badalando: The Edge, do U2, de negro, com uma loiraça; Jeff Beck, de jeans e casaco de couro, com outra loiraça; David Gilmour, ex-Pink Floyd, gordo como uma barrica; Patsy Kensit, a tesudinha pin-up de *Absolute Beginners*, versão anglo-saxã de Madonna; e, claro, o anfitrião da festa, Pete Townshend, com cara de "eu não tenho nada a ver com isso". Tinha, porque a festa era para promover *White City*. Mais uma dessas histórias "ouça o disco, veja o filme/ leia o livro/ compre a camiseta, masque o chiclete etc. ..." Townshend escreveu o livro, produziu o filme, gravou o disco e chamou um australiano para botar tudo na tela. É a história do reencontro de um famoso rock star (adivinha quem) com um amigo de infância que permaneceu no bairro proletário de White City em eterno baixo astral. Mais uma ego-trip de Townshend. O filme passou sem ninguém perceber. As pessoas estavam mais interessadas é em desfilar seus ultimos modelitos de Yamampto e Cia.

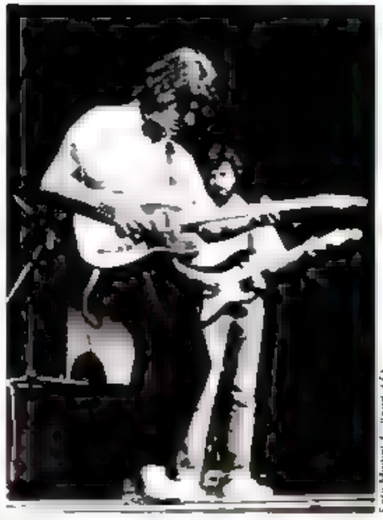


Foto Michael Sullivan (F)

Jeans imaculados, camisinhas passadas a ferro, botas brilhando de verniz, dobros, autoharps, banjos, bandolins, sobretons de Byrds, John Sebastian, Dylan, Electric Prunes e Barracudas. O que é isso, um renascimento ambulante? Mais ou menos. É o Long Ryders, fazendo o look "americano em Paris". Competentes, ao vivo. Nada comprometedor. Mas um problema sério: o vocalista tenta cantar à John Fogerty e quando não dá passa para Roger McGuinn. Desse jeito, ficamos mesmo é com os bons e velhos vinis dos anos 60.

Robert Zimmerman, o dito ex-porta-voz de uma geração, esteve aqui em Londres, em estudio, mas ninguem viu. **Só o Whistle Test,** da BBC, que lhe conseguiu arrancar um arremedo de entrevista. Mas Bob Dylan, notório lacônico, nao falou nada. Reclamou de problemas de estudio, da sua performance no *Live Aid*, ao lado de **Mr. Richards** e de **Mr. Wood**, e fez cara de saco cheio durante os três minutos e meio de "papo". Ele veio a Londres para ensaiar com **Dave Stewart,** dos Eurythmics, que está com a bola toda como produtor. O som é puro rhythm'n'blues, e deve sair daí o novo LP de Zimmerman. **Feargal Sharkey,** ex-Undertones, que tomou um banho de butique e entrou de cabeça nos grandes esquemas pop com seu album solo, também participou de uma sessão com Dylan e Stewart. Só que essa foi antes — e rendeu um video em branco e preto para promover *Empire Burlesque*.

Triciclo
Triway
By MOTOWAY
UM VERDADEIRO ATC NACIONAL AGORA TOTALMENTE REVERSÍVEL
MECÂNICA HONDA CG 125
PRONTA ENTREGA
A MELHOR OPÇÃO, AO SEU ALCANCE, PARA O LAZER E O TRABALHO, COM CONFORTO, AGILIDADE, SEGURANÇA E ECONOMIA
REPRESENTANTES EM SÃO PAULO-SP
SHOW ROOM CENTER
Av. dos Bandeirantes, 5254
Fone: (011) 579-7057
MALIBU MINICAR
Av. Juscelino Kubitschek, 1610
Fone (011) 210-1950
MOTOWAY
R. Morais Barros, 1079
Piracicaba-SP-Cep. 13400
Fone: (0194) 34-1255

TRANSMOTO O REBOQUE QUE REVOLUCIONOU O TRANSPORTE DE MOTO!
• Transmoto leva sua moto, inclusive 450 cc economicamente
• Total segurança e proteção • Fabricado em aço reforçado • Ideal para trânsito urbano e estradas • Dispensa TRU e emplacamento
• Não ocupa espaço (cabe no porta-malas.
ANDORINHA
IND E COM DE PEÇAS USINADAS EM GERAL LTDA
Rua Baumann, 1149 Tels. (011) 832 5439 e 240 8340 CEP 05318 V. Hamburguesa SP
Representantes
Rio MOTOMANIA Tel (021) 257 7789

TRANSFORME SUA MOTO NUM TRICICLO!
(OU MICRO-TRATOR)
TRICICLO ASCOT 250 cc com carreta para carga de até 400 k.
TRICICLO ASCOT modelo RACING, feito a partir de Montesa 250.
Ascot TRICICLOS
ASCOT Indústria e Comércio de Triciclos Ltda.
Rua Fernando Lopes, 1599 - Fone: (0194) 34-9962
CEP 13400 - Piracicaba - SP

Foto Ernesto Abril

JOÃO GILBERTO
AMOROSO (1978)

Se tivesse sido gravado no Brasil, eu não hesitaria em apontar o *Amoroso* de João Gilberto como o melhor disco brasileiro de todos os tempos. Como não foi, posso apenas declarar que é, desde que saiu, meu disco mais querido e ouvido, permanentemente. Tanto que a cópia atual já é a quarta ou quinta, com as anteriores vencidas pela paixão e o uso.

Amoroso — como todos os discos de João — é perfeito, mas é mais, porque mais brasileiro e mais internacional. João canta Gershwin em inglês, Consuelo Velasquez em espanhol e Bruno Martino em italiano. E Tom Jobim, Chico Buarque, Haroldo Barbosa, Newton Mendonça, o Brasil.

Quando canta "S' Wonderful" e se ouve, pela primeira vez, o sotaque baiano de João é quase engraçado. Mas logo se descobre que nada ali é acaso ou limitação. Ou alguém é capaz de imaginar que, sofisticado como é, com o mitológico ouvido que tem, João não seria capaz de reproduzir com precisão absoluta as sonoridades da letra original? Mas não: ele preferiu uma maneira de dizer a letra onde as palavras inglesas soassem como se brasileiras fossem — em rigorosa harmonia com o ritmo e o clima rigorosa e sinteticamente brasileiros que ele criou com sua voz, violão e gênio: uma das expressões máximas das práticas (teorias) de antropofagia cultural de Oswald de Andrade. E da "universalidade do regional" de Mário de Andrade.

Assim, um clássico do melhor jazz americano, uma canção já mil vezes cantada de mil formas não só resulta e soa como nova na interpretação de João como indiscutivelmente brasileira, inclusive a letra em inglês.

"Estate" é, talvez, entre todas as canções que amo de meu artista mais querido, a mais amada. Escrita na década de 50 pelo italiano Bruno Martino, a música virou outra depois de João, como o autor e os críticos italianos reconhecem. O que era uma música de piano-bar como tantas do estilo "night-club" que marcou a música italiana da época, com João ganhou uma harmonização sofisticada, elegante e surpreendente, como as já belas sonoridades da letra italiana valorizadas ao máximo através do "abrasileiramento" sonoro integrando ao ritmo e ao som do violão. E mais: João eliminou da letra original a desamorosa expressão "ti odio" (te odeio), que precedia as palavras de Martino sobre o verão *(estate*, em italiano), numas de "te odeio, ó verão, pelos beijos perdidos, amores, ilusões etc...".

Com João, o verão de Martino perde o ódio por tudo de bom e bonito que fez nascer, terminar e se transformar em clássico universal contemporâneo — nas vozes que melhor ouvem, segundo dizem e escrevem.

"Wave", a original, está em *Amoroso*, junto com a hitchcockiana versão de "Retrato em Branco e Preto", de tirar o fôlego. E o não menos clássico "Triste", como veio primeiro à luz do som.

O disco, a obra-prima, foi penosamente produzido por um doce amigo americano, craque do *music world*, chamado Tommy Li Puma, produtor de Miles Davis para cima e legionário do joão-gilbertismo militante. Arranjos de Claus Ogerman, o mestre que jobino-gilbertizou o jazz com precisão germânica e mãos de seda.

Um disco onde nada é de mais ou de menos e a extrema complexidade soa amorosamente clara e simples, junto, dentro e em volta da voz de João.

Nelson Motta

P.S.: Se for um disco gravado no Brasil, o favorito é *Brasil* — o disco —, com Caetano, Gil e Bethânia sintetizando a música e a mágica da Bahia e do Brasil — o país. Obra-prima absoluta em design, repertório, arranjos (de Johnny Mandel) e interpretações, cada um exercendo sua luminosa individualidade a partir, em volta e além do gênio.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ilse Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Longgro, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça
Editor: José Emílio Rondeau
Consultor Especial: José Augusto Lemos
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Peruoci
Repórter: Luiza de Oliveira
Assistente de Redação: Sônia Maia
Chefe de Arte: Cristina Carrabrava Arruda; **Chefe de Paginação:** Rodolfo Tucci; **Diagramador:** Claber V. Garcia
Produtor de Texto: Jorge Toth
Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima
Assistente de Promoções: Ana Lúcia Dip Dalton
Colaboradores - Textos: Alex Antunes, Alexandre Dines, Alidé Vogt, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Guilo, Carmen Pereira, Jerneri França, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Marazas (New York), Pepe Escobar (Londres), Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Dantas, Luis Gomes, Mauricia Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Milioni. **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 331585 e 332909; **Nova York:** Odilla Liceti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 5900/5983; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2° Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex: ABRIL PA 660731F
Departamento de Documentação - Gerente: Aura Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Carneiro
Gerente de Publicidade: Carlos Alberto F. de Araújo
Representantes: Ricardo Costa Real, Marcos A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Rio - Gerente: Getúlio T. Batista; **Representante:** Raimundo Maia
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costi
Florianópolis: Gersido Nilson de Azevedo
Fortaleza: Alcysio Canero Filho
Porto Alegre: Elcanho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitório Cazaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Casi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Gervaire
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Lídia de Lima Dória Cassell

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Gersido Fausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel. (011) 545-8122, Telex: (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: EditoraAbril press. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, CEP 02515, tel. (011) 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Aimorés, 386, 2° andar, salas 201 e 208, CEP 30000, tel. (031) 224-6855, Telex: (031) 1085; **Brasília:** SCS - Quadra 1, Bloco I, n° 30, Edifício Central, 10°, 12° e 13° andares, CEP 70304, tel. (061) 224-9150, Telex: (061) 1454, Telegramas: Abrilpress; **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 451, 2° andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel. (041) 262-8833, Telex: (041) 5278; **Florianópolis:** av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, sala 101, CEP 88000, tel. (0482) 22-7626; **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3080, salas 516 e 518, CEP 60000, tel. (085) 224-0410, Telex: (085) 1607; **Porto Alegre:** av. Getúlio Vargas, 774, 3° andar, salas 301 e 308, CEP 90000, tel. (0512) 33-2899, Telex: (0511) 1092, Telegramas: Abrilpress; **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9° andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel. (081) 224-0977, Telex: (081) 1184; **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8° ao 11° andares, CEP 22290, tel. (021) 295-5282, Telex: (021) 22574, Telegramas: EditoraAbrilpress; **Salvador:** r. Itaburaí, 304, CEP 40000, tel. (071) 247-3999, Telex: (071) 1190. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Ferais, 2685, Camarate, Lisboa. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril da sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 102, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

VISTA-SE DE BRASIL DESDE JÁ COM O PACOTÃO MÉXICO 86.

PEDINDO AGORA O UNIFORME COMPLETO DA SELEÇÃO BRASILEIRA, PARA ADULTOS E CRIANÇAS. ACOMPANHA UMA BANDEIRA E UMA CORNETA PARA VOCÊ VIVER TODAS AS EMOÇÕES DA COPA DO MUNDO.

COMPONENTES DO PACOTÃO MÉXICO 86:

01 CAMISETA DA SELEÇÃO BRASILEIRA (ESCOLHA O Nº DO JOGADOR DE SUA PREFERÊNCIA)
01 CALÇÃO AZUL
01 PAR DE MEIAS
01 BANDEIRA PLASTIFICADA
01 CORNETA - TROMBONETE

TAMANHOS	PREÇOS P/ PED.C/ CHEQUE OU V. POSTAL
2-4-6 ANOS	$ 270.000,
8-10-12-14 ANOS	$ 300.000,
ADULTOS: P-M-G	$ 330.000,

PARA VOCÊ PAGAR AO RETIRAR NO CORREIO DE SUA CIDADE 10% A MAIS NO TOTAL DO PEDIDO

Mande seu pedido hoje mesmo acompanhado de cheque nominal, que nós despacharemos em 48 horas.

ATENÇÃO: NÃO VENDEMOS SEPARADAMENTE
ESTOQUE LIMITADO

TAM.	Nº DO JOGADOR NAS COSTAS	QUANTIDADE

FRETE GRÁTIS PARA PEDIDOS ACIMA DE DOIS PACOTÕES MÉXICO 86.
PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 31/05/86.

ENVIE SEU PEDIDO ACOMPANHADO DE CHEQUE NOMINAL A HOT HITS.
NOVO ENDEREÇO: AV. SANTO AMARO, 4438 - SALA 12 - CEP. 04556 S.P. - CAPITAL.
OU ORDEM DE PGTO. P/CONTA Nº 58-141-0 AG. 0120 BRADESCO SP.

PEDIDOS POR ATACADO - FONE: 948.1329

Certo e Errado na Moda

Gênio! A seção "Certo e Errado" que sempre fez o maior sucesso em *Capricho*, virou um livrinho especial que você ganha grátis junto com a edição deste mês!

Miauuuuu!
Capricho é a Revista da Gatinha.

POR UMA INFRA-ESTRUTURA PARA O ROCK

Foto Luis Gomes

Carlos Arruda

Montar e desmontar uma cidade do rock por ano acaba sendo inviável

Imagine uma turnê de Bruce Springsteen no Brasil com shows marcados em Porto Alegre, Rio, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Salvador, Belo Horizonte, Recife e na cidade onde você mora.

Imagine outras excursões: U2, Dire Straits, Madonna, Tears For Fears, Frank Zappa, Duran Duran, Rolling Stones em todos os cantos do país, ou no mínimo perto de onde você possa ir.

Já pensou? Agora pense "*onde*" nós poderíamos ouvir o Bruce no Rio: No Maracanã? No Sambódromo? E aqui em São Paulo, onde é que poderíamos nos abrigar para receber o Dire Straits? E na sua cidade, qual o espaço disponível, com infra-estrutura necessária para este tipo de show?

Montar e desmontar uma cidade do rock por ano, ou a cada festival, além de inviável economicamente, acaba concentrando uma overdose de rock de uma só vez, numa única localidade e de dois em dois anos. Melhor seria um grande grupo por vez, e sempre, por todo o país.

Planejamento e local ideal

O Rock in Rio, mesmo com as deficiências de conforto e com o azar da chuva, explodiu em nossos ouvidos com uma qualidade de som nunca vista ou conseguida em espaços abertos. Mas isto só foi possível graças ao planejamento e construção de um local ideal para isso, provando no final das contas que gramado e estádio de futebol deviam ser melhor aproveitados pelos times brasileiros, e não para shows em que planejamento e técnica não podem prejudicar o som dos grupos que se apresentam.

Agora, se cada cidade montasse a sua cidade do rock, não faltariam shows, nem empresários e empresas dispostos a patrocinar e trazer gente de fora. Estes espaços, uma vez montados, não precisariam ser desmontados.

Incentivariam a presença com som de qualidade dos grupos brasileiros, que poderiam até aprender a tocar ao vivo e a se desenvolverem permanentemente. As prefeituras, através de suas Secretarias de Cultura, poderiam promover eventos diversos à população: concertos sinfônicos, desfiles de escolas de samba, comemorações cívicas, exposições, happenings, e até receber todos os papas.

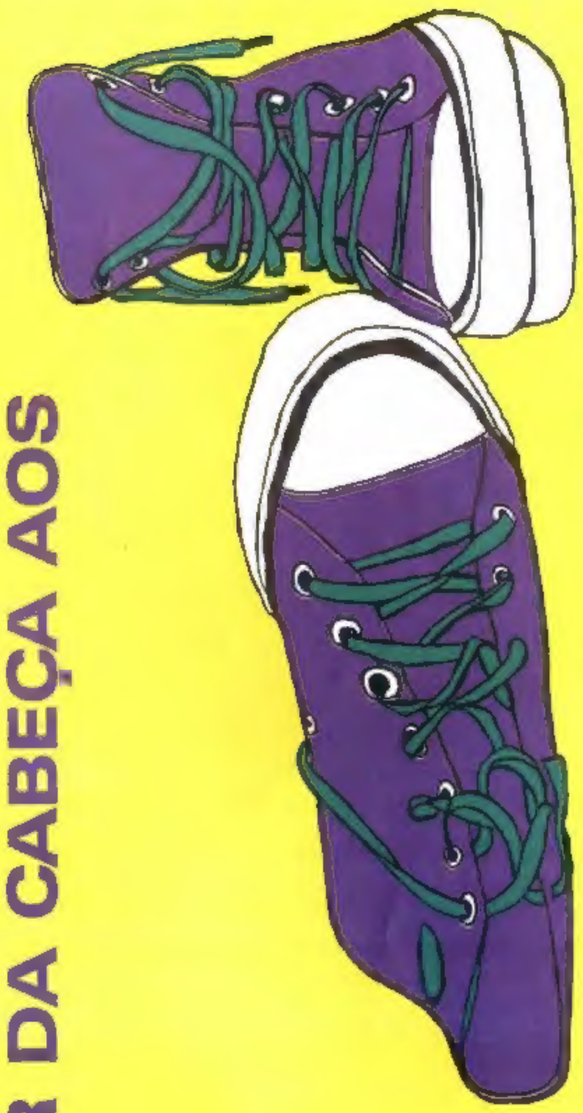
A população ganha seu espaço cultural, as prefeituras ganham um centro vital, e a cidade ganha e vive a efervescência cultural que merecemos.

Tudo isso é muito bonito, eu aqui escrevendo e você lendo. Mas precisamos agir, pedir aos nossos prefeitos, exigir este espaço. Encontre seu jeito de fazer esta pressão.

Afinal, nossas platéias estão cheias de palcos vazios.

MÊS QUE VEM NA BIZZ TEM: ENTREVISTAS COM *BONO* (U2) E *PAUL McCARTNEY* ▽ O SHOW DO *ECHO & THE BUNNYMEN* EM LONDRES # UM FILMAÇO COM *SADE* E *DAVID BOWIE* Ψ

A MODA QUE FAZ VOCÊ VIAJAR DA CABEÇA AOS PÉS.



FOOT·TRIP

Representantes: Paraná (041) 243-2388; Pernambuco (081) 326-3539; Bahia (071) 244-5350; Santa Catarina (048) 844.1823; Minas Gerais (031) 341-1089; Rio Grande do Sul (051) 243-2385.

Loja e Pronta Entrega
Rua dos Italianos, 287 - São Paulo - Capital
fone: (011) 220-6311

REVOLUÇÃO NAS ONDAS DO RÁDIO.

Você, que curte um rock, vai se amarrar.
Gire o botão do seu dial para a 89 FM.
Você vai ouvir os mais incríveis lançamentos de conjuntos nacionais e estrangeiros.
Mas vai ouvir também o que é sucesso no mundo da música.
Agora só falta você entrar nesse ritmo.
Sintonize a 89 FM.
E faça uma revolução eletrizante nas ondas do seu rádio.

89 FM

Os rebeldes sem Rádio agora têm a 89 FM - SÃO PAULO

ELTON JOHN

ICE ON FIRE

ICE ON FIRE É O NOVO LP DE ELTON JOHN.
AQUI ESTÃO NIKITA, CRY TO HEAVEN,
SOUL GLOVE, THIS TOWN,
TOO YOUNG, WRAP HER UP,
TELL ME WHAT THE PAPERS SAY,
SATELLITE, CANDY BY THE POUND
E SHOOT DOWN THE MOON.

PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda.

VOCÊ NÃO PODE PERDER

RPM

revolução por minuto

RPM A BANDA DO ANO

O ROCK BRASILEIRO COM 120.000 DISCOS VENDIDOS